



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**MARIA ALICE WEBER FERREIRA**

**Mulheres, corpos, maternidades: singularizações e ideais sociais**

**Florianópolis  
2014**



MARIA ALICE WEBER FERREIRA

Mulheres, corpos, maternidades: singularizações e ideais sociais

Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a qualificação de mestrado em Psicologia.

Área de Concentração: Práticas Sociais e Constituição do Sujeito.

Linha de Pesquisa: Gênero, Gerações e Diversidades.

Orientadora: Dra. Mériti de Souza

Florianópolis  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferreira, Maria Alice Weber

Mulheres, corpos, maternidades : singularizações e  
ideais sociais / Maria Alice Weber Ferreira ; orientadora,  
Mériúti de Souza - Florianópolis, SC, 2014.  
166 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. maternidade. 3. corpos. 4.  
psicanálise. 5. ideais sociais. I. Souza, Mériti de. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia. III. Título.

***Maria Alice Weber Ferreira***

***Mulheres, corpos, maternidades: singularizações e ideais sociais***

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 26 de fevereiro de 2014.

Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré  
(Coordenadora - PPGP/UFSC)

Dra. Mériti de Souza  
(PPGP - UFSC - Orientadora)

Dr. Francisco Hashimoto  
(UNESP - Examinador)

Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa  
(PPGP - UFSC - Examinador)

Dra. Mara Coelho de Souza Lago  
(PPGP - UFSC - Suplente)



*À Maria Carolina, minha inspiração para ser uma pessoa melhor, meu  
amor incondicional.*

*Ao Fabiano, meu companheiro de todos os momentos da vida.*



## **Agradecimentos**

Agradeço à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mériti de Souza por as orientações durante esses dois anos e a maneira cuidadosa que conduziu esses momentos.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Francisco Hashimoto, Prof. Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa e a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mara Coelho de Souza Lago, agradeço por terem aceitado o convite e por suas contribuições.

Sou grata as três mulheres, por terem aceitado participar da pesquisa e falarem de suas vidas, suas experiências com a maternidade e confiado em mim para escutá-las.

À Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mônica Medeiros Kother Macedo, mestre primeira, pois despertou em mim o gosto e encanto pela Psicanálise já na graduação. Assim como, por ter participado da banca de qualificação desta pesquisa, no qual suas orientações fecundaram no decorrer do trabalho, pelos momentos de troca que compartilhamos.

À Marilena Deschamps Silveira, amiga e minha referência primeira na Psicanálise em Florianópolis, pelo incentivo no estudo da Psicanálise e ao mestrado, no qual durante esses dois anos me emprestou e sugeriu alguns livros para fundamentar meu tema de pesquisa.

À amiga Rita, pelo interesse, disponibilidade, momentos de interlocução e indicação de participantes para a pesquisa.

À amiga Carla Saldanha, por sua disponibilidade, interesse e ter confiado no meu trabalho e indicado participantes para a pesquisa.

À Marli, uma amiga preciosa que entreou na minha vida nos últimos anos, sou grata pelas orientações e trocas que aconteceram desde a época da seleção do mestrado, e que perduraram por esses dois anos. Obrigada por cada sugestão, cada momento que sentou comigo para lermos juntas o trabalho e discutí-lo, assim como, por sempre estar disposta e disponível para ler meu trabalho e dar sua opinião. Você foi muito importante para mim na realização desta pesquisa.

À minha amiga Viviane, que vibra comigo a cada conquista, que durante o mestrado sempre se mostrou interessada em como a pesquisa estava se desenhando, e mesmo não sendo da área me fazendo perguntas pertinentes, no qual me ajudava a pensar e esclarecer questões relevantes no trabalho, Além de ter se disponibilizado a ler o trabalho e emitir sua opinião sobre o mesmo.

As minhas amigas e colegas, Nalú, Dinamar e Roberta, por torcerem por mim, pelos momentos que compartilhamos e interlocuções.

As minhas avós, Eva Sueli e Laurry, por sempre me incentivarem e acreditarem no meu potencial, pelos momentos de vida e afeto que compartilhamos.

À minha mãe, Mirian, por não duvidar da minha capacidade de entrar no mestrado, encorajar e apoiar minha vida profissional, pelo seu afeto incondicional.

Aos meus sogros, Judit e Turchetto, por acreditarem e respeitarem o meu trabalho, pelos momentos de descontração que tivemos, momentos esses necessários para continuar.

Ao Fabiano, meu marido, companheiro, amigo, por ser a pessoa que mais me encoraja, me desacomoda, que confia em mim e no meu potencial. Por ser uma pessoa que posso contar em todos os momentos, por inúmeras vezes me deixar estudando ou me esperar com uma comidinha sensacional, que repõe minha energias e pensamentos, por compartilhar todos os momentos da vida comigo.

Um agradecimentos muito especial à minha filha, Maria Carolina, por sua atenção, entusiasmo, carinho, afeto, sorriso, companhia, por ser essa menina que só me dá orgulho. Por me acompanhar algumas vezes nas minhas orientações e esperar pacientemente, sem interromper ou questionar nada. Por estar comigo, me incentivando sempre, inclusive no dia da minha defesa, só a sua presença me dá forças e faz com que eu me empenhe em dar o meu melhor. Agradeço todos os dias por tê-la na minha vida, eu a amo incondicionalmente.

## **Resumo**

Históricamente, o feminino, a maternidade e a sexualidade continuam sentidos específicos associados a prescrições sociais e culturais, e esses sentidos e prescrições foram mudando ao longo do tempo. Atualmente, vivemos em uma época na qual a questão da estética corporal é valorizada, visada e bastante difundida nos meios midiáticos, tais como televisão, revistas, jornais e internet. Há uma busca incessante pelo corpo perfeito, que consiste em ser magro, esbelto, malhado, sem marcas, como estrias e celulites. Esta pesquisa busca investigar como mulheres singularizam as transformações de seus corpos decorrentes da gestação e parto, diante dos ideais estéticos contemporâneos. Para isto, foram entrevistadas três mulheres que já passaram pela gestação e se encontravam no mínimo quatro meses após o parto. O referencial teórico e metodológico utilizado para fundamentar esta pesquisa é a Psicanálise freudiana, principalmente os conceitos que auxiliam na compreensão da construção do corpo pulsional, da sexualidade, da maternidade. Nessa pesquisa, as mulheres-mães elaboraram e se apropriaram, de forma singular, dos ideais estéticos sociais a partir da sua constituição psíquica articulada ao corpo pulsional, a maternidade, a sexualidade.

Palavras-Chave: corpo, maternidade, ideais sociais, Psicanálise.



## **Abstract**

Historically the feminine, motherhood and sexuality contained specific meanings associated with social and cultural requirements, and these senses and requirements have changed over time. We currently live in a time when the issue of aesthetic body is valued, targeted and widespread medium in media such as television, magazines, newspapers and internet. Currently, there is a never ending quest for the perfect body, which is to be slim, slender, well-toned, no marks, like stretch marks and cellulite. This research investigates how women singularize the transformations of their bodies from pregnancy and childbirth, front of contemporary aesthetic ideals. For this, three women who have gone through pregnancy and at least four months after childbirth were interviewed. The theoretical and methodological reference used to support this research is Freudian psychoanalysis, particularly the concepts that assist in understanding the construction of the pulsional body, sexuality, motherhood. In this research women-mothers developed and appropriated singularly the aesthetic social ideals from its psychic constitution articulated the pulsional body, motherhood, sexuality.

**Keywords:** body, motherhood, social ideals, psychoanalysis.



## SUMÁRIO

<b>INICIANDO A ESCRITA.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FEMINILIDADE, CORPO E PSICANÁLISE: LEITURAS DA PSICANÁLISE FREUDIANA E ALGUMAS CRÍTICAS .....</b>	<b>33</b>
1.1 Recorrendo a Freud .....	33
1.2. Constituição do Eu e dos seus Ideais a partir de Freud .....	40
1.3 Feminilidade em Freud e em autores pós-freudianos: aspectos da maternidade, do corpo e da diferença sexual.....	61
<b>CAPÍTULO 2 – UMA NOTA SOBRE O MÉTODO .....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>87</b>
3.1 Análise da entrevista com D.....	87
3.2 Análise da entrevista de L. ....	114
3.3 Análise da entrevista com V.....	131
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>151</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>157</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>167</b>



## INICIANDO A ESCRITA...

Os lugares atribuídos às mulheres na sociedade vêm mudando ao longo da história, assim como o lugar da maternidade em suas vidas. No processo civilizatório, isto é, mediante as transformações sociais, culturais e econômicas que a humanidade atravessa, as mulheres constituem-se no e pelo social – a produção cultural decorrente das transformações da civilização. Dessa forma, as concepções que vão sendo postas pelo social inscrevem-se nas mulheres, que as elabora e as singulariza como atribuições pertinentes à sua função na sociedade e na maternidade. Nos tempos atuais, esse processo ainda acontece; porém, é importante considerar as mudanças ocorridas nos campos social, econômico, cultural e subjetivo.

Contextualizando, as mulheres no processo histórico-cultural, de acordo com Scavone (2001), após a Segunda Guerra Mundial e a expansão industrial, inseriram-se no mercado de trabalho saindo de casa, ampliando e diversificando seu papel na sociedade. E, com o avanço da medicina e da tecnologia e o advento dos métodos contraceptivos, as mulheres passaram a ter no seu espectro de escolhas “ser” ou “não ser” mãe.

Desde a Antiguidade, os sexos eram concebidos de maneira hierárquica e o sexo feminino era considerado sinônimo de inferioridade, obscuridade e associado a dificuldades éticas. Já o sexo masculino estava vinculado à superioridade, luminosidade e, portanto, associado à capacidade ética. Na virada do século XIX, constituiu-se o discurso sobre a diferença sexual, o que provoca o deslocamento do paradigma do sexo único para outro, o da diferença sexual. A partir do paradigma da diferença sexual, os homens e as mulheres foram concebidos como essencialmente diferentes, e essa diferença foi definida tendo como referência os aspectos anatômicos e fisiológicos de cada sexo. As diferenças entre os homens e as mulheres influenciaram, além das relações entre si, as atribuições e as inscrições no espaço social, o qual definiria as possibilidades e as finalidades sociais para os dois sexos (BIRMAN, 2001b). Com isso, as diferentes inserções sociais do sexo masculino e feminino passaram a ser legitimadas pelo determinismo natural de sua anatomia, que delineava funções diversas e discriminadas para ambos os sexos. A hierarquia entre os sexos recebeu um novo cenário, baseada em questões biológicas e legitimadas pelo discurso científico. Nesse processo social e civilizatório, instituiu-se o

modelo patriarcal, em que os homens passaram a ser o responsáveis pelo sustento da família, o sujeito ativo no processo da civilização, enquanto as mulheres tinham como destino o casamento, a maternidade e eram vistas como um objeto reprodutor.

A autora Mary Del Priore (2009), no seu livro intitulado “Ao sul do corpo”, traz contribuições a respeito dos discursos normativos e ideais sociais atribuídos às mulheres no período da colonização do Brasil. Assim, ela reconstrói e analisa, mediante documentos, o papel das mulheres na sociedade da época do Brasil Colônia, entre os séculos XVII – XVIII. A autora contextualiza como os discursos normativos daquela época foram domesticando as mulheres em todos os setores das suas vidas. Esses discursos normativos eram pregados principalmente pela Igreja, instituição na qual veio, juntamente com os portugueses, colonizar o Brasil.

Contudo, a autora aponta algo interessante. As mulheres, diante desse cenário, passaram a fazer uso da maternidade como uma maneira de se opor a essa opressão sofrida. Nas palavras da autora, as mulheres “refugiaram-se na realização da maternidade como uma forma de resistência ao controle masculino” (p. 24). Destaca, ainda, que a maternidade estava a serviço de marcar algumas “diferenças de gênero” (p. 25), pois o fenômeno de gerar a vida é um tributo biológico exclusivo da mulher.

Del Priore (2009) afirma que

a Igreja apropriou-se também da mentalidade androcêntrica presente no caráter colonial e explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher, incentivando a última a ser exemplarmente obediente e submissa. A relação de poder já implícita no escravismo reproduzia-se nas relações íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar roupa, servir o chefe da família com o seu sexo, dando-lhe filhos que assegurassem a sua descendência e servindo como modelo para a sociedade familiar com que sonhava a Igreja (p. 26).

Esta afirmação, de uma maneira sintética, demonstra a intenção da Igreja no cenário da colonização. Principalmente no que se refere ao lugar das mulheres na sociedade e, com isso, a maneira como estas

foram sendo adestradas para: servir e se subordinar ao homem; permanecer no ambiente doméstico; e, fundamentalmente, ter como seu destino a maternidade.

Com o surgimento da Revolução Francesa e sua luta por igualdade de direitos entre os sexos, o paradigma do sexo único foi abandonado. A prerrogativa de que todos são iguais perante a lei demandava que todos devessem ter a possibilidade de acesso às mesmas posições sociais, bem como aos mesmos direitos e deveres. Entretanto, a Revolução Francesa, com seus ideais, suas propostas de reorganização social, de novas concepções sobre os homens e as mulheres articuladas às novas formas de relacionamento, permitiu que outros argumentos fossem produzidos para dificultar ou impedir o acesso das mulheres à igualdade de direitos. No artigo intitulado “O enigma da igualdade” (2005), Joan Scott analisa questões referentes aos conceitos de igualdade e diferença, indivíduo e identidade grupal, trabalhando-os como paradoxos, sem necessariamente ter que optar por um ou por outro. A autora pontua que geralmente, segundo a referência do conhecimento moderno, esses conceitos são entendidos como opostos, em que a escolha de um implica a desconsideração do outro. Scott (2005) argumenta

que indivíduos e grupos, que igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão. As tensões se resolvem de formas historicamente específicas e necessitam ser analisadas nas suas incorporações políticas particulares e não como escolhas morais e éticas intemporais. (p. 14)

De acordo com a autora, a Revolução Francesa tinha como objetivo a igualdade, defendia que todos tivessem os mesmos propósitos políticos e os mesmos direitos e buscava estender a cidadania para todas as pessoas. No entanto, esses direitos e a cidadania eram negados às pessoas pobres ou aos considerados “dependentes para exercerem o pensamento autônomo” (SCOTT, 2005, p. 15). Aqueles que, de fato, tinham seus direitos respeitados eram as pessoas que possuíam determinada quantia de propriedades ou posses, sendo na verdade poucos os que usufruíam de seus direitos e eram considerados cidadãos. Aos escravos e às mulheres era negada a cidadania, aos primeiros porque eram considerados posses de outros, já as mulheres “porque seus

deveres domésticos e de cuidado com as crianças eram vistos como impedimentos à participação política” (SCOTT, 2005, p. 15). Assim, apesar de o discurso da Revolução Francesa defender a igualdade de direitos, esse mesmo discurso buscou uma maneira de impossibilitar ou adiar o acesso da mulher à mencionada e almejada igualdade de direitos.

Diante da breve contextualização histórica exposta, pode-se pensar que o feminino, a maternidade e a corpo contêm sentidos específicos associados a normas sociais e culturais, como a noção de que a mulher seria supostamente subordinada ao homem e que a sua função na sociedade restringir-se-ia à reprodução. Entretanto, esses ideais sociais se articulavam de acordo com as apropriações que cada pessoa fazia deles. Esse é um ponto importante na justificativa teórica deste projeto, em que o referencial é a psicanálise, pois a teoria psicanalítica trabalha com a concepção de constituição subjetiva, valorizando o singular articulado com o coletivo<sup>1</sup>. Freud<sup>2</sup>, fundador da psicanálise, assim transitava por seus conceitos. Ele utilizava questões referentes ao social, ao cultural, para fundamentar ou justificar o que estava propondo a respeito do singular, da constituição psíquica (BIRMAN, 2001a; MEZAN, 2002). Portanto, o referencial teórico psicanalítico ocupa-se tanto do singular – as apropriações que as pessoas fazem do social – quanto do coletivo – que se associa aos ideais sociais.

É importante mencionar que o entrelace feito entre o singular e o coletivo, ou seja, a maneira como eles se articulam na constituição psíquica e singular de cada um, diz respeito a todo o trabalho desenvolvido pelo próprio Freud, que afirma não localizar uma separação estrita entre o social e o individual. Como exemplo, lembro que o autor abre o artigo “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1996), afirmando que:

---

<sup>1</sup> As questões referentes às estratégias de produção do conhecimento utilizadas na pesquisa serão analisadas no capítulo sobre o método.

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, utilizei as Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 2007, traduzida direto do alemão para o português, em que o coordenador geral da tradução é Luiz Alberto Hanns. Com intuito de situar o leitor, os informarei via nota de rodapé. No entanto, como essa tradução não cobre toda a obra de Sigmund Freud, para os demais textos que ela não cobre utilizei a Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1996. Informo que os textos utilizados da Edição Standard Brasileira foram cotejados com a Sigmund Freud Obras Completas, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991.

apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliando mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (p. 81).

Nesse contexto das referências psicanalíticas, é importante destacar a sexualidade na obra freudiana como uma descoberta fundante da teoria, uma vez que por ela perpassa todo o entendimento psicanalítico do sujeito. Através da escuta das históricas, Freud descobriu que o sintoma que elas apresentavam no corpo também representava um desejo sexual inconsciente e insatisfeito. Quando Freud evidenciou à sociedade vienense, e depois ao mundo, a sexualidade infantil, causou grande impacto e desconfiança (FREUD, 1905/1996).

O fato é que, até então, a criança era tida como assexual, ingênua e angelical. No artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicado em 1905, Freud apresenta seus argumentos para fundamentar a teoria sexual infantil e, a partir dela, retirar a criança desse lugar socialmente definido, o da ingenuidade. Mostra que a criança vivencia uma sexualidade infantil, que busca no próprio corpo o prazer. É na relação com o outro, em particular com a mãe ou com aquele que exerce essa função, que se constitui a sexualidade. Portanto, é na vivência dessa relação constitutiva que, através da repetição, vai inscrevendo o que é da ordem do prazer, da satisfação no psiquismo da criança. Desta forma, a sexualidade infantil está marcada pela parcialidade da pulsão<sup>3</sup>, ou seja, a satisfação sexual está no próprio

---

<sup>3</sup> Na tradução direta do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns, o conceito de *Trieb* foi traduzido por pulsão. Diferentemente da tradução da Standard Edition feita do alemão para o inglês, em que o termo *Trieb* foi traduzido por *instinct*. Assim como as Obras Completas da Edição Standard em português foi traduzida a partir Standard Edition em inglês, o termo *Trieb* foi traduzido por instinto. Pulsão (Trieb) é um conceito fundamental para a psicanálise, de acordo com Luiz Alberto Hanns (coordenador geral da tradução do alemão para o português), em uma nota a

corpo, em que a busca do prazer independe da presença de um objeto externo e não tem finalidade reprodutiva.

O percurso de Freud sobre a constituição psíquica feminina e sobre a feminilidade está centrado, fundamentalmente, na dinâmica fálica, na questão de possuir ou não o *falo*, ou seja, em uma perspectiva *falocentrada*. No entanto, o psicanalista Joel Birman propõe outra leitura possível do discurso freudiano a respeito da feminilidade, indo além do *falocentrismo*. Em seu livro “Cartografias do feminino” (1999), escreve que para isso “é preciso se voltar para o espírito teórico da construção freudiana e não a letra de seu discurso” (BIRMAN, 1999, p. 12). O autor, (re) pensando a feminilidade a partir de Freud, propõe positivá-la diante do território da tradição fálica psicanalítica, e que transitar pelo “universo da feminilidade” implica “uma viagem pelo imprevisível e no limite do indizível” (Idem, p. 10). A proposta dele é de “uma positivação para a idéia de feminilidade em psicanálise, que poderia ser o ponto de partida de uma outra leitura da condição do feminino no discurso freudiano” (BIRMAN, 2001b, p. 224). Descreve que o sujeito imerso na dinâmica fálica “busca a totalização, a universalidade e o domínio das coisas e dos outros, pela feminilidade o que está em pauta é uma postura voltada para o particular, relativo e o não controle sobre as coisas” (BIRMAN, 1999, p. 10). Birman destaca ainda que a noção da diferença, da alteridade e da singularidade marca a postura regida pela feminilidade.

A sexualidade, pensada por Freud, perpassa e constitui-se no e através do corpo. É importante pensar que, no surgimento da psicanálise, o corpo exerceu um papel central, pois era no corpo que os sintomas histéricos emergiam e faziam ressonância na vida das pessoas. No entanto, Birman (2001a) enfatiza que “a problemática do corpo na psicanálise foi palco de diferentes controvérsias e mal-entendidos ao

---

espeito do termo *Trieb* aponta que “designa genericamente uma ‘força impelente’; resulta da fusão de duas palavras do médio alemão – ‘o que impele’. *Trip*, e ‘o que é impelido’, *trift* – e abrange um arco de sentidos: o surgimento da necessidade; processos fisiológicos de transmissão; sua tradução para o psíquico; o processamento psíquico e as metas resultantes desses processos (incluindo-se aí os ‘desejos’); [...] *Trieb* é a força responsável pelas necessidades, vontades, impulsos e desejos (devido à sua origem como *trip*) e ao mesmo tempo é ela mesma a resultante desse processo, isto é, a representação psíquica da necessidade, da vontade, dos impulsos, dos desejos, etc, (devido à sua origem como *trift*)” (FREUD, 2007, p. 87).

longo da história da psicanálise” (p. 53). O autor argumenta, contudo, que o próprio discurso freudiano é o responsável por isso. E propõe tirar o corpo do descaso e da desqualificação em que foi posto, principalmente pelo discurso pós-freudiano, que não designou um lugar para ele.

Na sociedade contemporânea, o corpo encontra-se em evidência. É incessante a busca por um corpo magro, forte, exuberante, que represente e desperte o erótico. Os ideais sociais da contemporaneidade levam as mulheres a buscarem incessantemente a perfeição estética. Com isso, o corpo feminino tornou-se arma imprescindível para a sedução, para a captura do olhar e do desejo do outro. Nessa perspectiva, Valença (2003) contextualiza essa questão na sociedade atual:

O fundamental é ser sexy, bela e desejada, não importa como. O aspecto trágico do embelezamento do corpo na atualidade é que não se trata de um corpo natural, espontâneo, em consonância com sua própria forma de ser, mas de um corpo produzido, mascarado, engendrado pelos avanços tecnológicos, um corpo imaginário. O que está à venda é o ideal de um corpo perfeito – “sarado”, “malhado”, “gostoso” –, enfim um corpo que desperta desejos, padrão de estética em uma determinada cena – a do espetáculo. (p. 106)

Cada vez mais se observa, principalmente por intermédio dos meios de comunicação, que a mulher que recém teve seu bebê corre em busca de resgatar o corpo perdido, quem sabe buscando encobrir a transformação corporal natural da maternidade e, com isso, consequentemente, apagar suas marcas simbólicas. Uma notícia em jornal de circulação nacional informa sobre o crescimento das cirurgias plásticas no país que são feitas na sequência do parto. Informa-se que, mesmo com o alerta de especialistas que desaconselham a realização dessas cirurgias, elas estão aumentando tanto em países da América do Norte e da Europa, quanto em países da América do Sul (IWASSO, 2008).

A partir de leituras da psicanálise, um grande número de profissionais dedica suas pesquisas às relações entre os ideais contemporâneos postos para as mulheres sobre corpo, beleza e maternidade e as apropriações que elas realizam acerca desses ideais.

Dentre esses pesquisadores, podemos citar Pimentel (2008), Silva e Rey (2011), Vilhena, Medeiros e Vilhena Novaes (2005), Brazão, Vilhena Novaes e Vilhena (2010) e Vilhena Novaes e Vilhena (2006).

No artigo “A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico”, Silva e Rey (2011) buscam estudar se os ideais de beleza expostos na cultura exercem uma função psíquica na constituição do feminino. Destacam que o culto ao corpo perfeito está em evidência na sociedade atual e que há uma busca incessante das mulheres por esse ideal de corpo. Salientam que estão trabalhando o corpo a partir da perspectiva psicanalítica, o qual não condiz com o da anatomia médica, mas fala de um corpo pulsional, constituído psiquicamente, “é um corpo que transcende o somático e que está articulado com a história do sujeito” (p. 561).

No seu artigo “Beleza pura”, Pimentel (2008) aborda o tema da beleza, indo ao encontro do que Silva e Rey (2011) trabalharam no artigo citado. Pimentel aborda a questão do corpo, do ideal estético vinculado especialmente com o que é posto e divulgado nos meios midiáticos (jornal, revista, TV, internet). Analisa o quanto a mídia valoriza e propaga o alcance do corpo ideal. Argumenta que a busca para atingir o ideal de beleza é uma forma de recusa da castração e uma maneira de encobri-la. Identifica que é visado um corpo eternamente jovem; portanto, não se reconhecem a alteridade, a diferença, as mudanças e a passagem do tempo. A autora justifica esse modo de ser como o de um corpo e de uma subjetividade vazios, sem vida. A autora conclui que, seguindo esse modelo de identificação, o sujeito permanece capturado no narcisismo primário, regido pelo Eu-ideal, em que ilusoriamente experimenta a sensação de completude, evitando, com isso, deparar-se com conflitos e a castração.

As autoras Vilhena, Medeiros e Vilhena Novaes (2005), no artigo “A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade”, contextualizam o conceito de estética e como esse conceito esteve sempre associado à mulher, bem como afirmam que esse enlace pode ser encontrado nos primórdios da civilização. Também é salientado que a mulher, além de associada à beleza, foi posta como provedora do mal, do pecado e da destruição. Afirmam, ainda, que, na atualidade, “as imagens refletem corpos super trabalhados, sexuados, respondendo sempre ao desejo do outro” (VILHENA, MEDEIROS, & VILHENA NOVAES, 2005, p. 110), ou corpos esteticamente modificados ou medicalizados.

No artigo “Quem quer ficar na barriga da mamãe? Sobre a gestação em tempo de culto ao corpo” (2010), as autoras Marina Agarez Brazão, Joana Vilhena Novaes e Junia de Vilhena afirmam que as transformações e as marcas deixadas no corpo decorrentes da gestação são, muitas vezes, consideradas “as grandes vilãs da forma física e a perda dos encantos femininos” (p. 43-44). Afirmam, ainda, que os padrões estéticos estabelecidos na sociedade moderna são rígidos e, muitas vezes, podem ser considerados perversos e irrealistas, no sentido da dificuldade para serem atingidos pela maioria das pessoas, principalmente pelas mulheres. As autoras constatam que há uma corrida contra o tempo para recuperar o corpo jovem ou até negar suas transformações, pois, na sociedade atual, o padrão estético vigente (magro, definido) está amparado na noção de cuidado de si e bem-estar e, com isso, quem está fora desses padrões é visto como desleixado ou preguiçoso. Há uma equivalência da aparência com o caráter, sendo esse fenômeno definido como “moralização da beleza” (p. 45).

No artigo “Meu corpo, minha prisão... Em busca do corpo ideal”, Joana Vilhena Novaes e Junia de Vilhena (2006) analisam o fato de que o corpo expressa as relações que constituem a sociedade, bem como afirmam que o corpo também expressa a busca pela felicidade total realizada pelas pessoas (p. 1). Analisam a questão do padrão estético vigente e a busca desenfreada para atingir esses ideais de corpo. Identificam que, na tentativa de burlar o tempo, a morte, o envelhecimento, o corpo é transformado em obra de arte, tornando-se um “corpo teatralizado, palco onde as palavras são encenadas” (p. 1).

As autoras concluem que os ideais de beleza modernos não compensam narcisicamente a mulher, mas intensificam sua frustração diante do ideal da imagem. Esse processo leva a mulher, de acordo com as autoras, a estabelecer uma “relação persecutória do ego com o corpo, onde cada ruga ou cada grama a mais levam-na ao desespero” (p. 7). Portanto, não perdoam nem a gravidez como justificativa para marcas de envelhecimento ou de mudança corporal, em que qualquer marca deixada pela gestação deve ser eliminada instantaneamente do corpo da mulher. Elas finalizam o artigo chamando a atenção para o lugar dado ao corpo e à imagem na sociedade atual, afirmando que esse pode tornar-se alvo das estratégias de controle, como também pode ser uma possibilidade de resistência.

A partir dessas exposições, pode-se pensar que há uma série de ideais que são direcionados as mulheres propagados pela cultura, e eles repercutem em vários aspectos de suas vidas, ou seja, no pessoal,

amoroso e profissional. A eles somam-se os ideais de beleza, no qual o padrão estético vigente de ser magra, malhada, definida e sem marcas de estrias e celulites, ou seja, o que impera é uma busca pela “perfeição” do corpo. Todos esses fenômenos podem influenciar cada uma das escolhas das mulheres e a construção singular de sua feminilidade.

No processo das transformações socioculturais, o historiador norte-americano Christopher Lasch aponta que vivemos uma época caracterizada como “cultura do narcisismo”. No seu livro *La cultura del narcisismo*, Lasch (1999) analisa a sociedade, principalmente a estadunidense, como desesperançosa, sem perspectivas, não conseguindo vislumbrar um futuro melhor. Com isso, identifica a cultura do narcisismo como um voltar-se para si, investir no agora, no presente, destacando que “viver o momento é a paixão dominante” (p. 19, tradução nossa). Justifica essa afirmação a partir da compreensão que faz da cultura e da sociedade, por entender que as pessoas estão com dificuldades de reconhecer o passado e vislumbrar um futuro, ou ainda, em pensar que há uma continuidade. Nas palavras do autor: “estamos perdendo de maneira vertiginosa o sentido de continuidade histórica, o sentido de pertencer a uma sequência de gerações originadas no passado e que haverá de prolongar-se para o futuro” (p. 23, tradução nossa). Lasch articula e fundamenta o movimento de voltar-se para si, o desinvestimento no social, como uma saída possível para o indivíduo nos dias atuais.

Jurandir Freire Costa (1988), no capítulo do livro *Percursos na história da psicanálise*, organizado pelo psicanalista Renato Mezan, intitulado *Narcisismo em tempos sombrios*, problematiza o conceito de narcisismo na obra freudiana e articula-o com a cena atual da cultura, reportando-se a Lasch para pensar sobre a cultura do narcisismo. Costa destaca que “é a crise moral que acompanha a crise política, econômica e social” (p. 166). A partir disso, evidencia: “os indivíduos, sem deus nem lei, agiam exclusivamente pressionados pelo medo ou por motivos e interesses privados” (p. 167). Ou seja, cada um por si, sem interessar-se pelo que é do coletivo, do social e, conseqüentemente, pelo que é do outro.

Nessa mesma direção, Birman (2001a) afirma que vivemos em uma época dominada pela “cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo” (p. 22), na qual, o Eu obtém um papel central na constituição da subjetividade. Pensar a cultura do narcisismo e do espetáculo, existente na sociedade atual, coloca-nos frente a um modo

de viver em que tudo é permitido, não há limites, o querer/desejar é ter/satisfazer e o ter constitui equivocadamente o ser.

Retornando a Freud, em 1914, no seu artigo “À guisa de introdução ao narcisismo”<sup>4</sup>, conceitua o narcisismo como o “comportamento do indivíduo que trata o próprio corpo como normalmente só trataria um objeto sexual” (p. 97). Ou seja, que o sujeito, em vez de investir libidinalmente em objetos externos, toma o próprio Eu como objeto e investe nele.

Pude ter acesso a essas questões que envolvem a maternidade, as transformações decorrentes dela (subjetivas e corporais), o lugar que o corpo e a estética ocupam na vida de mulheres assim como na cultura, por meio da minha prática clínica. Escutei mulheres de idades diferentes, que haviam recém experienciado essa avalanche de mudanças que a maternidade proporciona, assim como mulheres que já tinham seus filhos criados, mas que ainda mantinham nítidas as marcas deixadas por essa experiência. Cada uma no seu contexto e singularidade se ocupava com a questão do corpo e sua estética, a qual envolvia uma série de fatores. Pois a questão do corpo e estética estava atrelada ao modo como cada uma se sentia com seus corpos, como se enxergavam diante das transformações vivenciadas, como o marido ou namorado passou a enxergá-las depois da maternidade. Portanto, são várias questões e perspectivas que afloram.

Havia mulheres que atribuíram à gravidez a sua atual forma física, principalmente no que se refere a aquisição de peso. Uma delas afirmava que depois da segunda gestação não conseguiu recuperar sua forma física, que é algo que a incomodava como mulher.

Mas essas questões vão além da clínica, pois no meu círculo de amizades, pude perceber que algumas mulheres se preocupavam com seus corpos desde a gestação, tanto cuidando da alimentação e se exercitando para não engordar muito nesse período, quanto utilizando cremes e produtos estéticos para evitar o aparecimento de estrias ou manchas na pele. Tive conhecimento de uma mulher, que em função do desmame do filho e com a secagem do leite, teve os seios murchos e por não tolerar essa condição estética das mamas, alguns meses após o desmame colocou implantes de silicone. Essa mulher afirmou que não

---

<sup>4</sup> Texto utilizado das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, volume 1, da tradução direto do alemão para o português, coordenado por Luiz Alberto Hanns.

conseguia se ver com os seios murchos e flácidos e por isso resolveu colocar silicone nos seios. Ainda, tenho conhecimento sobre mulheres que se recusam amamentar para não passar por essas mudanças nos seios, ou seja, por não suportar que seus seios murchem ou fiquem flácidos.

Também não posso deixar de mencionar minha experiência com a maternidade, das minhas transformações decorrentes dessa experiência. Já se passaram nove anos, e fui mãe jovem, engravidei aos 19 anos, contudo foi uma gravidez planejada. Claro que a maternidade me deixou marcas, me transformou, tanto psiquicamente quanto fisicamente. É um momento de transição e descoberta. Transição porque até então se é apenas filha, e tem que se descobrir como mãe. Sobre a questão corporal e suas transformações, me lembro que tive várias orientações da minha médica, mãe, avós e amigas de como cuidar do meu corpo, que creme usar para prevenir estrias, o que comer para ter mais leite, me alimentar de modo moderado para não engordar. Inclusive, estava por volta do quinto ou sexto mês de gestação e fui à minha consulta de pré-natal, e como apenas naquele mês tinha adquirido 5 quilos minha médica foi categórica ao me falar que se eu continuasse comendo sem moderação eu iria engordar muito e depois ia ser difícil perder os quilos a mais. Lembro que passei a cuidar da minha alimentação, pois não queria aumentar muito meu peso. Portanto, essas questões referentes à maternidade, corpo, estética, de uma maneira ou de outra ocupam e preocupam as mulheres.

Com base nas leituras realizadas anteriormente, as ideias apresentadas afloram questões referentes às mulheres, ao corpo, à estética, à maternidade, associados tanto aos ideais sociais propagados pelos meios de comunicação na sociedade contemporânea, quanto à singularização, ou seja, a forma pela qual as mulheres-mães se apropriam desses ideais sociais. Vivemos em uma época de exibicionismo, de culto ao corpo, com um ideal estético estabelecido, conforme exposto. E esta questão do exibicionismo está cada vez mais aguçada na sociedade contemporânea em função das redes sociais virtuais (Facebook, Instagram, Blogs), onde muitas mulheres utilizamos para exibir seus corpos, suas dietas e os exercícios físicos que realizam para obtê-los. Ainda, tornou-se recorrente encontrarmos nos meios de comunicação e nas redes sociais mulheres que tiverem seus bebês recentemente apresentando corpos malhados e “barrigas chapadas” e proclamando esses corpos como resultado exclusivo de boa genética, ginástica e alimentação saudável. Assim, corpos de mulheres-

mães que recém tiveram seus bebês são apresentados como modelos, como ideais sociais a serem seguidos por outras mulheres-mães.

De forma específica, pensamos nas exigências estéticas sociais vinculadas ao corpo e a maternidade a partir da sua associação com a apropriação que cada mulher-mãe realiza desses ideais sociais. Assim, considerando as transformações e as marcas que a gravidez inscreve no corpo e no psiquismo, a questão que emerge diz respeito às singularizações de mulheres-mães a partir da maternidade no entrelace com os ideais de beleza e de corpo presentes na rede social contemporânea.

Com base nas referências teóricas inicialmente apresentadas, o objetivo nesta pesquisa é analisar como mulheres-mães singularizam as transformações no corpo, decorrentes da maternidade, diante das exigências dos ideais sobre corpo e estética postos pela cultura contemporânea. Para tanto, os objetivos se subdividem em: analisar pontos principais sobre o corpo pulsional, a sexualidade e a feminilidade na obra de Freud e de autores pós-freudianos; analisar os ideais de corpo e de maternidade contemporâneos na sua relação com a demanda socialmente imposta às mulheres-mães; analisar os discursos das mulheres-mães referentes às temáticas do corpo e da maternidade e as modalidades singulares que elas elaboram para lidar com esses temas.

Assim, no Capítulo I, por meio dos textos de Sigmund Freud, é realizado um breve percurso teórico no qual trataremos respeito do surgimento do conceito de corpo para psicanálise. Não é realizada uma extensa investigação do conceito de corpo na obra freudiana, apenas selecionei os textos que julguei importantes para apresentar o conceito. Portanto o que será apontando no capítulo é que o conceito de corpo para psicanálise vai além do biológico, diz respeito a um corpo pulsional, constituído pela sexualidade. Aproveito para informar que os textos de Freud, que utilizei para embasar teoricamente esta pesquisa, derivam uma parte da tradução direta do alemão coordenada por Luiz Alberto Hanns, Obras Psicológicas de Sigmund Freud. No entanto, essa tradução não engloba toda a obra de Freud, assim, utilizei a Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud para os demais textos consultados. Contudo, devido algumas controvérsias na tradução, os textos utilizados da Edição Standard em português foram cotejados com a tradução em espanhol, a Sigmund Freud Obras Completas, Amorrortu Editores. A tradução da Amorrortu é do alemão direto para o espanhol, portanto mais fiel ao texto original; pois a Edição Standard Brasileira

não foi traduzida diretamente do alemão, do texto original, mas da Standard Edition em inglês.

Também, no capítulo I, apresento brevemente algumas referências psicanalíticas freudianas e de autores freudianos, relacionadas à leitura sobre a constituição subjetiva na sua relação com a feminilidade, a sexualidade, maternidade e o corpo. A literatura sobre esse tema é extensa e, por isso, faço um recorte, apresento algumas referências freudianas e alguns autores que seguem essa linha teórica que considero importantes para delinear o percurso da pesquisa. É fundamentada brevemente a questão do corpo, da maternidade e da feminilidade no referencial psicanalítico freudiano. A leitura psicanalítica é importante, pois oferece elementos para pensar a constituição subjetiva das mulheres e, portanto, das mulheres-mães, para além da questão do corpo natural e biológico. Essa escolha acontece por entender que essa área do conhecimento pode contribuir com a análise das questões postas para esta pesquisa na perspectiva das articulações subjetivas a elas associadas. A leitura psicanalítica pode contribuir no que se refere às apropriações singulares que cada pessoa realiza dos ideais coletivos, auxiliando na análise da maneira como as mulheres-mães lidam com os seus corpos diante das imposições da cultura contemporânea. Além das leituras freudianas, será também apresentada a leitura de autores que seguem a proposta psicanalítica, mas que fazem algumas críticas a essa abordagem, ampliando seu referencial de análise.

No Capítulo 2, fundamento a escolha conceitual e metodológica desta pesquisa. A referência teórica é a psicanálise, pois é a teoria que estudo já algum tempo, e que sustenta minha clínica, portanto sustenta também o meu olhar sobre o mundo, a cultura, assim como a maneira como compreendo a constituição psíquica. Portanto, é a psicanálise e seus conceitos que fundamentam esta pesquisa, tanto teoricamente quanto tecnicamente. A questão da técnica psicanalítica aplica-se nesta pesquisa, pois, nas entrevistas realizadas, estava atenta a aspectos transferenciais, busquei propiciar a participante uma fala livre, sem roteiros pré-estabelecidos. Assim, neste capítulo, apresento uma leitura a respeito da produção de conhecimento na pesquisa, principalmente pesquisas em psicanálise. Desta forma, apresento alguns pesquisadores e psicanalistas que utilizam o referencial psicanalítico para pensar e trabalhar questões sobre o método em pesquisas.

Seguindo no texto, o Capítulo 3 apresenta a análise e trechos das entrevistas realizadas. Busco, neste capítulo, trabalhar as singularidades de cada uma das mulheres-mães entrevistadas e suas

vivências atreladas a função materna; assim como procuro contextualizar como cada uma das entrevistadas experienciaram suas transformações corporais decorrentes da maternidade, considerando os ideais de estética da cultura contemporânea.

Finalizando o trabalho, procuro apresentar algumas considerações sobre a pesquisa realizada, sem pretensões de oferecer resultados ou análises definitivos sobre o tema. Conforme afirmamos no decorrer da introdução, as questões do corpo e da maternidade, no seu entrelace com os ideais sociais e a apropriação singular, são bastante amplas, bem como envolvem muito as pessoas. Assim, procuro apresentar algumas considerações sobre o tema, esperando que elas possam contribuir com o seu estudo.



## **CAPÍTULO 1 – FEMINILIDADE, CORPO E PSICANÁLISE: LEITURAS DA PSICANÁLISE FREUDIANA E ALGUMAS CRÍTICAS**

A psicanálise surgiu pelo interesse e curiosidade de Freud a respeito da histeria, fenômeno até então entendido pela medicina da época como um teatro, um fingimento das mulheres, algo para chamar a atenção. Freud não se contentava com essas explicações, e passou a estudar os sintomas histéricos e a trabalhar clinicamente com pacientes histéricas. A partir desse trabalho de investigação, Sigmund Freud construiu a psicanálise. Através da escuta das histéricas, Freud fundou a psicanálise e fez a sua maior descoberta: o inconsciente. Ou seja, ele descobriu que existe uma parte de nós mesmos que não conhecemos e que comanda a nossa vida, as nossas escolhas, que é da ordem do inconsciente. Então, por meio dos estudos dos fenômenos histéricos, Freud pôde elaborar e teorizar a respeito de como se constitui o aparelho psíquico, e como ele opera. Como os sintomas histéricos se manifestavam no corpo, por paralisias, cegueira, perda da fala, dores, entre outros, estes se tornaram ponto central na teoria psicanalítica, pois o corpo está atrelado à constituição do sintoma, bem como é nele que o próprio sintoma se manifesta. Como já brevemente apontado, o corpo, para a psicanálise, é um corpo pulsional. Portanto, nas próximas páginas, faço um percurso a partir dos principais textos freudianos a respeito da constituição do corpo, portanto do corpo pulsional da psicanálise.

Este percurso revela-se necessário, pois o nosso tema de estudo envolve a questão do corpo, especialmente do corpo feminino, e é importante apresentar como entendo o corpo para além da dimensão física e imediata, ou seja, é importante recorrer à psicanálise que fala do corpo na sua relação com o psiquismo.

### **1.1 Recorrendo a Freud**

Começo pelo artigo “Estudos sobre a histeria”, de 1895, que podemos considerar como um dos textos originais da Psicanálise. Nele, Sigmund Freud, juntamente com Josef Breuer, busca compreender a etiologia da histeria, como também de outras neuroses, como a obsessiva e a de angústia. Estavam, ao mesmo tempo, descobrindo e experimentando a técnica mais adequada para tratar, ou melhor, curar

suas pacientes histéricas. De início, ainda faziam uso da técnica da hipnose para tratar suas pacientes, em que elas, estando sob a hipnose, voltariam ao momento traumático que deu origem à histeria. Freud valida este método, pois por meio dele, pôde saber que fatores externos influenciam fortemente no aparecimento da patologia histérica. Portanto, os médicos vienenses constatam que, no aparecimento da histeria, há uma causa externa, e que os ataques evidenciam algo dessa causa, como se cada ataque histérico fosse uma alucinação do “mesmo evento que provocou o primeiro deles” (FREUD, 1996[1895], p. 40). Complementam que, frequentemente, a causa da histeria é decorrente de algum fato da infância.

Freud trabalha com o conceito de trauma psíquico, para poder explicar a etiologia das neuroses traumáticas. A etiologia da neurose traumática não está atrelada a um dano físico. O trauma que a psicanálise trabalha decorre de afetos aflitivos – como o susto, a angústia, a vergonha, ou seja, todo afeto que possa afligir a pessoa. Mas Freud (1996[1895]) deixa claro que para que um afeto aflitivo provoque um trauma psíquico “depende, naturalmente, da suscetibilidade da pessoa afetada” (p. 41-42). No entanto, a relação causal do trauma psíquico com os sintomas histéricos não é da ordem de uma agente provocador, pois este passa a existir independentemente. Ou seja, o evento traumático só existirá como trauma a partir da dimensão que a própria pessoa dá a ele. Portanto, o que é traumático para uma pessoa pode não ser para outra, pois se tratam de indivíduos singulares. Com isso, também reforça o argumento da psicanálise que trabalha a partir da história de cada um e, assim, sua singularidade.

Os autores apontam para algo importantíssimo para a técnica psicanalítica, que é a cura pela palavra. Para eles,

cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras (FREUD, 1996[1895], p. 42).

No entanto, verificam que há algumas dificuldades com o método catártico, e a principal é que nem todos os pacientes se submetem à hipnose. Com isso, constataram que, mesmo sem a

hipnose, os pacientes falavam de lembranças que poderiam ter causado a histeria. Mas, no entanto, Freud identificava que havia, ao mesmo tempo, uma força psíquica operando, que ele denominou de defesa, que não permitia que o paciente chegasse ao que originou a histeria. Nas palavras do autor, “por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha de superar uma força psíquica nos pacientes que se opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes” (FREUD, 1996[1895], p. 283).

Nesse trabalho, por ser muito original da psicanálise, ainda há um dualismo entre o que é da ordem do biológico e o que é da ordem do psíquico. Portanto, a noção de um corpo psicanalítico ainda está tomando forma, começando a ser articulado com o desejo, com a sexualidade. No entanto, para começar a articular o corpo psicanalítico, faz-se necessário contextualizar sobre a constituição dos sintomas histéricos para a psicanálise. Os autores atribuem a constituição dos sintomas histéricos a desejos inconscientes, que foram recalcados por serem intoleráveis à consciência. Mas também consideram importantes os fatores externos, fatos geralmente ocorridos em período anterior à manifestação dos sintomas, sendo que, “com grande frequência, é algum fato da infância que estabelece um sintoma mais ou menos grave, que persiste durante os anos subsequentes” (FREUD, 1996[1895], p. 40). No entanto, nem sempre é uma relação causal entre um acontecimento externo e o sintoma histérico; ocorre também uma “relação ‘simbólica’ entre a causa precipitante e o fenômeno patológico”. (FREUD, 1996[1895], p. 41). De certa forma, discretamente, começam a identificar o corpo da histérica ao erógeno, passando a compreender os ataques histéricos, vivenciados no corpo, como excitações. Exemplificam com o caso de uma paciente que “reproduziu, sob hipnose, com uma nitidez alucinatória, tudo o que a havia excitado no mesmo dia no ano anterior (durante um ataque de histeria aguda)” (FREUD, 1996[1895], p. 45).

As manifestações dos ataques histéricos ocorrem no corpo, ou seja, há uma conversão no corpo dos sintomas histéricos, e estes podem ser visivelmente observáveis, pois geralmente são paralisias, cegueiras, dores agudas em determinadas regiões, entre outros. Freud (1996[1895]) define “o termo conversão para designar a transformação da excitação psíquica em sintomas somáticos crônicos, que é tão característico da histeria” (p. 116). Portanto, de acordo com os autores:

Os fenômenos motores dos ataques histéricos podem ser parcialmente interpretados como

formas universais de reação apropriadas ao afeto que acompanha a lembrança (tais como espernear e agitar os braços e pernas, o que até mesmo os bebês de tenra idade fazem), e em parte como uma expressão direta dessas lembranças (FREUD, 1996[1985], p. 50).

Ou seja, na manifestação do ataque histérico, a conversão no corpo do sintoma, o paciente revive o trauma que gerou a histeria, ou seja, é uma maneira de lembrar o que não pode ser lembrado conscientemente. O sintoma histérico vela e desvela, ao mesmo tempo, o seu significado, seu sentido, remetendo, com isso, ao entendimento do corpo psicanalítico como um corpo erógeno, pulsional. No caso da histeria, o corpo se torna o lugar onde esse pulsional se expressa. O sintoma histérico se originaria por um excesso de excitação que o aparelho psíquico não foi capaz de descarregar; assim, há uma conversão desse excesso de excitação para o corpo, mas não qualquer parte do corpo. O sintoma manifestar-se-á em uma parte do corpo que, simbolicamente, corresponde, de alguma maneira, àquilo que foi vivenciado como um excesso, portanto, como um trauma. Freud (1996[1985]) aponta que a maioria das histerias se origina devido a um trauma psíquico relacionado a uma experiência sexual prematura.

No artigo “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905, Freud começa o texto definindo o conceito de pulsão, o qual é um termo importante para a concepção do conceito de corpo para a psicanálise. Portanto, o psicanalista define, como pulsão sexual, que a “existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia” (FREUD, 1996[1905], p. 128), ou seja, que a pulsão sexual se manifesta a partir do biológico, do organismo, do corpo. Neste artigo, Freud também está iniciando seu trabalho sobre a sexualidade como um conceito abrangente e que vai além do senso comum do termo, ou seja, que sexualidade não se trata de sexo ou do ato sexual. Portanto, Freud empregou o termo sexualidade como constituinte do psiquismo, e que corresponde a “uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.)” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 476). Pode-se entender a sexualidade como pulsão, em que se busca a satisfação. Assim, introduz, para discutir a questão da sexualidade, dois conceitos: objeto sexual e alvo sexual. O primeiro diz respeito a “pessoa de quem provém a atração sexual” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 128),

enquanto o segundo seria “a ação para a qual a pulsão impele” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 128).

O autor aponta que a pulsão sexual circula por todo o corpo, antes de priorizar e se restringir à região da genitália. E essa circulação da pulsão sexual, que Freud chamou de “supervalorização sexual” (FREUD, 1996[1905], p. 142), não aceita a restrição de ter como alvo sexual “a união dos órgãos sexuais propriamente ditos” (FREUD, 1996[1905], p. 142), contribuindo, assim, para intensificar e levar outras partes do corpo “à condição de alvos sexuais” (FREUD, 1996[1905], p. 142). Ou seja, o prazer despertado por essa circulação da pulsão sexual por outras zonas erógenas do corpo, além da zona genital, propicia para que estas outras zonas corporais sejam tomadas como alvos sexuais. Algo curioso que Freud (1996[1905]) salienta nessa parte do texto é que essa supervalorização sexual pode ser melhor entendida e observada no homem, pois sua vida amorosa se mostra mais disponível, “enquanto a da mulher, em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável” (p. 143).

Nesse artigo, Freud (1996[1905]) começa a pensar e articular o corpo para a psicanálise, diferenciando do corpo médico, biológico, anatômico. Nesta mesma perspectiva, o psicanalista se distancia de uma concepção dividida e diferenciada entre o psíquico e o biológico (somático); ao contrário, aproxima-os e interliga-os. Essa aproximação foi possível a partir do conceito de pulsão, em que define como:

o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico (FREUD, 1996[1905], p. 159).

Ou seja, a pulsão é o que interliga o somático com o psíquico. O autor aponta que a natureza da pulsão sexual se dá por uma exigência do psiquismo, sendo ela por si só sem qualidade. Outro fator importante é a diferenciação das pulsões, e o que distingue uma pulsão da outra é a fonte somática e o alvo. Por fonte somática da pulsão, entende-se como “um processo excitatório num órgão” (FREUD, 1996[1905], p. 149), e o alvo da pulsão “consiste na supressão desse estímulo orgânico” (FREUD, 1996[1905], p. 149). Freud salienta que determinadas partes

do corpo, ou órgãos, que provocam excitação pulsional são identificados como zonas erógenas. Ou seja, são partes do corpo que são fonte de excitação pulsional e que provocam sensações prazerosas. Freud denife as zonas erógenas como: “uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (FREUD, 1996[1905], p. 172).

O fundador da psicanálise, nesse artigo, apresenta e defende a existência de uma sexualidade infantil, algo até então desconsiderado por todos. Freud traz à luz que a pulsão sexual está presente desde a infância, e isto possibilita fundamentar que o corpo para a psicanálise é constituído pelo sexual, é um corpo pulsional. E são as manifestações da pulsão sexual infantil que vão circunscrevendo o corpo do bebê; um corpo originalmente fragmentado por zonas erógenas começa a ganhar forma. O autor cita no texto como um exemplo da manifestação sexual infantil o ato de chuchar, o qual aponta que “já aparece no lactante e pode continuar até a maturidade ou persistir por toda a vida, consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição” (FREUD, 1996[1905], p. 169). Ou seja, o bebê repete o ato de chuchar, não com o objetivo de saciar sua fome, mas de obter a sensação prazerosa desse ato. Considero relevante reproduzir as palavras de Freud a respeito desse assunto:

É fácil adivinhar também em que ocasiões a criança teve as primeiras experiências desse prazer que agora se esforça por renovar. A primeira e mais vital das atividades da criança – mamar no seio materno (ou em seus substitutos) – há de tê-la familiarizado com esse prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como um zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas (FREUD, 1996[1905], p. 171).

Freud (1996[1905]) teve o objetivo de comprovar e ilustrar sua teoria sobre a existência da pulsão sexual infantil e suas manifestações, bem como que a pulsão se origina de uma função autoconservativa

orgânica (por exemplo, a fome, o ato de mamar) e depois se desprende dela, utilizando-a apenas como apoio. Nas palavras do psicanalista: “quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida” (p. 171). Em outras palavras, que essa saciedade da fome da criança provocou uma sensação de prazer, e que é isso que ela vai buscar repetir com o chuchar.

No entanto, neste tempo da infância, a satisfação da pulsão sexual da criança ou do bebê é autoerótica, ou seja, não possui nem reconhece um objeto externo, satisfazendo, assim, a pulsão sexual no próprio corpo.

O autor aponta que outra zona erógena corporal importante é o ânus, ou zona anal. Identifica que as crianças, por meio da retenção das fezes, estimulam essa zona erógena como uma maneira de masturbação anal, causando “violentas contrações musculares” (FREUD, 1996[1905], p. 175), mas também, ao mesmo tempo quando as fezes passam pelo ânus, “hão de produzir-se sensações de volúpia ao lado de sensações dolorosas” (FREUD, 1996[1905], p. 175). Salienta que as fezes possuem sentidos relevantes para as crianças, pois são tratadas “como parte do seu próprio corpo, representando o primeiro ‘presente’” (FREUD, 1996[1905], p. 176). Freud (1996[1905]) aponta que as fezes, posteriormente, passam a representar o bebê, pois, “segundo umas das teorias sexuais infantis, é adquirido pela comida e nasce pelo intestino” (p. 176). Ou seja, as crianças, confabulando suas teorias sexuais infantis, passam a acreditar que o bebê nasce pelo ânus, mesmo lugar de onde saem as fezes. Com isso, Freud interpretou que elas fazem uma equivalência entre bebê e fezes, acreditando que são adquiridos pela ingestão de alimentos e na hora do nascimento são defecados.

A vida sexual infantil tem características essenciais. A primeira, como já dito, é que ela é autoerótica; e a segunda, de acordo com o autor, que “suas pulsões parciais [são] inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer” (FREUD, 1996[1905], p. 186). Em outras palavras, essa segunda característica significa que, para obtenção de prazer, as pulsões não necessitam ser interligadas. Portanto, de acordo com o psicanalista:

o desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado

de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio (FREUD, 1996[1905], p. 186).

Ou seja, o desenvolvimento sexual infantil, em que a obtenção do prazer se dá no próprio corpo e que as pulsões parciais são independentes na busca pelo prazer, terá que dar lugar a vida sexual adulta, em que a busca pelo prazer ocorre preferencialmente na primazia da zona erógena genital, e há um objeto sexual externo.

Uma questão importante que Macedo (2005) destaca é a de que já no trabalho inicial “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1996[1905]) e, principalmente, a partir do trabalho “À guisa de introdução ao narcisismo” (2004[1914]): “Freud passou a empregar o termo sexualidade infantil como uma característica, um adjetivo para a sexualidade, seja ela adulta ou infantil, ou seja, a parcialidade deixou de ser marca exclusiva da infância e transbordou para a sexualidade no seu todo.” (MACEDO, 2005, p. 70).

Outro importante conceito trabalhado por Freud (1996[1905]) é o de libido. Este conceito é importante em decorrência das suas articulações com os conceitos de narcisismo, ideal de eu, e das suas associações com este estudo. Da mesma forma que os demais conceitos presentes na obra freudiana, esses conceitos atravessam a obra do autor e vão sendo alterados e reorganizados no decorrer de anos. A seguir, apresentamos alguns pontos centrais sobre libido, narcisismo e ideal de eu, na obra freudiana. Assim, sem procurar analisar exaustivamente esses temas, vamos apresentar as principais conceituações do autor sobre eles, considerando sua importância para a pesquisa.

## 1.2. Constituição do Eu e dos seus Ideais a partir de Freud

Freud (1996[1905]), nesse artigo, inicia sua articulação do conceito de libido, libido do Eu<sup>5</sup> e libido objetal. Define libido como

---

<sup>5</sup> Apesar de estar utilizando a tradução em português da Edição Standard Brasileira, e nela o termo *Ich* foi traduzido por Ego, utilizarei a o termo Eu, de acordo com a tradução direta do alemão coordenada por Luiz Alberto Hanns. Portanto, segundo o tradutor brasileiro, a preferência “por ‘Eu’ em vez de ‘Ego’ se justifica pelo fato de, alemão, Freud ter adotado um pronome ‘ich’ de uso corrente e entendimento imediato” (Freud, 2007[1923], p. 75). Nos

“uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual” (FREUD, 1996[1905], p. 205). Ao definir a energia libidinal como representante do sexual, separando-a de outros meios de energia psíquica, pôde diferenciar os processos sexuais dos de nutrição. Assim, por meio do estudo das psiconeuroses e das perversões, o autor compreendeu que a “excitação sexual é fornecida não pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo” (FREUD, 1996[1905], p. 205). Portanto, passou a definir como libido do eu a “representação de um quantum de libido” (FREUD, 1996[1905], p. 205) cuja manifestação possibilita “explicar os fenômenos psicosexuais observados” (FREUD, 1996[1905], p. 205). De acordo com Freud, a acessibilidade da libido do eu se dá após ela “ter sido psiquicamente empregada para investir os objetos sexuais, ou seja, quando se converteu em libido do objeto” (FREUD, 1996[1905], p. 205). Ou seja, quando a libido do eu é investida em um objeto sexual externo, ela se transforma em libido de objeto. O modo como a libido do objeto circula pelos objetos sexuais, fixando-se neles ou os abandonando, conduz “no indivíduo a atividade sexual que leva à satisfação” (FREUD, 1996[1905], p. 206).

Freud (1996[1905]) salienta que a libido de objeto pode retornar para o eu e se transformar, mais uma vez, em libido do eu. Ou seja, a libido “é retirada dos objetos, mantém-se em suspenso em estados particulares de tensão e, por fim, é trazida de volta para o interior do eu<sup>6</sup>, assim se reconvertendo em libido do eu” (FREUD, 1996[1905], p. 206),

---

“Comentários editoriais da Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud” (Freud, 2007[1923], p. 13), da tradução realizada por Luiz Alberto Hanns, apontam que era de uso habitual na época de Freud o termo “*das Ich*”, no entanto o editor salienta que “o sentido que ele próprio atribuiu em seus escritos anteriores não deixa de ser ambíguo. Parece possível detectar dois empregos principais: um em que o termo distingue o Eu (self) de uma pessoa como um todo (incluindo, talvez, o seu corpo) das outras pessoas, e o outro em que denota uma parte específica da psique, caracterizada por atributos e funções especiais. Foi nesse segundo sentido que ele foi utilizado na elaborada descrição do ‘Eu’ no primitivo ‘Projeto’ de Freud, de 1895, [...] e é neste mesmo sentido que é empregado na anatomia da psique, e *O Eu e o Id*. Em algumas de seus intervenientes, particularmente em vinculação ao narcisismo, o ‘Eu’ parece corresponder sobretudo ao ‘Eu’ (self)”

<sup>6</sup> Nesta citação, substituí a palavra ego por Eu, para estar de acordo com a tradução pela qual tenho preferência do termo *ich*, como explicado na nota de rodapé 7. Esta prática se entenderá por todo o texto.

o qual também é identificada como libido narcísica. Essa libido narcísica pode ser considerada a fonte de onde se origina a libido objetual e para onde elas se retornam. No entanto, o autor destaca que a investigação psicanalítica não estabelece ainda uma diferenciação “entre a libido e as outras formas de energia que operam no eu” (FREUD, 1996[1905], p. 206); apenas consegue informar as transformações sofridas pela libido objetual.

Em “À guisa de introdução ao narcisismo”<sup>7</sup>, de 1914, Freud inicia o texto definindo que o termo narcisismo é utilizado para descrever “o comportamento do indivíduo que trata o próprio corpo como normalmente só trataria um objeto sexual” (p. 97), ou seja, o sujeito tem como objeto sexual seu próprio corpo, e busca nele satisfazer a pulsão. Destaca que, ao se manifesta dessa maneira, o narcisismo “passa a ter o sentido de uma perversão que absorveu toda a vida sexual da pessoa” (FREUD, 2004[1914], p. 97).

No entanto, salienta que essa libido narcísica vai além das perversões e que tem um papel significativo no “desenvolvimento sexual normal do ser humano” (FREUD, 2004[1914], p. 97). Freud (2004[1914]) chegou a essa concepção do narcisismo identificando que “não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo próprio da pulsão de autoconservação, egoísmo que, em certa medida, corretamente pressupomos estar presente em todos os seres vivos” (p. 97); e denominou esse processo da libido como narcisismo primário.

No desenvolvimento da criança, o Eu, em sua origem, recebe um investimento libidinal, e uma parcela desse investimento é direcionado aos objetos externos. No entanto, Freud (2004[1914]) pontua que, “essencialmente, a libido permanece retida no Eu” (p. 99). Em outras palavras, essa libido original do Eu, uma parte dela, é investida em objetos externos, porém não toda, pois essa outra parte de libido permanece no Eu. Contudo, aponta que, de certa forma, as libidos do Eu e do objeto se opõem, como um jogo de força, pois, quanto mais libido é investida no Eu, mais diminui a quantidade de libido investida no objeto, e esse processo ocorre no modo inverso também. Podem-se pensar esses investimentos libidinais no Eu e no objeto como uma balança, pois, “quanto mais uma consome, mais a outra se esvazia” (FREUD, 2004[1914], p. 99). O autor aponta que o

---

<sup>7</sup> Texto utilizado da tradução direto do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns.

ápice do investimento libidinal no objeto é identificado no estado de apaixonamento, pois, nesse estado, o Eu faz um investimento libidinal maciço no objeto, e retém pouca libido para si.

O psicanalista salienta que, inicialmente, é preciso supor que, no indivíduo, não há uma “unidade comparável ao Eu” (FREUD, 2004[1914], p. 99), pois o Eu necessita ser desenvolvido, ser constituído. No entanto, segundo Freud (2004[1914]), “as pulsões auto-eróticas estão presentes desde o início, e é necessário supor que algo tem de ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se constitua o narcisismo” (p. 99). Ou seja, as pulsões sexuais autoeróticas estão atuando desde a origem, mas elas por si só não bastam para constituir o narcisismo, ou melhor, o Eu. Faz-se necessário que algo a mais ocorra, que foi o que Freud denominou de uma nova ação psíquica. Esta nova ação psíquica consiste na relação mãe e bebê, em que, para se desenvolver, e inclusive sobreviver, o bebê necessita de um outro que identifique suas necessidades; e, ao satisfazê-las, investe libidinalmente nele. Ao identificar e satisfazer as necessidades do bebê, este experimenta uma sensação de prazer, o qual buscará repetir, como apontado anteriormente no exemplo do chuchar. Nessa relação que a pulsão sexual se instaura no bebê, ou seja, a mãe (ou quem exerce essa função materna), ao satisfazer o que é da ordem do autoconservativo, instaura o que é da ordem da sexualidade, da experiência de prazer.

Freud (2004[1914]) explicita que se esforça para manter a “psicologia” (p. 110), e eu acrescento a psicanálise, longe do que é do biológico e de outra ordem qualquer. No entanto, afirma admitir “que a suposição de uma separação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu, portanto, a própria teoria da libido, se apóia primordialmente na biologia, embora em pequena parcela esteja também assentada sobre bases psicológicas” (FREUD, 2004[1914], p. 101). Ou seja, que a libido sexual se origina de algo que é da ordem do biológico, do autoconservativo, para depois se desprender dele, mantendo, assim, um dualismo entre biológico e sexual.

O psicanalista destaca que a vida amorosa das pessoas é uma maneira de estudar sobre narcisismo. Identifica que, inicialmente, a visão da libido do Eu era encoberta pela libido objetal, pois:

na escolha objetal da criança pequena (e das maiores), o único fato que se pode primeiro observar é que a criança toma seus objetos sexuais a partir de suas experiências de satisfação. As primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são

vvidas em conexão com funções vitais que servem ao propósito da autoconservação. As pulsões sexuais apóiam-se, a princípio, no processo de satisfação das pulsões do Eu para veicularem-se, e só mais tarde tornam-se independentes delas (FREUD, 2004[1914], p. 107).

Com isso, Freud (2004[1914]) identifica que é por meio da satisfação da pulsão autoconservativa que a pulsão sexual se apoia originalmente, para depois poder se diferenciar dela. Destaca que esse processo do desenvolvimento da pulsão sexual é de fácil identificação ao observar a pessoa que é responsável pelo cuidado e alimentação da criança, atividade em que, normalmente, é realizada pela mãe, torna-se o primeiro objeto sexual da criança. Salienta que, as pessoas em que o “desenvolvimento libidinal sofreu perturbações [...] a escolha de seu futuro objeto de amor não se pauta pela imagem da mãe, mas pela de sua própria pessoa” (p. 107) manifestam, com isso, um tipo de escolha objetual narcísica.

O autor afirma que as pessoas possuem “dois objetos sexuais primordiais” (FREUD, 2004[1914], p. 108); um externo e outro autoerótico, ou seja, a mãe (ou quem exerce essa função) e ele mesmo. Portanto, pressupõe que “em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto” (FREUD, 2004[1914], p. 108).

Freud (2004[1914]), ao descrever sobre as formas de escolhas objetuais, marca a diferença entre o modo de escolha de objeto do homem e da mulher, e defende que “o amor objetual pleno segundo o tipo de escolha por veiculação sustentada é característico do homem” (p. 108), que consiste em atribuir ao objeto sexual um valor maior, pois investe intensamente sua libido no objeto externo, o qual proporciona ao homem um estado de apaixonamento. Isto acontece devido ao investimento maciço da libido no objeto sexual e, com isso, ocorre uma diminuição da libido do Eu. Já no que se refere à escolha de objeto da mulher, Freud (2004[1914]) aponta que:

o desenvolvimento daquele que é o mais frequente e provavelmente o mais puro e autêntico modo de escolha de objetos por parte da mulher é bem diverso. Nesse caso, parece que com o desenvolvimento da puberdade, devido à maturação dos órgãos sexuais femininos, que

antes estavam em estado latente, se intensifica o narcisismo original. Este, por sua vez, mostra-se desfavorável à estruturação de um amor objetal regular, caracterizado pela supervalorização do objeto sexual. Especialmente nos casos em que a mulher venha crescer bela, produzir-se-á uma auto-suficiência que a compensará pela atrofia de sua liberdade de escolha objetal, imposta pela sociedade (p. 108).

Portanto, na escolha de objeto na mulher, considerando que o seu narcisismo original é intensificado, pode-se pensar que é uma escolha de objeto a partir de seu narcisismo. E acrescenta que, se ela se torna uma mulher bonita e atraente, adquire uma autossuficiência, não necessitando amar o outro, mas ser amada pelo outro. No entanto, afirma que a via da maternidade é uma maneira para mulheres narcísicas obterem um “amor objetal pleno” (FREUD, 2004[1914], p. 109). Para o autor, “a criança que gerarem apresentar-se-á diante delas como se fosse uma parte de seu próprio corpo, na forma de outro objeto, e, assim, partindo de seu próprio narcisismo, elas podem dedicar-lhes todo o seu amor objetal” (FREUD, 2004[1914], p. 109). Contudo, aponta que há mulheres que não necessitam passar pela maternidade para passar ao narcisismo secundário, ou seja, um amor objetal. Isto acontece porque elas, “antes de chegarem à puberdade, [...] durante algum tempo, se desenvolveram de modo masculino, mas, quando entraram no período de maturação da feminilidade, aquele desenvolvimento se interrompeu e lhes restou a capacidade de almejar nostalgicamente um ideal masculino” (FREUD, 2004[1914], p. 109).

A partir disso, identifica que se ama de quatro maneiras pelo tipo narcísico: “o que se é (a si mesmo); o que se foi; o que gostaria de ser; e a pessoa que outrora fez parte do nosso próprio Si-mesmo” (FREUD, 2004[1914], p. 110). Já através do “tipo de escolha por vinculação sustentada” (FREUD, 2004[1914], p. 110), ama-se: “a mulher que nutre; ou o homem protetor” (FREUD, 2004[1914], p. 110). Ou seja, pode-se inferir que, por este tipo de escolha, a vinculação sustentada, o objeto de amor, é a mãe ou o pai.

Freud (2004[1914]) supõe que é através da relação dos pais com a criança que o narcisismo primário é instaurado nela, e esta relação é permeada pelo próprio narcisismo dos pais. Nas palavras do autor: “ao repararmos na atitude de pais afetuosos para com seus filhos, seremos forçados a reconhecer que se trata de uma revivescência e de uma

reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado” (p. 110). Portanto, através da relação com o filho, os pais revivem seus próprios narcisismos e também consituem o narcisismo primário da criança.

Aproximando-se do final do artigo, Freud (2004[1914]) trabalha o conceito de Eu-ideal<sup>8</sup> e ideal-de-Eu<sup>9</sup>. Aponta, agora com mais precisão, que o recalque ocorre a partir “da avaliação que o Eu faz de si mesmo” (p. 112), pois até então trabalhava, de maneira mais genérica, apenas pontuando que o recalque partia do Eu. O recalque ocorre devido ao conflito entre as “moções pulsionais libidinais” (FREUD, 2004[1914], p. 112) e “as concepções [*Vorstellungen*] culturais e éticas do indivíduo” (FREUD, 2004[1914], p. 112). Salienta que cada sujeito define um ideal para si, em que leve em conta suas concepções culturais e éticas, e a partir desse ideal que alçou para si “mede seu Eu atual” (FREUD, 2004[1914], p. 112); portanto, o recalque ocorre a partir dessa “formação de ideal por parte do Eu” (FREUD, 2004[1914], p. 112).

No narcisismo primário, o Eu é o único objeto de amor, sendo que esse amor experienciado pelo Eu nesse tempo é transferido para o Eu-ideal. De acordo com Freud (2004[1914]):

o narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude. Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância. (p. 112)

Porém, não há como conciliar e preservar esse estado de perfeição e completude, portanto o Eu-ideal tem de ser abandonado, mas tentará restabelecê-lo e satisfazê-lo através de um ideal-de-Eu. De acordo com Freud (2004[1914]), “o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante o qual ele mesmo era seu próprio ideal” (p. 112). Em outras

---

<sup>8</sup> Nas obras de Freud traduzidas direto do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns, o termo em alemão *Idealich* corresponde a Eu-ideal.

<sup>9</sup> Nas obras de Freud traduzidas direto do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns, o termo em alemão *Ichideal* corresponde a ideal-de-Eu.

palavras, o que o Eu tenta recuperar é o estado de perfeição e complete uma vez experimentado, em que o objeto de amor e o ideal era o seu próprio Eu.

O psicanalista aponta que há uma tendência em relacionar a “formação de ideal e a sublimação” (FREUD, 2004[1914], p. 112), mas afirma que são processos distintos. A sublimação consiste em alçar outra meta para a pulsão libidinal que não seja a satisfação sexual, enquanto, no terreno da idealização, consiste em “um processo que ocorre com o objeto e por meio do qual o objeto é psiquicamente engrandecido e exaltado, sem sofrer alteração em sua natureza” (FREUD, 2004[1914], p. 113). Ou seja, o que está em evidência na idealização é o objeto, enquanto na sublimação é a pulsão libidinal.

Aponta que, por vezes, há uma confusão também entre os conceitos de ideal-de-Eu e sublimação. Acho relevante recorrer às palavras do psicanalista para marcar a complexidade entre esses conceitos:

aquele que trocou seu narcisismo pela veneração de um ideal-de-Eu elevado não conseguiu necessariamente sublimar suas pulsões libidinais. Embora para ser alcançado o ideal-de-Eu requeira tal sublimação, ele não pode forçá-la. A sublimação continua sendo um processo especial, e ainda que, de início, possa ser motivado pelo ideal, a ocorrência ou não da sublimação independe dessa motivação. (Freud, 2004[1914], p. 113)

Desta forma, a sublimação estaria a serviço de dar outro destino às pulsões libidinais, que não seja a satisfação sexual. Já o recalque ocorre devido a uma impossibilidade de sublimar suas pulsões libidinais. Devido aos ideais elevados, o Eu aumenta suas exigências para satisfazê-los.

O autor aponta que há uma “instância psíquica especial, que atuando a partir do ideal-de-Eu” (FREUD, 2004[1914], p. 113) se responsabiliza por “zelar pela satisfação narcísica” (FREUD, 2004[1914], p. 113), e com essa intenção vigia o Eu ininterruptamente, “medindo-o por esse ideal” (FREUD, 2004[1914], p. 113). Esta

instância especial seria o Supra-Eu<sup>10</sup>, mas que Freud irá abordar melhor sobre esse conceito nos trabalhos “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (1996[1921]), “O Eu e o Id”<sup>11</sup> (2007[1923]) e “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1996[1933]). Nesse texto de 1914, ele denomina essa instância e esse processo de “consciência moral” (FREUD, 2004[1914], p. 113).

No artigo de 1933, “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”, Freud descreve a consciência moral como uma função dessa instância reguladora que se diferenciou no Eu, e denomina essa instância de Supra-Eu, mas aponta que essa consciência moral é um função do Supra-Eu. Nas palavras do autor:

poderia dizer simplesmente que a instância especial que estou começando a diferenciar no eu é a consciência. É mais prudente, contudo, manter a instância como algo independente e supor que a consciência é uma de suas funções, e que a auto-observação, que é um preliminar essencial da atividade de julgar da consciência, é mais uma de tais funções. (FREUD, 1996[1933], p. 65)

A partir disso, de considerar a existência dessa instância diferenciada no Eu, o autor a nomeia por Supra-Eu.

Como, neste momento, Freud (2004[1914]) está trabalhando esses conceitos a partir da neurose, em que o recalque patológico opera,

---

<sup>10</sup> Utilizo o termo Supra-Eu [Über-Ich], da tradução de Luiz Alberto Hanns, Obras Psicológicas de Sigmund Freud (2007), Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente (1911 – 1920), volume III, no artigo “O Eu e o Id” (1923). Essa é uma tradução para o português direto do alemão. Em outras traduções o conceito de [Über-Ich] foi traduzido por Super-Eu ou Super-Ego. O tradutor Luiz Hanns justifica a tradução, no qual “na composição *Über-Ich*, o prefixo *über* expressa a posição de um Eu que se situa espacialmente um ou mais degraus acima do Eu” (Freud, 2007[1923], p. 83-84).

<sup>11</sup> De acordo com a tradução direto do alemão coordenada por Luiz Alberto Hanns, “*das Es*, ‘o Id’; Alt.: ‘o Isso’; Sign.: A substantivação *das Es*, embora de entendimento imediato e auto-explicativo, é uma criação filosófico-psicanalítica que não existia no emprego coloquial. Seu significado remete ao pronome pessoal *es*, de uso corrente em alemão. Seu emprego no contexto psicanalítico se presta bastante bem a evocar a imagem de algo contido no sujeito, mas que simultaneamente lhe é estranho” (Freud, 2007[1923], p. 82).

ou seja, não estamos no campo da sublimação, o autor aponta que esta consciência moral constitui-se pela:

influência crítica dos pais que levou o doente a formar o seu ideal-de-Eu, que lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral; mais tarde somaram-se a esse ideal as influências dos educadores, dos professores, bem como de uma miríade incontável e indefinível de todas as outras pessoas do meio (os outros, a opinião pública). (FREUD, 2004[1914], p. 114)

Portanto a consciência moral (função do Supra-Eu) é a internalização, primeiro das críticas e censuras paterna, mas também, num segundo momento, das críticas advindas da sociedade em geral. Aqui podemos identificar a importância dos ideais (críticas, proibições, costumes) transmitidos pela sociedade, ou seja, por esses outros além dos pais, para a constituição do ideal-de-Eu do indivíduo. Freud (2004[1914]) descreve isso próximo ao fim do artigo, afirmando que “o ideal-de-Eu abre uma importante via para a compreensão da psicologia das massas. Esse ideal tem, além de sua parcela individual, uma parcela social, o ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação” (p. 118). Isto se mostra relevante, pois o indivíduo se constitui na relação com os outros (mãe, pai, avós, professores, amigos, etc), sendo que a sociedade, com seus valores e costumes, faz parte desta constituição. Freud (1996[1921]), no capítulo XI do texto intitulado “Psicologia de Grupo e Análise do Eu” (Ego)<sup>12</sup>, descreve que:

cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificações em muitos sentidos e construiu seu

---

<sup>12</sup> Texto utilizado da tradução da Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol XVIII (p.79 – 154), foi cotejada com a tradução para o espanhol da Editora Amorrortu, vol XVIII *Psicología de las masas y análisis del yo* (p. 65 – 135). Também importante salientar que, nesta edição brasileira, o termo *Ich* em alemão foi traduzido por Ego, mas utilizarei a tradução feita diretamente do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns, em que *Ich* foi traduzido por Eu.

ideal-de-eu<sup>13</sup> segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade, etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade. (p. 139).

Portanto neste trecho, Freud (1996) engloba, na constituição do ideal-de-Eu, uma ampla gama de modelos pelos quais o Eu se espelha, além das figuras parentais. Desta forma, torna-se evidente a relevância dos ideais propagados pela sociedade na constituição do ideal-de-Eu dos indivíduos, assim como o que corresponde à singularidade de cada um, pois ela se expressa no modo como cada indivíduo se apropria desses ideais externos.

No entanto, para um melhor entendimento, faz-se necessário marcar as diferenças dos conceitos de Eu-ideal<sup>14</sup> (*Idealich*) e de ideal-de-Eu<sup>15</sup> (*Ichideal*). Para isso utilizo o “Vocabulário da Psicanálise” (2001) de Laplanche e Pontalis, no qual informam que Freud, ao criar os conceitos de Eu-ideal e ideal-de-Eu, não demarcou efetivamente suas distinções. Informam que esses conceitos são trabalhados principalmente em dois textos de Freud, no artigo que foi abordado até o momento, “À Guisa de introdução ao narcisismo” de 1914, e o texto de 1923, “O Eu e o Id”, que será trabalhado ainda neste capítulo. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), o Eu-ideal corresponde a “um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo primário” (p. 139). Ou seja, o Eu-ideal corresponde à tentativa de restabelecer a onipotência vivenciada no narcisismo primário. Já o ideal-

---

<sup>13</sup> Neste texto (referido acima) da tradução da Edição Standard Brasileira, utiliza o termo ideal do ego, mas utilizarei o termo ideal-de-Eu, da tradução direto do alemão já citada. Cotejando com a tradução da Amorrortu, consta-se que utilizam o termo *ideal de yo* (p. 122)

<sup>14</sup> Os autores Laplanche e Pontalis identificam que pode ser Eu ideal (sem hífen) ou Ego ideal. Optei por utilizar Eu-ideal, com hífen, pois está de acordo com a tradução direta do alemão para o português, coordenada por Luis Alberto Hanns, em que *Idealich* corresponde Eu-ideal.

<sup>15</sup> Laplanche e Pontalis pontuam tanto Ideal do Ego ou Ideal do Eu para o termo *Ichideal*. No entanto, utilizo o termo ideal-de-Eu, que corresponde ao da tradução direto do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns.

de-Eu, os autores identificam como a “instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do Eu) e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais coletivos” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 222).

Os autores apontam que não há uma definição única e fixa deste termo desde sua criação, pois, como toda a obra de Freud, ele foi sofrendo mudanças. Portanto, “as variações deste conceito provêm do fato de que ele está estreitamente ligado à elaboração progressiva da noção de Supra-Eu<sup>16</sup> e, mais geralmente, da segunda teoria do aparelho psíquico” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 222). Apontam essas variações do conceito em alguns textos de Freud, como no texto “O Eu e o Id” (1923) o termo ideal-de-Eu e Supra-eu são tratados como iguais, sinônimos, ou seja, não há diferença entre um e outro. Contudo, analisam que “em outros textos a função do ideal é atribuída a uma instância diferenciada, ou pelo menos a uma subestrutura especial no seio do Supra-Eu” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 222).

O conceito de Supra-Eu se mostra relevante para o entendimento do ideal-de-Eu e a dinâmica dos dois, dessa forma Laplanche e Pontalis (2001) apontam que Supra-Eu<sup>17</sup> é “uma instância da personalidade tal como Freud a descreveu no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico: o seu papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao Eu” (p. 497). Também identificam que o Supra-Eu é conhecido como o “herdeiro do Complexo de Édipo” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 498), pois consiste na “interiorização das exigências e das interdições parentais” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 498). Ou seja, é no desfecho do Complexo de Édipo que o Supra-Eu se origina, pois “a criança, renunciando à satisfação dos seus desejos edipianos marcados de interdição, transforma o seu investimento *nos* pais em identificação *com* os pais, interioriza a interdição” (Idem, p. 498, grifo do autor).

No entanto, é importante apontar que na obra freudiana é difícil estabelecer a distinção ou não entre os conceitos de ideal-de-Eu e o de Supra-Eu. O termo Supra-Eu, no artigo de 1914, “À Guisa de

---

<sup>16</sup> Laplanche e Pontalis utilizam o termo *superego* ou *supereu* para o termo em alemão *Über-Ich*, no entanto, prefiro utilizar o termo Supra-Eu da tradução diretamente do alemão para o português, das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, coordenado por Luis Alberto Hanns. Explicações mais detalhadas do conceito e da tradução encontram-se na nota de rodapé 12.

<sup>17</sup> Idem nota de rodapé 18.

Introdução ao Narcisismo”, não aparece com essa denominação, mas se pode identificar como função, em que é denominado por “consciência moral” (p. 113), que consiste em uma “instância psíquica especial atuando a partir do ideal-de-Eu” (FREUD, 2004[1914], p. 113), e que sua função é “zelar pela satisfação narcísica e que, com esse propósito” (FREUD, 2004[1914], p. 113), e regular continuamente o Eu, e “medindo-o por esse ideal” (FREUD, 2004[1914], p.113). Em “Luto e Melancolia”<sup>18</sup> (2006[1917]), Freud, ao explicar o sofrimento do melancólico, revela que essa afecção contribui para pensar a “constituição do Eu” (p. 107). Nos casos de melancolia, percebe-se que “parte do Eu do paciente se contrapõe à outra e avalia de forma crítica, portanto, uma parcela do Eu trata a outra como se fora um objeto” (FREUD, 2006[1917], p. 107).

Portanto, a essa instância que se separa do Eu e o critica, Freud ainda denomina de “consciência moral” (FREUD, 2006[1917], p. 107). Contudo, acrescenta que a consciência moral deve fazer parte das “grandes instituições do Eu juntamente com a censura que parte do consciente e com o teste de realidade” (FREUD, 2006[1917], p. 107). Apenas no texto de 1923, intitulado “O Eu e o Id”<sup>19</sup>, é que Freud introduz o termo Supra-Eu, mas nesse artigo ele aponta o Supra-Eu como sinônimo do ideal-de-Eu, não marcando diferença entre eles, e isto se evidencia no título do capítulo III - “O Eu e o Supra-Eu (Ideal-de-Eu)” (p. 40). O psicanalista, no início do texto, aponta que as “razões que nos levaram a supor a existência dentro do próprio Eu de um patamar diferenciado que sugerimos denominar de *Ideal-de-Eu* ou *Supra-Eu*, [*Über-Ich*] e essas razões continuam tão válidas hoje como à época” (FREUD, 2007[1923], p. 40).

No texto de 1933, *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Freud aponta que o próprio Eu “pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, criticar-se [...] Nisto, uma parte do Eu se coloca contra a parte restante. Assim, o Eu pode ser dividido” (p. 64). Identifica que essa parte do Eu que se independiza e passa a observar o Eu, no qual Freud (1996[1933]) supõe “que a consciência é uma de suas funções, e que a auto-observação, que é um preliminar essencial da atividade de julgar da

---

<sup>18</sup> Artigo utilizado da tradução diretamente do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns.

<sup>19</sup> Artigo utilizado da tradução diretamente do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns.

consciência, é mais uma de tais funções” (p. 65). Logo, denomina essa instância idenpendente de Supra-Eu. Contudo, amplio um pouco mais a respeito do ideal-de-Eu e Supra-Eu mais adiante, ainda neste capítulo.

Realizo um salto cronológico na obra de Freud, para o texto do ano de 1920, “Além do princípio do prazer”<sup>20</sup> no qual o psicanalista complexibiliza o entendimento do funcionamento do psiquismo. Neste texto, como o próprio título sugere, Freud conceitua que o psiquismo é regulado não apenas pelo princípio do prazer. Ele vai além deste princípio. Define que, “em psicanálise, relacionamos prazer e desprazer com a quantidade de excitação presente na vida psíquica – quantidade que de alguma maneira não está presa –, de modo que nessa realação o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade” (FREUD, 2006[1920], p. 135-136). Com isso, supõe que o psiquismo regido pelo princípio do prazer buscaria manter, o mais baixo possível, a quantidade de excitação presente nele. Portanto, tudo que puder aumentar essa quantidade de excitação no psiquismo será sentido como desprazer.

De acordo com o autor, não há como sustentar que o psiquismo funcione apenas buscando o prazer, e que o aparelho psíquico seja regulado unicamente pelo principio do prazer. Se fosse assim, todos os processos psíquicos proporcionariam prazer, no entanto, a realidade não reflete isso. Portanto, Freud (2006[1920]) salienta que “existe na psique uma forte tendência ao princípio de prazer, mas que certas outras forças ou circunstâncias se opõem a essa tendência, de modo que o resultado final nem sempre poderá corresponder à tendência ao prazer” (FREUD, 2006[1920], p. 137).

O que Freud (2006[1920]) apresenta neste artigo é que, no aparelho psíquico, não há apenas o princípio de prazer e a busca incessante pelo prazeroso. Identifica que o aparelho psíquico também se constitui pelo desprazer. Aponta que as pulsões sexuais permanecem reguladas pelo princípio do prazer, pois elas buscam a satisfação. As pulsões do Eu, inicialmente reguladas pelo principio do prazer, correspondiam a um “funcionamento mais primitivo do aparelho psíquico que denominamos primário” (FREUD, 2006[1920], p. 137); e passaram, em função das exigências do mundo exterior, a serem reguladas pelo princípio da realidade. O autor aponta que essa

---

<sup>20</sup> Texto utilizado da tradução diretamente do alemão para o português, coordenada por Luiz Alberto Hanns.

substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, feita pelas pulsões do Eu, é um dos fatores que propiciam a liberação de desprazer. O outro fator definido por Freud (2006[1920]) é “os conflitos e clivagens próprios ao processo de desenvolvimento do Eu em direção a organizações psíquicas mais complexas” (p. 138).

Identifica também como fonte do desprazer para o aparelho psíquico fatores decorrentes de traumas, tais como as neuroses traumáticas e as neuroses de guerra. O autor identifica que o desprazer está presente no desenvolvimento da criança, e exemplifica analisando que a criança vivencia os momentos de ausência da mãe como desprazer. Desta forma, identifica que, através da brincadeira, a criança revive ativamente aquilo que sofreu passivamente. Assim, a experiência desprazerosa que viveu passivamente, como a ausência da mãe ou um castigo, na brincadeira ela pode reviver ativamente essas situações, controlando-as. Nas palavras do autor: “as crianças repetem nas brincadeiras tudo aquilo que lhes causou forte impressão em sua vida, que assim ab-reagem à intensidade da impressão que sofreram e tornam-se, por assim dizer, senhoras da situação” (FREUD, 2006[1920], p. 143).

Ainda nesse artigo, Freud (2006[1920]) introduz o conceito de compulsão à repetição, em que o indivíduo “se vê mais forçado a repetir o recalcado como se fosse uma vivência do presente do que – tal como naturalmente seria a intenção do médico – a recordá-lo como sendo um fragmento do passado” (p. 144). Ou seja, o sujeito repete em ato o que não é capaz de recordar. Essa compulsão à repetição se manifesta no tratamento psicanalítico como resistência, no qual o fundador da psicanálise alerta que as resistências provêm “das mesmas camadas e sistemas superiores da vida psíquica que originalmente produziram o recalçamento” (FREUD, 2006[1920], p. 145). Assim, Freud (2006[1920]) apresenta a segunda tópica, em que:

grande parte do Eu é em si mesma inconsciente, justamente o que se pode chamar de núcleo do Eu. Assim, a designação pré-consciente que habitualmente empregamos cobre apenas uma pequena parte do Eu. Agora que substituímos uma terminologia puramente descritiva por uma terminologia sistêmica ou dinâmica, podemos afirmar que a resistência dos analisandos provêm de seu Eu, e então percebemos de imediato que a

compulsão à repetição deve ser atribuída ao recalçado inconsciente. (p. 145)

Com o avanço do texto, Freud (2006[1920]) tenta explicar a compulsão à repetição através da ideia de uma pulsão de morte. Conceito que ainda era uma especulação para o autor, mas que este vai desenvolvendo ao longo do texto e no restante de sua obra. Afirma que as pulsões, ou excitações internas, não podem ser evitadas, pois elas provêm de dentro do organismo. Então, nas palavras do autor, as pulsões são “as representantes de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico” (FREUD, 2006[1920], p. 158).

Aponta como característica universal das pulsões o objetivo de voltar a um estado anterior, ou seja, ao inorgânico. Com isso, define: “uma pulsão seria, portanto, uma força impelente interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas” (FREUD, 2006[1920], p. 160). Há, com isso, uma mudança no modo de se pensar o conceito de pulsão, que até então condizia com desenvolvimento, a mudança, e agora é identificada em sua manifestação conservadora. De acordo com Freud (2006[1920]), a origem das pulsões se deu por uma “tensão que foi gerada na substância até então inanimada [e que] buscava por todos os meios distensionar-se e desmanchar-se, e assim nasceu a primeira pulsão, a pulsão de retornar ao estado inanimado” (p. 162). No entanto, observa-se que, em contrapartida, há as pulsões autoconservativas e de autoafirmação; estas, segundo o autor, são:

apenas pulsões parciais, cuja função é assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e afastá-la de qualquer possibilidade – que não seja imanente a ele mesmo – de retornar ao inorgânico. (...) Deriva-se também daí que o organismo não queira morrer por outras causas que suas próprias leis internas. Ele quer morrer à sua maneira, e, assim, também essas pulsões que preservam a vida na verdade foram originalmente serviços da morte. (FREUD, 2006[1920], p. 162)

Ou seja, neste trecho, é possível entender que todas as pulsões buscam o estado inorgânico, ou seja, a morte, mas cada uma a sua maneira. Portanto, inclusive as “pulsões que preservam a vida”, ou

melhor, as pulsões de vida, têm como objetivo a morte, mas elas possuem seu próprio caminho para chegar a esse objetivo. Neste contexto, Freud (2006[1920]) estabelece, novamente, um dualismo pulsional, agora entre pulsões de vida e pulsões de morte. Assim, Freud (2006[1920]) conceituou o corpo psicanalítico completamente embarcado no pulsional, neste jogo entre as pulsões de vida, que buscam a preservação, a construção, o prolongamento da vida; e as pulsões de morte, que tendem a buscar um estado anterior do organismo, voltar ao inorgânico, em que não haja tensão nenhuma, apenas a inércia, ou seja, a morte. Portanto, o corpo para a psicanálise é constituído por esse dualismo pulsional, que por um lado busca preservação, e por outro lado o inorgânico.

No artigo denominado “O Eu e o Id”<sup>21</sup>, publicado no ano de 1923, Freud marca as diferenças entre o que é consciente e o que é inconsciente, tanto como qualidade quanto como instâncias psíquicas. Aponta que é de central importância para a teoria psicanalítica delimitar diferenças no aparelho psíquico do que é consciente e inconsciente (FREUD, 2007[1923]), p. 28). Para a psicanálise, não se pode afirmar que a essência psíquica seja restrita ao consciente, ao inverso, a consciência é entendida “como sendo apenas uma das qualidades do psíquico” (FREUD, 2007[1923], p. 28). Salienta que estar consciente é algo descritivo, de estar ciente sobre algo. No entanto, uma ideia não permanece muito tempo na consciência; ao contrário, o estado consciente de uma ideia é breve e passageiro. E quando se afasta do estado consciente, fica em estado latente e disponível para qualquer momento tornar-se consciente novamente.

Freud (2007[1923]) destaca que foi por diversas vias que chegou ao inconsciente, pois havia na dinâmica psíquica ideias que não eram conscientes, mas que tinham intensidade suficiente para produzir “conseqüências que afetam a vida psíquica de modo significativo” (p. 29). Essas ideias inconscientes, de acordo com Freud (2007[1923]), estavam recalçadas, pois por algum motivo não poderiam apresentar-se sob a forma consciente. O psicanalista identificou a resistência como a força que promove e mantém as ideias recalçadas. Desta forma, Freud (2007[1923]) destaca que foi através da teoria do recalque que foi possível compreender o inconsciente, o que foi de extrema importância.

---

<sup>21</sup> Texto utilizado da tradução diretamente do alemão, das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol III, coordenada por Luiz Alberto Hanns.

Pontua que há dois estados de ideias inconscientes: a latente, capaz de tornar consciente; e a inconsciente, incapaz de tornar consciente. Desta forma, a ideia latente é identificada dinamicamente como pré-consciente, mas descritivamente como inconsciente. Já o termo inconsciente designa “ao recalcado que dinamicamente está inconsciente” (FREUD, 2007[1923], p. 30). Esta descrição consiste na dinâmica da primeira tópica freudiana.

Nesse artigo, o autor apresenta a segunda tópica freudiana, composta por Id, Eu e Supra-Eu. Ao articular e problematizar o conceito do Eu (Ego), dinamicamente no psiquismo, Freud identifica que tem uma parte do Eu que é inconsciente, ou seja, o Eu não é todo consciência. A partir dessa nova descoberta, de que tem uma parte no Eu que é inconsciente e que corresponde ao recalcado, Freud (2007[1923]) pontua: “o Ics. não mais coincide com o recalcado, e embora siga sendo correto dizer que todo o recalcado é Ics., nem todo Ics. é recalcado” (p. 32).

Freud (2007[1923]) destaca que um fator importante para a formação do Eu é sua capacidade de se diferenciar do Id, que faz parte do Eu, mas é predominantemente Ics. Freud define que o “Eu resultou do processo de diferenciação que se deu na superfície do Id” (p. 38). Descreve que o Eu faz com que o mundo externo tenha valor e influência nas intenções do Id, tentando substituir o princípio de prazer pelo princípio de realidade. Portanto, pode-se entender que o mundo externo e, portanto, a cultura e seus ideais sociais, possui um papel importante para a constituição do Eu, pois auxilia na substituição do princípio do prazer pelo de realidade.

O autor identifica que o Eu é o responsável pelo controle e acessibilidade motora, ou seja, é o Eu quem comanda a mobilidade do corpo. Freud (2007[1923]) faz uma analogia da relação do Eu com o Id, comparando-os com a relação entre o cavaleiro e seu cavalo. O Eu seria o cavaleiro e o Id seria um cavalo “muito mais forte do que ele” (FREUD, 2007[1923], p. 38), ou seja, o cavalo (Id) é mais potente que o cavaleiro (Eu). Só que, para conduzir esse cavalo, o Eu teria que tomar emprestadas as forças do próprio Id; com isso, “o Eu habitualmente converte a vontade do Id – como se fosse a sua – em atos e ações” (FREUD, 2007[1923], p. 38).

Freud afirma que o próprio corpo, sua superfície, é de onde vêm os estímulos e percepções externas e internas, ou seja, é no nosso corpo e através dele que sentimos tudo, afetos, dor, cheiros, palavras, etc... Muito embora, enxerguemos o nosso corpo, e ele se mostre como

objeto, ao ser tocado (por si mesmo ou pelo outro), produz uma dupla sensação promovida pelo tato, uma externa (superfície do corpo) e outra interna (sensação de ser tocado). Freud (2007[1923]) destaca que a percepção da dor é importante na formação do Eu, e que certos adoecimentos ampliam o conhecimento do sujeito sobre seu próprio corpo e órgãos internos, e completa: “poderíamos até pensar que talvez esse seja o modo de como se forma a concepção que temos do nosso próprio corpo” (FREUD, 2007[1923], p. 38). Ou seja, que a experiência de dor ou adoecimento amplia a própria noção do sujeito sobre o seu corpo, sobre o que é o seu corpo.

Outra frase, ou melhor, conceito emblemático desse artigo de Freud (2007[1923]) é: “o Eu é sobretudo um Eu corporal” (p. 38). Mas o que o fundador da psicanálise quis dizer com isso é que, através do corpo, das sensações produzidas nele e por ele, que o Eu vai se formando, vai surgindo. Assim, é o corpo que delimita o que é próprio do sujeito e o que é do outro; a superfície corporal é esse limite. As percepções e sensações que vão surgindo internamente ou externamente; é através do corpo que ela se manifesta, pois, de início, o que se tem é apenas o corpo, no caso, o corpo do bebê e ele manifesta suas sensações de desconforto, sentidas por ele. Esse corpo do bebê, que de início é fragmentado, pois o bebê não se reconhece como uma unidade corporal, não reconhece o que é seu e o que é do outro; e, é por meio da ação específica da mãe no corpo do bebê que ela vai decifrando seus incômodos e com isso constituindo o Eu do bebê, constituindo essa unidade corporal do bebê. Portanto, é por meio do toque da mãe no corpo do bebê, alimentando-o, higienizando-o, adormecendo-o em seu colo, enfim na dinâmica desta relação primeira, que vai se constituindo o Eu do bebê.

Como já mencionado previamente, Freud (2007[1923]), nesse artigo, não diferencia o ideal-de-Eu do Supra-Eu, ou seja, descreve-os como sinônimos, em que denomina um “patamar diferenciado” (p. 40), que se constituirão dentro do Eu. Aponta que o processo de identificação não pertencia apenas à melancolia, mas se mostrava “frequente e típico” (FREUD, 2007[1923], p. 40) na constituição do Eu, pois consistia na “suposição de que o objeto perdido tenha sido reconstituído no Eu, ou seja, que uma carga de investimento depositada no objeto foi recolhida e substituída por uma identificação” (FREUD, 2007[1923], p. 40), e na constiução do que “chamamos de caráter” (FREUD, 2007[1923], p. 40). Assim, Freud (2007[1923]) constatou que é por meio da identificação que “grande parte da constituição do Eu se

dá” (p. 40). Pontua que, quando um objeto sexual necessita ser abdicado, “não é raro ocorrer uma modificação no Eu” (FREUD, 2007[1923], p. 40), que consiste que o objeto abdicado introjetou no Eu. O autor pontua que a introjeção pode ser uma estratégia para facilitar que o Eu abandone o objeto. Freud (2007[1923]), acredita que “o caráter do Eu seja, na verdade, um precipitado destes investimentos recolhidos dos objetos dos quais se desistiu” (p. 41).

Dessa forma, a identificação com esses objetos abandonados e introjetados no Eu, que ocorre na “primeira idade, irão se generalizar e ser duradouras” (FREUD, 2007[1923], p. 42). A partir desta constatação, o autor descreve a constituição do ideal-de-Eu, em que aponta “a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da sua própria pré-história pessoal” (FREUD, 2007[1923], 42). Ou seja, essa identificação primeira estará de pano de fundo das demais identificações. Mas o psicanalista aponta que o “Supra-Eu não é apenas um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; ele representa também uma enérgica formação reativa contra essas escolhas” (FREUD, 2007[1923], p. 44). Desta forma, pode-se advertir para que o indivíduo deva ser “como seu pai” (FREUD, 2007[1923], p. 44), assim como adverte o indivíduo para não ser “como seu pai” (FREUD, 2007[1923], p. 44).

O autor pontua que “o Supra-Eu reterá o caráter do pai, e quanto mais intenso tiver sido o complexo de Édipo e quanto mais acelerado tenha realizado o recalque [...], tanto mais o Supra-Eu dominará o Eu com extrema severidade” (FREUD, 2007[1923], p. 45). Ou seja, através da internalização do caráter do pai e suas interdições no complexo de Édipo forem severas, mais o Supra-Eu regulará com severidade o Eu. No entanto, o autor retoma a questão da origem do Supra-Eu, no qual identifica que produto da longa condição de “desamparo e de dependência infantil do ser humano, e do complexo de Édipo” (FREUD, 2007[1923], p. 45); sendo que atribuiu o complexo de Édipo “à interrupção do desenvolvimento da libido pela entrada em cena do período de latência” (FREUD, 2007[1923], p. 45), e isto leva a identificar que a “vida sexual humana” (FREUD, 2007[1923], p. 45) se divide “em dois períodos do desenvolvimento” (FREUD, 2007[1923], p. 45). Considero relevante reproduzir o que Freud (2007[1923]) escreve sobre esse aspecto, pois ele articula a formação da cultura como fator importante na constituição do Supra-Eu. Desta forma, nas palavras do psicanalista:

esta última característica, que parece ser específica dos seres humanos, é explicada por uma hipótese psicanalítica como a herança das vicissitudes da era glacial que impuseram à nossa espécie um processo de desenvolvimento direcionado à formação de uma cultura. Assim, a diferenciação entre um Supra-Eu e um Eu não seria nada casual, mas representaria as características mais significativas do curso do desenvolvimento individual e também da espécie. E, ao permitir à influência dos pais, expressa-se de forma duradoura, ela também eterniza a presença dos fatores aos quais ela deveu seu próprio surgimento”. ( FREUD, 2007[1923], p. 45)

Neste trecho, o autor apresenta a formação da cultura e seu papel na constituição do aparelho psíquico, por meio dos valores, costumes, ideais que propaga. O autor aponta que a Psicanálise foi julgada muitas vezes por não valorizar “o que homem tem de mais elevado, de moral e situado acima das questões pessoais” (Freud, 2007[1923], p. 45), e identifica “esse ser superior [como] exatamente o Ideal-de-Eu ou o Supra-Eu, o representante da nossa relação com os pais. Viemos a conhecer esses seres superiores quando ainda eramos crianças pequenas, passamos então a admirá-los, temê-los e, mais tarde, abrigamo-los dentro de nós mesmos” (FREUD, 2007[1923], p. 46). Ou seja, são os pais os transmissores e modelos da moralidade e ética na constituição do indivíduo, pois são eles que marcam o interdito, transmitem para a criança o que é permitido e o que não é, os valores e o que a sociedade aceita ou não.

Freud (2007[1923]) pontua que “o ideal-de-Eu, o herdeiro do complexo de Édipo, é também a expressão das mais poderosas motivações do Id e uma dos mais importantes destinos da sua libido” (p. 46). Assim, ao constituir o ideal-do-Eu, “o Eu logrou se apoderar do complexo de Édipo, mas, ao mesmo tempo, submeteu-se ao Id” (FREUD, 2007[1923], p. 46). O autor aponta que existe uma oposição no psiquismo entre o Eu e o Supra-Eu, devido ao fato de que o Eu representa o externo, a realidade, enquanto a instância do Supra-Eu está a serviço, como defensor do que se passa internamente e no Id (FREUD, 2007[1923], p. 46). Portanto, a tensão entre o Eu e o Ideal diz respeito a uma “oposição entre o real e o psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno” (FREUD, 2007[1923], p. 46).

Assim, tudo que há de legado que a humanidade produziu e que constava no Id, “é assumido pelo Eu na forma de um Ideal e individualmente revivido por cada pessoa. Em decorrência da história de sua formação, o ideal-de-Eu está profundamente imbricado com as aquisições filogenéticas, com as heranças arcaicas do indivíduo” (Freud, 2007[1923], p. 46). Pode-se pensar que essas aquisições filogenéticas são valores, costume, características que são transmitidas de gerações em gerações, que acabam se repetindo. Pode-se pensar inclusive que os ideais da sociedade, constituídos ao longo do tempo, são difíceis de serem mudados ou abdicados devidos a esse processo, pois estão entranhados tanto nos ideais-de-Eu das pessoas quanto na própria sociedade.

Assim, até agora, foi apresentada a construção do corpo pulsional, ou seja, o corpo a partir do entendimento da psicanálise, assim como a constituição do Eu, Eu-ideal, ideal-de-Eu e o Supra-Eu, conceitos importantes para o entendimento da constituição singular do indivíduo, assim como a construção de seus ideais e o enlace deles com os ideais propagados pela sociedade. Desta forma, torna-se relevante para a pesquisa a apresentação realizada sobre o entendimento da constituição psíquica do indivíduo, da formação do Eu e seus ideais, do corpo para além do biológico, atrelado ao pulsional. Ainda, também é relevante descrever e problematizar o conceito de feminilidade na obra de Freud assim como em autores pós-freudianos. O conceito de feminilidade possibilita articular a análise sobre a maternidade, a diferença sexual, dentre outros aspectos. Ainda, o recurso a autores pós-freudianos possibilita ampliar a leitura sobre as questões trabalhadas.

### **1.3 Feminilidade em Freud e em autores pós-freudianos: aspectos da maternidade, do corpo e da diferença sexual**

O texto “Feminilidade”, de 1933, foi escrito por Freud no momento em que a psicanálise já se encontrava em um percurso teórico avançado. Destaco esse texto, pois ele incide de forma imediata na questão da leitura freudiana sobre a feminilidade e problematiza algumas questões postas anteriormente pelo autor. O fundador da psicanálise inicia sua conferência destacando: “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (FREUD, 1996[1933], p. 114). No decorrer do seu texto, Freud pontua questões nesse sentido; uma de destaque é a não equivalência da natureza masculina à atividade e da natureza feminina à

passividade. O autor destaca que empregamos os termos “masculino e feminino também como qualidades mentais” (FREUD, 1996[1933], p. 115). Ou seja, diante de determinado comportamento, o sujeito teve uma postura masculina ou feminina, independentemente de se constituir e se representar como homem ou como mulher. Esse raciocínio tem como base a equivalência do masculino à atividade e do feminino à passividade. No entanto, Freud postula o estabelecimento não linear, não direto, dessas relações.

O autor contrapõe-se, assim, a uma concepção (convenção) sócio-historicamente instituída. Ele preconiza a natureza ativa da mulher dizendo: “uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos; a própria amamentação também pode ser descrita como a mãe dando o seio ao bebê, ou ela sendo sugada por este” (FREUD, 1996[1933], p. 116). E continua: “poder-se-ia considerar característica psicológica da feminilidade dar preferência a fins passivos” (FREUD, 1996[1933], p. 116). Ele argumenta que isso não é o mesmo que passividade e que, “para chegar a um fim passivo, pode ser necessária uma grande quantidade de atividade” (FREUD, 1996[1933], p. 116).

No entanto, ao considerar esse ato de amor – a mãe amamentando seu filho – como uma cena paradigmática, da natureza ativa e não passiva da mulher, parece haver uma contradição com o que, por outro lado, o próprio Freud alude ao final do seu texto: “parece que as mulheres fizeram poucas contribuições para as descobertas e invenções na história da civilização”, restringindo a contribuição (invenção) feminina à ação de “trançar e tecer” (FREUD, 1996[1933], p. 131). O psicanalista justifica esse pensamento atribuindo essa afirmação a um aspecto inconsciente da mulher, na tentativa dela de esconder a falta do pênis, fazendo uma alusão aos pelos pubianos que crescem num emaranhado (trançado) que esconde o órgão sexual feminino, ou seja, esconde a falta. Freud (1996[1933]), nesse cenário, ocupa-se da problemática da inveja do pênis quando se reporta à dinâmica da constituição da menina. A partir dessa dinâmica fálica, ele articula e fundamenta a constituição da sexualidade e seus destinos.

Pensando a constituição da sexualidade da menina, salienta a importância e a intensidade da relação dual mãe-filha na fase pré-ediariana. Destaca que essa experiência terá efeitos posteriores, principalmente em direção à feminilidade. Atendo-se à construção do feminino, Freud lembra que o primeiro objeto de amor do menino e da menina é o mesmo, a mãe. No entanto, a menina terá que trocar de objeto e voltar-se para o pai. Esse afastamento da mãe é acompanhado

de hostilidade, “a vinculação à mãe termina em ódio” (FREUD, 1996[1933], p. 122), afirma o autor. A partir do momento em que a menina percebe que ela não tem algo, que alguma coisa lhe falta (o pênis), dá vazão ao sentimento hostil, agressivo.

Esses sentimentos hostis intensificam-se e são dirigidos à mãe, culpando-a pela falta. Freud (1996[1933]) destaca que “a descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina” (p. 126). A partir disso, delimita três possíveis linhas de desenvolvimento para a mulher: a inibição sexual ou a neurose, o complexo de masculinidade ou a feminilidade normal, sendo esta última vinculada à maternidade.

Durante o desenvolvimento da menina na fase pré-ediapiana, a masturbação clitoriana assumia uma posição ativa. Renunciando à masturbação, suprimindo-a, a menina também renunciava a essa atividade. De acordo com Freud (1996[1933]), “predomina, agora, a passividade, e o voltar-se da menina para seu pai realiza-se com o auxílio de impulsos instintuais<sup>22</sup> passivos” (p. 127). Todas essas renúncias vivenciadas pela menina na retirada de investimento da atividade fálica, segundo Freud, preparam e abrem passagem rumo à feminilidade.

Nesse sentido, a leitura freudiana privilegiada, que trabalha a partir da dinâmica “ter ou não ter o falo”, articula a maternidade como uma experiência fálica de completude da mulher. Contudo, como já pontuado, essa é uma leitura possível do discurso freudiano; no entanto, não é a única. O psicanalista e pesquisador Joel Birman fomenta e fundamenta outra leitura que pode ser feita do discurso freudiano sobre a feminilidade. Concorda que o conceito de feminilidade foi “formulado de forma negativa”, pois “seria a fronteira do denominado ‘rochedo da castração’, mas ela também revelaria o originário do psiquismo, algo anterior à ordenação da subjetividade fundada no falo” (BIRMAN, 2001b, p. 223).

É interessante pensar que a sexualidade feminina foi o que despertou o interesse em Freud e o desafiou a desvendar os enigmas da histeria, pois a psicanálise foi construída, primordialmente, para dar conta das históricas, para explicar as manifestações somáticas que essas mulheres apresentavam. No entanto, Birman (2001b) destaca que, quando Freud “formulou o conceito de feminilidade, foi enunciado que

---

<sup>22</sup> Entende-se a palavra instintuais por pulsões.

este não se identificaria com a sexualidade feminina no seu sentido estrito. Nem com a masculina” (p. 224). O autor descreve ainda que

a feminilidade foi concebida como presente no fundo de ambas as modalidades de ordenação sexual, numa posição de latência contra a qual as sexualidades masculina e feminina se organizariam. [...] a sexualidade fora concebida por Freud, até então, como construída pelo operador fálico. Seria, pois, o falo a condição de possibilidade da estruturação do erotismo, o seu catalisador. (BIRMAN, 2001b, p. 224)

Valeria isso tanto para o menino quanto para a menina. O autor identifica que foi em oposição à construção conceitual vigente, centrada na figura do falo, que o conceito de feminilidade foi construído. Nas palavras do autor:

o discurso freudiano enunciou que esta indicaria a existência de outro registro psíquico, que se contraporaria ao anterior, centrado no falo. Vale dizer, no registro da feminilidade não existiria o falo para o sujeito, seja como referente ou até como referência. Esse território psíquico não seria nem regulado nem fundado na figura do falo. Este seria então, na feminilidade, uma ausência, um faltante. (BIRMAN, 2001b, p. 225)

O autor salienta que foi em oposição à dinâmica fálica que o conceito de feminilidade foi construído. No registro da feminilidade, não existiria a ordem fálica, o falo não existiria. Em decorrência dessa ausência nesse registro, tanto os homens quanto as mulheres teriam horror à experiência da feminilidade.

No livro “Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise”, Birman (2001b) afirma que o reconhecimento fundamental que se deve ter sobre o discurso freudiano acerca do feminino é de que ele é perpassado por diversas contradições e ambiguidades. Nesse livro, Birman defende uma tese acerca do corpo, da sexualidade e do feminino em Freud. Dada a importância desse tema para a pesquisa em questão, a seguir, serão apresentados recortes da análise realizada pelo autor, principalmente da questão da diferença sexual, da maternidade e da perspectiva fálica, a partir da obra freudiana

e da sua articulação com a rede social e cultural. Assim, serão apresentados recortes das análises iniciais do autor, quando ele se refere à construção da teoria da diferença sexual e da maternidade e suas relações com a rede social e cultural. A seguir, serão apresentados recortes do pensamento que busca apresentar as conclusões sobre as relações entre o tema da diferença sexual, da maternidade e da perspectiva fálica, também a partir da obra freudiana e da sua articulação com a rede social e cultural.

Birman (2001b) pontua que Freud, no final do século XIX, com o advento da psicanálise, positivou a histeria, dando voz às mulheres. Contudo, também forjou uma “leitura do psiquismo feminino pela qual este seria marcado pelas impossibilidades de sublimação e de restrições eloquentes na ordem do pensamento” (p. 19). O autor destaca que essa ambiguidade está presente no fundamento de outras formulações do discurso freudiano.

O autor evidencia que o fato de haver uma diferença temporal entre as duas formulações é significativo, pois a primeira formulação ocorreu nos textos originários da psicanálise enquanto a outra “se teceu nos textos tardios sobre a feminilidade” (BIRMAN, 2001b, p. 19). Entre uma formulação e outra, transcorreram trinta anos, tempo que abarca toda a construção freudiana da teoria psicanalítica. O autor questiona-se sobre o que pode ter ocorrido, nesse meio tempo, “para que um segundo enunciado crítico da primeira formulação fosse forjado?” (Idem, p. 19).

Inicialmente, na teoria psicanalítica, o processo civilizatório foi considerado como algo produzido pelos atributos femininos, particularmente em função da maternidade. Posteriormente, por questões referentes aos seus desejos e erotismo, as mulheres foram reconhecidas como anticivilizatórias. Birman (2001b) aproveita para salientar a oposição estabelecida na psicanálise entre maternidade e desejo no que diz respeito ao feminino. Também argumenta que, se por um lado, o da maternidade, a mulher é identificada como contribuinte do processo civilizatório, já por outro lado, o do desejo, ela é considerada opositora da construção desse processo (p. 20).

Essa suposta oposição contribuiu, de acordo com Birman (2001b), para fundamentar o pensamento freudiano sobre a característica de maior destaque do feminino, a questão da inveja do pênis, a qual serve de base para o entendimento do funcionamento psíquico das mulheres. De acordo com o autor, a inveja seria a “marca eloquente do psiquismo feminino na escuta de Freud” (BIRMAN,

2001b, p. 20). No entanto, isso contribuiu para mais uma contradição no discurso freudiano. Assim, se, por um lado, o feminino é pensado a partir da inveja do falo, por outro lado, “inscreveria o falo na totalidade do seu corpo, que pela sedução e pela beleza escravizariam os homens ao seu fascínio” (Idem, p. 21). Ou seja, por meio da sedução e da beleza, as mulheres acreditavam que possuíam o falo, ou melhor, que seus corpos eram propriamente o falo. Portanto, o autor revela que “a falácia feminina estaria justamente na pretensão das mulheres de quererem fazer crer que teriam o falo incrustado no seu corpo” (BIRMAN, 2001b, p. 21).

Na elaboração da teoria do Complexo de Édipo, o pênis recebeu uma posição de destaque, pois esse “definiria não apenas a diferença de sexos e a ruptura das gerações, mas as identificações sexuadas na subjetividade, superando e redefinindo os objetos parciais anteriores da história libidinal do sujeito” (BIRMAN, 2001b, p. 22). No entanto, o psicanalista argumenta que o Complexo de Édipo não é suficiente para justificar o fato de o pênis passar de objeto parcial para o status de “valor absoluto” (Idem, p. 22); ou seja, de um objeto parcial da pulsão para se tornar referência na constituição do psiquismo. Com isso, o autor aponta que “daí por que a expressão inveja do pênis se inscreve no discurso freudiano sobre o feminino de maneira saliente” (Idem, p. 22).

O autor argumenta que esses desencontros do discurso freudiano sobre o feminino contribuem para a realização de uma leitura que inferioriza a mulher. Dessa forma, nessa leitura do discurso de Freud, há uma hierarquia entre homem e mulher, na qual o homem era tido como superior e a mulher, inferior. Ainda, essa leitura estaria supostamente embasada na ordem natural do mundo. Articulada pelo discurso freudiano, essa hierarquização dos sexos seria embasada na concepção de diferença sexual. O autor salienta que, nas sociedades ocidentais, inicialmente, essa diferença era pensada apenas em termos da diferença biológica; porém, posteriormente, ela passou a ser pensada em termos do aparelho psíquico.

As relações entre psicanálise e feminismo também ocupam as análises de Birman (2001b), pois o discurso feminista propõe como tarefa combater os discursos, inclusive o psicanalítico, que defendiam a perspectiva hierárquica dos sexos ou se sustentavam nela. Assim, afirma que os discursos feministas tomaram como alvo a psicanálise, por esta apresentar elementos associados ao sexismo e à hierarquização entre os sexos, principalmente na

retomada militante da palavra de ordem igualitária entre os sexos dos anos 60, pela qual se procurou passar da palavra ao ato os pressupostos igualitários da cidadania promulgados pela Revolução Francesa, o feminismo pretendeu romper com a hierarquia valorativa entre o masculino e o feminino. (BIRMAN, 2001b, p. 23)

Para Birman (2001b), a crítica feminista acerca da predominância do pênis e do falo na obra freudiana necessita ser trabalhada e pensada pela psicanálise. O autor ressalta que o discurso feminista tem “parcialmente razão na crítica que empreendeu à razão psicanalítica” (p. 24), pois a teoria psicanalítica realizava uma leitura hierarquizada dos sexos, o que pode ser verificado no fato de o discurso freudiano tomar a maternidade como destino para a feminilidade. Entretanto, Birman (2001b) salienta que Freud descreveu outros possíveis destinos para o feminino, “tais como a inibição sexual, a histeria e a virilização” (p. 25), apesar de conceder privilégio, em termos libidinais, à maternidade na sua função de configurar a mulher. Assim, como já apontado, Birman (2001b) argumenta que há outra leitura possível do discurso freudiano sobre a feminilidade para além da associação exclusiva entre mulher e maternidade, a qual deve ser trabalhada.

Para trabalhar essa ideia, o autor destaca que é importante entender como foi construída a noção de diferença sexual no discurso freudiano, sendo também importante compreender os pontos que constituem o discurso freudiano sobre a feminilidade. Assim sendo, “destaca-se aqui, de maneira eloquente, a figura do falo, operador teórico maior da diferença sexual. Ter ou não ter o falo, ou, ser ou não ser o falo se enunciaram como as aporias teóricas maiores que delineariam o campo matizado da diferença sexual” (BIRMAN, 2001b, p. 26).

Entretanto, segundo Birman (2001b), para fazer todo esse percurso teórico e sustentar a sua afirmação sobre a diversidade e a contradição do caminho teórico freudiano, não é suficiente ter uma leitura apenas dos “enunciados freudianos” (p. 26). Em outras palavras, é necessário trabalhar a noção de diferença sexual no discurso freudiano, levar em conta as suas matrizes teóricas que influenciaram o pensamento freudiano, mas que também foram por ele influenciadas. Assim, “é preciso delimitar devidamente as matrizes sobre as quais se fundou o discurso freudiano sobre a sexualidade e a diferença sexual.

Trata-se de matrizes antropológicas que se inscreveram no tempo histórico da modernidade” (BIRMAN, 2001b, p. 27).

Dessa forma, Birman (2001b) destaca que “a noção de diferença sexual se constituiu firmemente no imaginário cultural do Ocidente na virada do século XVIII para o XIX, a partir das contradições sociais produzidas pelo ideário igualitário constituído pela Revolução Francesa” (p. 27). A relação do discurso psicanalítico com essas questões históricas é atravessada por paradoxos e contradições. Portanto, de acordo com o autor, Freud considerou e, ao mesmo tempo, desconsiderou as questões da diferença anatômica. Utilizou-as como o paradigma dominante para fundamentar a sua teoria, mas também foi além, avançando teoricamente. Assim, o autor salienta que

o conceito de feminilidade forjado no final do percurso freudiano é uma das maiores evidências disso. Pela proposição daquele conceito, a feminilidade se diferenciaria tanto da sexualidade masculina quanto da feminina, lançando, pois, uma nova luz não apenas sobre o ser do feminino, mas também para outra possível sobre a masculinidade. (BIRMAN, 2001b, p. 28-29)

A tese de Birman (2001b) é a de que essa contradição do conceito de feminilidade estabelece, é o essencial da discussão psicanalítica. Ele pontua a necessidade de compreender “os traços fundamentais do discurso moderno sobre a diferença sexual” (p. 29) e de identificar os trajetos do discurso freudiano diante do “paradigma moderno da diferença sexual, sublinhando principalmente os paradoxos e as contradições” (BIRMAN, 2001b, p. 29).

O autor afirma que, no Ocidente, é relativamente recente a construção e naturalização a respeito da diferença sexual, e seus discursos provenientes deste tema. Aponta que foi na virada para o século XIX que se construiu um discurso sobre a diferença sexual, porque até então o modelo que vigorava era o da hierarquia entre os sexos, sendo o sexo masculino referência de perfeição. Assim, passou-se do modelo do sexo único para o da diferença sexual, que consiste em dois sexos, um bem diferente do outro, com características específicas. Ocorreu, com isso, um deslocamento “de um paradigma fundado no sexo único para outro no qual existiriam dois sexos, distintos e bem diferenciados” (BIRMAN, 2001b, p. 33).

Pontua, ainda, que “o paradigma da diferença sexual é fundante e correlato da modernidade ocidental” (BIRMAN, 2001b, p. 35), pois as propostas de igualdade que se disseminavam e que alimentaram a Revolução Francesa implicaram na queda do modelo do sexo único que perdurou, aproximadamente, até o final do século XVIII nas sociedades ocidentais e modernas. Argumenta que seria “o discurso da igualdade dos cidadãos diante da lei” (Idem, p. 36) que impossibilitou a sustentação do modelo do sexo único e que abriu caminho para a constituição do modelo da diferença sexual.

Birman (2001b) pergunta: “como seria possível sustentar uma hierarquia entre o homem e a mulher diante do imperativo jurídico da igualdade de direitos?” (p. 36). No entanto, enfatiza que o modelo hierárquico entre os sexos não foi abandonado, mas foi readaptado e

passou a se fundar no registro biológico da natureza. Com efeito, as diferentes inserções sociais dos sexos passaram a ser legitimadas agora pelo determinismo natural dos corpos, que delineavam então horizontes diversos e bem discriminados para o macho e a fêmea. (p. 36)

A Revolução Francesa proclamava a igualdade de direitos entre os sexos e, dessa forma, se todos eram iguais perante a lei, era de direito que “em princípio as mulheres deveriam ter a mesma educação que os homens para que pudessem adquirir as mesmas habilidades e ter acesso às mesmas posições no espaço social” (BIRMAN, 2001b, p. 47). Todavia, Birman (2001b) destaca que “foram necessários dois séculos para que essa lógica se transformasse em normas sociais e conferisse a tal igualdade de condições entre os sexos” (p. 48).

A Revolução Francesa não outorgou às mulheres os direitos que elas buscavam e construiu um novo discurso sobre os sexos que oferecesse nova roupagem à hierarquia de poder entre os homens e as mulheres. Assim, a partir do fundamento da diferença sexual e da igualdade para todos, foi necessário formular um discurso “pelo qual o homem e a mulher teriam finalidades e inserções sociais bastante diversas, em consequência de suas naturezas diferenciadas e irredutíveis uma à outra” (BIRMAN, 2001b, p. 49).

Dessa forma, nesse modelo, o que determinaria as diferenças dos sexos e também suas inserções sociais seria a suposta essência natural do homem e da mulher. Com isso, o determinismo biológico se fez presente, tanto na inscrição corpórea quanto na moral de forma

imperativa. Assim, com o abandono do paradigma do sexo único e sua progressiva substituição pelo modelo da diferença sexual, o que passou a caracterizar a condição de homem e mulher foi a presença de marcas naturais consideradas essenciais. Ser homem ou mulher seria consequência de determinação biológica. Portanto, “a marca sexual que cada um portava, seja masculina ou feminina, passou para o nível da essência, constituindo-se, então, uma ontologia da diferença sexual” (BIRMAN, 2001b, p. 43).

A característica fundamental da ontologia construída com base na teoria da diferença sexual define o ser da mulher e o ser do homem. Assim, o ser da mulher seria definido pela condição de gerar vida, ou seja, seria a maternidade que constituiria “sua finalidade biológica e delinearía, pois, suas modalidades de inserção no campo social” (BIRMAN, 2001b, p. 55). No entanto, se a maternidade foi o grande atributo das mulheres, sua “fonte maior de seu poder no imaginário coletivo” (BIRMAN, 2001b, p. 55), foi também o que limitou suas possibilidades de ocupar outros lugares no espaço social. O corpo da mulher evidenciava que a maternidade era o destino, em que ficou identificada como algo de “ordem estritamente instintiva” (BIRMAN, 2001b, p. 55), ou seja, a maternidade seria algo instintivo da mulher.

A afetividade seria considerada marca do feminino e referir-se-ia às “conseqüências diretas e [a]os desdobramentos de suas virtualidades biológicas” (BIRMAN, 2001b, p. 56). Esta seria supostamente uma característica que o homem não possui, “o acolhimento e a capacidade de cuidado em relação ao outro” (Idem, p. 56). Dessa maneira, a mulher aproximar-se-ia do “pólo da natureza” (Idem, p. 56), já o homem, do “pólo da civilização” (Idem, p.26), pois esse seria marcado pela razão. Em função disso, o autor destaca que “esboçou-se, no imaginário coletivo, a cartografia moral da diferença sexual, que seria sempre a consequência direta da natureza biológica diferenciada entre o ser do homem e o da mulher” (BIRMAN, 2001b, p. 56).

Para concluir seu argumento, que ainda se alonga em outras vias de análises, Birman (2001b) lembra que tanto a sexualidade masculina quanto a feminina foram concebidas e articuladas mediante a ordem fálica. Dessa forma, o falo estaria presente no erotismo masculino e feminino, por isso o “horror à experiência da feminilidade” (p. 225). Pelo fato de as sexualidades masculina e feminina se inscreverem no registro fálico, a recusa do registro da feminilidade dar-se-ia pelo horror que ela provoca, pois a ordem fálica seria uma recusa

da feminilidade como origem do psiquismo, porque essa ideia contraria a tradição ocidental do masculino como originário (BIRMAN, 2001b, p. 225). Portanto, segundo Birman (2001b), “no registro da feminilidade não existiria o falo para o sujeito, seja como referente ou até mesmo como referência. Esse território psíquico não seria nem regulado nem fundado na figura do falo”. (p. 225).

O autor identifica que o discurso freudiano postulou a feminilidade como originária do psiquismo. Desde a fundação da psicanálise, a masculinidade era originária do psiquismo; contudo, isso se deslocou para o registro da feminilidade, “justamente pela ausência do referencial fálico” (BIRMAN, 2001b, p. 226). Assim, essa mudança de perspectiva acarreta a inversão do modelo ocidental, instituído desde a Antiguidade, que colocava a origem no masculino, o qual representava a perfeição. Dessa forma, Birman (2001b) identifica que “a feminilidade como desordem seria assim silenciada e transformada em continente negro da ordem fálica no psiquismo” (p. 226).

O registro da feminilidade identificado com a imperfeição, com a finitude, “estaria na origem da subjetividade, sendo a pretensão humana à perfeição pela mediação do falo uma recusa e até mesmo o reconhecimento velado da imperfeição do homem” (BIRMAN, 2001b, p. 226-227). Esse registro contraporía a tradição do Ocidente, como apresentado anteriormente, que atribuía ao homem o status de perfeição; e o cristianismo aproximava-o do divino. Nesse contexto, a feminilidade representava justamente o oposto, ou seja, a imperfeição e a finitude humana. No entanto, a recusa da feminilidade seria uma forma de recusa da imperfeição humana e de sua finitude. Portanto, nas palavras do autor: “a ordem do masculino, fundada no falo e colocada como origem, seria a marca da pretensão humana à perfeição e à completude, atributos esses que seriam da figura da divindade” (p. 227).

Birman (2001b) enfatiza que o discurso freudiano propôs uma leitura da condição humana na qual essa seria originalmente imperfeita e finita. Desta forma, além de destino, devido à consequência da experiência de castração, a feminilidade seria então a origem. Nas palavras do autor, a feminilidade “só poderia ser o destino porque seria, antes de mais nada, origem” (p. 229). Portanto, pensar a sexualidade humana fundada a partir da feminilidade “relativizaria então toda e qualquer pretensão fálica de perfeição, fomentada, aliás, por ambos os sexos no seu imaginário” (p. 229).

Contudo, Birman (2001b) é enfático ao argumentar que “a psicanálise inevitavelmente teria de ser construída a partir do campo

histórico da experiência das mulheres, já que no corpo e na subjetividade delas foi lançado, na tradição ocidental, todo o rebotinho da imperfeição e da finitude humanas” (p. 231). O autor justifica que é na materialidade do corpo feminino que é lembrada a condição de humano imperfeito e finito, inclusive que “a gestação e o nascimento também revelariam nossas origens muito pouco nobres, nascidos que seriam do ventre materno e não da cabeça sagrada de Zeus” (BIRMAN, 2001, p. 231).

A partir da corporeidade imperfeita da mulher e da histeria, a condição humana seria então conduzida à sua imperfeição. Nessa perspectiva, os ataques convulsionários histéricos evidenciavam a imperfeição humana, o descontrole do próprio corpo, a “perda da nossa pretensão à perfeição e ao nosso domínio absoluto sobre o corpo” (BIRMAN, 2001b, p. 232); e eu acrescento: a pretensão de controlar a si mesmo, de controlar o próprio psiquismo. Outra descoberta freudiana que evidencia a imperfeição e a vulnerabilidade da condição humana é a formulação do inconsciente. A descoberta do inconsciente por Freud foi revolucionária, pois constatou a existência de uma parte do sujeito que ele mesmo desconhece e não controla; e mais ainda, que o governa. Ou seja, que o Eu não reina na sua própria casa, pois quem reina e governa é o inconsciente. Retornando, no entanto, à questão da feminilidade como originária do psiquismo, Birman (2001b) evidencia que essa seria “a marca radical de que somos, pela finitude e incompletude, humanos, demasiadamente humanos” (p. 233).

Após apresentar esses recortes das ideias de Birman, é necessário acrescentar que a teoria psicanalítica freudiana oferece importantes contribuições para trabalhar a questão da maternidade, da feminilidade e do corpo. Principalmente entendo que essa contribuição poderá ser importante quando for possível pensar sobre os limites e as vantagens que essa teoria oferece, assim como acontece na proposta de Birman, que revela os limites de uma leitura em que utiliza exclusivamente a referência fálica. Também penso ser interessante revelar as associações entre a constituição do psiquismo e a rede social e cultural, como faz o autor e assim também fez Freud em vários momentos da sua obra. Penso na importância de fazer essa afirmação, pois utilizamos a psicanálise como recurso para produzir esta pesquisa. Porém, é fundamental dizer que o trabalho recorre às contribuições de autores que fazem uma leitura de Freud a partir das ressalvas e dos limites que sua teoria apresenta.

Como já foi pontuado, a sexualidade feminina foi o que intrigou Freud desde o princípio. Foi o interesse em desvendar e explicar o que ocorria na histeria que Freud formulou a teoria e a técnica psicanalítica, pois as manifestações e as queixas das pacientes histéricas não conseguiam ser desvendadas, muito menos tratadas pela medicina da época; realizavam-se exames buscando alguma alteração ou lesões no organismo e, no entanto, não se constatava nada. Com isso, as histéricas, incompreendidas, eram tratadas como mentirosas e suas queixas, como fingimento. Freud, ao escutá-las, retirou a histeria do escuro, da mentira, do fingimento, e legitimou o sofrimento presente nelas, a dor que expressavam através de seus corpos.

O fundador da psicanálise articulou que as manifestações corporais presentes na histeria significavam algo, tinham algum sentido, algum motivo, como já mencionado anteriormente. Ao trabalhar os conceitos de sexualidade e inconsciente, pôde explicar que os sintomas somáticos representavam um desejo sexual inconscientemente insatisfeito. No entanto, apesar de ter tido um papel central, senão principal, na construção do discurso freudiano, o corpo na psicanálise foi posto de lado e priorizado o que dizia respeito ao psíquico, ao simbólico, à fala, à palavra, ao sentido. Contudo, o corpo como conceito psicanalítico faz-se necessário apresentá-lo e conceituá-lo, pois é um ponto central nesta pesquisa.

Até o momento, fiz um percurso teórico nas obras de Freud e apresentei a constituição do corpo pulsional, o corpo psicanalítico. Agora, apresento autoras e pesquisadoras pós-freudianas que recorrem a Freud para continuar a trabalhar com a problemática do corpo na atualidade. Busco, no artigo “O corpo em psicanálise” (2006), de Lazzarini e Viana, contribuições para articular o corpo como conceito ou fundamento psicanalítico. Nesse artigo, as autoras buscam compreender a respeito do corpo, a partir dos fundamentos freudianos trabalhados desde o surgimento da psicanálise. Iniciam o artigo caracterizando o corpo como objeto de estudo de várias áreas, como biologia, anatomia, sociologia, estética, antropologia, história e “psicanálise, corpo subjetivo, abordado pelo instrumental teórico/clínico da psicanálise” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 241). Enfatizam que, durante algum tempo, a linguagem na psicanálise foi posta num lugar de destaque por ser sua ferramenta de trabalho, pois o foco eram os processos psíquicos. As autoras argumentam que a psicanálise se depara com o corpo doente, centrando-se inicialmente na abordagem biológica que separa mente e corpo. Porém, no seu trajeto, ela amplia seu campo

clínico e teórico. Apontam que a presença do corpo na psicanálise vai se situar para além da queixa somática e da biologia, fazendo-se presente como corpo erógeno. Portanto, “o corpo que é objeto da psicanálise ultrapassa o somático e constitui um todo em funcionamento coerente com a história do sujeito” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 241).

Lazzarini e Viana (2006) evidenciam que o problema do corporal em psicanálise é, “ao mesmo tempo, marginal e fronteiro, fundador e constitutivo, bem como encoberto e descoberto” (p. 242). Elas recorrem a Gantheret (1971) para justificar que Freud avança na direção do inconsciente em função do enigma posto pelo corpo da histórica.

De acordo com as autoras, foi confrontando a metapsicologia com a biologia que a teoria da sexualidade freudiana foi fecundada, sendo, na psicanálise “o corpo enquanto objeto para o psiquismo; é o corpo da representação inconsciente, o corpo investido numa relação de significação, construído em seus fantasmas e em sua história” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 242).

No entanto, as autoras destacam que, para Assoun, corpo não é um conceito psicanalítico específico, pois aparece em Freud como Körper (corpo real), como Lieb (substância viva, princípio de vida e individuação) e como Soma (corpo somático); portanto, para ele, o corpo em psicanálise é um paradoxo.

Nas palavras das autoras:

Freud, ao articular uma teoria da sexualidade, inicia uma verdadeira revolução na concepção de corpo, revolução esta que, se estruturando a partir do corpo Soma, corpo biológico, corpo pura necessidade, vai desembocar na noção de corpo erógeno, inserido na linguagem, na memória, na significação e na representação, ou seja, corpo próprio da psicanálise. (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 242)

Os sintomas das doenças nervosas, inexplicáveis do ponto de vista da medicina, chamou a atenção de Freud, pois ele sempre buscou entender o funcionamento psíquico. Assim, elaborou uma teoria para explicar esses fenômenos e uma técnica capaz de eliminar esses sintomas. As autoras salientam que a psicanálise também é definida pelo sexual, no sentido erótico. Em Freud, o corpo da histórica era definido levando em conta não apenas a anatomia, mas também “a condição da

representação corporal presente no imaginário social” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 243).

O discurso freudiano abre um novo campo quando dá voz às histéricas, retirando-as da condição de mentirosas e escutando-as. Assim, de acordo com as autoras, Freud percebe que “as pessoas, ao falarem, dizem mais do que imaginam estar dizendo” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 243); constitui o conceito de inconsciente e identifica que esse é regido por uma lógica própria, estabelecendo logo o conceito de repressão e recalque. Elas apontam que o fundador da psicanálise percebe que as queixas de suas pacientes têm um sentido inconsciente para elas e que são, geralmente, de cunho sexual. Portanto, “é exatamente a sexualidade que se encontra na posição de ser recalçada e de continuar produzindo efeitos a partir de sua localização, isto é, a partir do inconsciente” (p. 243).

As autoras salientam que a palavra, fonte de trabalho da psicanálise, era sempre articulada à sexualidade, mesmo que de forma camuflada; portanto, dizia respeito ao corpo. A lembrança que a histérica contava sempre aludia a uma experiência precoce sexual. Com isso, através da fala, mostrava a Freud um modo de organização da sexualidade. Dessa forma, Freud identifica que a fala das histéricas afetava o seu próprio corpo, mostrando, por meio do sintoma, algo de si e evidenciando, assim, que o corpo da histérica, via conversão, “tende a expressar o psíquico, obedecendo à lei do desejo inconsciente, coerente com a história do sujeito” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 243).

A partir do exposto, Lazzarini e Viana (2006) afirmam que foi na clínica da histeria que Freud articulou um estatuto próprio para o corpo na psicanálise, diferenciando-o do corpo da anatomia e da medicina e, conseqüentemente, rompendo com a medicina vigente. Logo, elas apontam que, por meio do trabalho com as histéricas, surge, “ainda de uma forma incipiente, o corpo psicanalítico – marcado pelo desejo inconsciente, sexual, e atravessado pela linguagem” (p. 243).

A questão da pulsão encontra-se articulada a essa leitura psicanalítica, pois Freud construiu uma metapsicologia do corpo com base nesse conceito “definido como limite entre o psíquico e o somático” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 243). Ressalta-se que nessa leitura a sexualidade como constituinte do sujeito tem múltiplos significados, abrangendo do biológico até a linguagem. As autoras constataam uma importante mudança na metapsicologia freudiana com a introdução da noção de sexualidade infantil, que significa que as crianças também possuem pulsões sexuais. A sexualidade, para o

discurso freudiano, é polimorfa, ou seja, tem múltiplos objetos possíveis. Dessa forma, para Freud, o corpo sexual é fragmentado em zonas erógenas que geram prazer. Lazzarini e Viana (2006) destacam que Freud atribui um estatuto teórico para a pulsão com o objetivo de encontrar um fundamento para a teoria da sexualidade. Portanto, de acordo com as autoras,

Freud introduz o tema da sexualidade via perversão, supondo ser esta a porta de entrada para a sexualidade. A partir daí mostrou que a sexualidade infantil é a base comum para a perversão, a neurose e a sublimação que emergem não como desvios da sexualidade, mas como conservantes das características da sexualidade infantil. (p. 244)

Dessa maneira, Lazzarini e Viana (2006) identificam que pulsão é um conceito fundamental, pois articula corpo e psiquismo, rompendo, assim, com a ideia vigente na época de Freud, o dualismo corpo e mente. Concluem que é através do pulsional que o corpo pode ser autoerótico e narcísico. Pontuam ainda que, “como força constante e exigência de trabalho imposta ao psiquismo pela sua ligação com o corpo, a pulsão seria origem e um dos fundamentos do sujeito” (p. 244).

Afirmam que, inicialmente, Freud pensou em uma dualidade pulsional entre pulsões sexuais (referindo-se ao campo dos objetos) e pulsões autoconservativas (referindo-se ao campo do eu), entendendo que havia uma oposição entre as duas. Nesse contexto, as autoras informam que o discurso freudiano passou a considerar que, além da libido objetual, que consiste em uma escolha objetual, há também uma libido narcísica, que toma como objeto o próprio eu. Com isso,

o eu e os objetos polarizam, por assim dizer, a sexualidade que se abre para a existência de uma libido do eu e uma libido do objeto, marcando não somente a qualidade do investimento que seria sempre sexual, mas também a sua direção. (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 245)

Para as autoras, inicialmente, em Freud, o Eu é rígido pelo autoerotismo, em que a satisfação sexual ocorre no próprio corpo, através da manipulação de órgãos, como a boca, a língua, a mucosa anal, entre outros. Assim, no autoerotismo, “numa mesma região do

corpo a fonte e o objeto de satisfação estariam presentes e se fundiriam” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 245). Porém, no narcisismo, ocorre uma transformação do registro dispersivo das zonas erógenas no corpo para um corpo unificado, proporcionando a constituição do eu e do corpo, marcando a saída do autoerotismo. Ainda ocorre a passagem do narcisismo primário para o denominado narcisismo secundário, porque há um reconhecimento do outro, a passagem do egoísmo para a alteridade. Enfatizam que Freud postula que “o eu possuiu uma natureza dupla, uma espécie de assimetria que vai se constituir na presença do outro, isto é, a unificação do corpo pelo olhar do outro seria constitutivo do eu” (p. 246). No entanto, esse funcionamento estaria regido pelo narcisismo dos pais, idealizando no filho tudo que eles não foram capazes de realizar; portanto, alienando o filho a suas próprias idealizações. A ruptura desse funcionamento, a perda dessa idealização dos pais configura a inscrição na alteridade, num eu não alienado ao ideal dos pais, mas capaz de reconhecer outros ideais. A partir da segunda tópica freudiana, pontuam as autoras, o eu é configurado como sendo

essencialmente corporal. [...] Em *O ego e o id*, considerado o texto da segunda tópica, Freud define o Eu como instância corporal e, ainda, a projeção de uma superfície. Para ele, o eu passa a estar relacionado com o espaço, com a imagem e com o corpo. A consequência imediata que a segunda tópica trouxe à concepção psicanalítica de corpo é a emergência de uma outra economia da sexualidade nessa tópica corporal, centrada na unidade. (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 246)

Nesse contexto da segunda tópica, as autoras ressaltam que ocorre a reorganização da leitura sobre o corpóreo e da relevância dada aos aspectos da dor e da morte. Lembram que, nesse ponto, Freud já tinha introduzido o conceito de “pulsão de morte e de masoquismo, fundando a corporeidade também no registro da dor, do trauma e da angústia” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 246). Constatam que a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte é apresentada por Freud em “Além do princípio do prazer”. Contudo, as autoras apontam a diversidade de abordagens e de leituras que os seguidores de Freud realizam acerca do conceito de pulsão de morte, sendo esse considerado um dos mais controversos na obra freudiana. De acordo com Lazzarini e

Viana (2006), é interessante ressaltar que o fundador da psicanálise identificou, por meio do seu trabalho clínico, que o funcionamento psíquico não buscava unicamente o prazer.

Retomando a noção de Eu para Freud na segunda tópica, as autoras destacam que é atribuído ao eu a noção de corporeidade, ou seja, o eu é entendido como essencialmente corporal. Dessa forma, as autoras consideram “neste sentido que o corpo é o próprio, a primeira pessoa” (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 248). Utilizando as contribuições de Fernandes (2002), as autoras concluem que

o corpo psicanalítico se apresenta ao mesmo tempo como o palco onde se desenrola o jogo das relações entre o psíquico e o somático e como personagem integrante da trama das relações, enfatizando que essa dupla inscrição se evidencia no conceito de pulsão ao colocar o corpo ao mesmo tempo como fonte de pulsão e como finalidade. Portanto, a teoria freudiana permite colocar em evidência que o somático habita o corpo que é também lugar de realização de um desejo inconsciente. [...] O corpo é, portanto, lugar da passagem do outro, lugar de onde nasce o sujeito. (LAZZARINI & VIANA, 2006, p. 248)

Como dito anteriormente, foram apresentados alguns recortes de análises sobre o corpo, a feminilidade e a sexualidade nas suas relações com o social e o cultural, na perspectiva da psicanálise. Espero recorrer a essas análises e autores para pensar e trabalhar na pesquisa. A seguir, também conforme dito, apresento algumas referências sobre a estratégia de produção de conhecimento, ou seja, sobre o método em psicanálise.

## CAPÍTULO 2 – UMA NOTA SOBRE O MÉTODO

Para viabilizar esta pesquisa, trabalho com um grupo pequeno de mulheres, em número de três, que já passaram pela gestação e pelo parto, respeitando os primeiros meses dessa nova função, a materna. Com a proposta de escutá-las em suas singularidades, realizo entrevistas a fim de que cada uma possa falar de suas vivências sobre as transformações marcadas pela maternidade. A localização dessas três mulheres ocorreu por intermédio da minha rede social. Pessoas da minha rede de relacionamentos é que fizeram a ponte entre mim e a possível participante. Possível participante porque, no primeiro contato, eu expliquei do que trata a pesquisa e apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A pessoa teve o direito de não querer participar ou, por alguma razão, de desistir da participação.

Nesses encontros, levei em conta a dinâmica transferencial, os aspectos que vão além da fala, como o olhar, a entonação da voz, dentre outros. Rosa e Domingues (2010) destacam que a transferência, na obra freudiana, foi descoberta na clínica, na relação analítica, que “é um dos postulados básicos da teoria psicanalítica, e qualquer elaboração teórica que se defina como psicanálise deve considerá-la” (p. 185). O fenômeno transferencial está presente em todas as relações, não é exclusividade da clínica psicanalítica, o que difere é a intensidade que ela apresenta e fundamentalmente o seu manejo. Portanto, na situação de entrevista, a transferência está presente e, nesse contexto, pode ser utilizada como recurso técnico de observação e compreensão (ROSA & DOMINGUES, 2010).

As entrevistas acompanharam a questão norteadora que foi “Fale sobre sua experiência de maternidade”; depois, em cada entrevista, surgiram outras questões. O objetivo de não ter uma entrevista com questões dirigidas foi de proporcionar às entrevistadas, através de suas falas, o embarque nas experiências relatadas, e, como consequência, tratar das questões que proponho nesta pesquisa. Portanto, a questão norteadora serviu como um mote para iniciar a entrevista, já que as entrevistas tiveram como característica fundamental a flexibilidade, possibilitando espaço e abertura para o novo, para o inesperado do momento e da relação. No entanto, na medida do possível, privilegiei o que se refere ao efeito que a maternidade exerceu nessas mulheres em relação ao seu corpo, à sua sexualidade, à sua feminilidade diante e/ou inserida nessa cultura narcísica.

O método utilizado pode ser definido como uma pesquisa psicanalítica extramuros ou de extensão. De acordo com Rosa (2004),

a Psicanálise extra-muros ou em extensão diz respeito a uma abordagem – por via da ética e das concepções da psicanálise – de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico. (p. 331)

A pesquisa em psicanálise ocorre desde seus primórdios, sendo realizada por seu fundador, Sigmund Freud, que a denominava de psicanálise aplicada. Em vários momentos de sua extensa obra, ele utiliza seu conhecimento teórico psicanalítico para pensar a sociedade. Também em alguns textos faz uso de fenômenos coletivos para compreender o que diz respeito ao singular. Nessa direção, Rosa e Domingues (2010) destacam que

a psicanálise porta uma dimensão própria de sujeito e de objeto, a qual constitui o seu método específico de pesquisar e em que o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado *a priori*, mas sim produzido na e pela investigação. (p. 182)

Partindo disso, Rosa (2004) argumenta que a psicanálise está presente além da clínica, do consultório, mas regida, de certa forma, pelos mesmos princípios, o inconsciente, a transferência, a sexualidade:

o inconsciente está presente como e nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende. A escuta busca, na linguagem, a articulação da libido determinante do simbólico. (p. 342)

Em sintonia com o que foi apresentando até aqui, a teoria psicanalítica servirá para “fundamentar e delinear os procedimentos de pesquisa considerando alguns de seus conceitos principais, como sexualidade, pulsão, inconsciente, recalque, desejo, transferência”, como

elucida Cintra (2010, p. 34-35). Busco a atenção flutuante como recurso técnico para sustentar a minha escuta no trabalho com as mulheres entrevistadas, como também na análise do material proveniente desse encontro. Assim, recorro ao aporte das relações transferenciais e contratransferenciais produzidas no contexto das entrevistas para lidar com o que está além da fala explícita, contemplando a “especificidade daquilo que se fala/escuta, como se fala/escuta e a quem se fala/escuta” (CINTRA, 2010, p. 36). Freud (1996) descreve sobre a técnica da atenção flutuante:

técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo de tomar notas). Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma “atenção uniforme suspensa” em face de tudo que se escuta. Desta maneira, poupamos de esforço violento nossa atenção, a qual, de qualquer modo, não poderia ser mantida por várias horas diariamente, e evitamos um perigo que é inseparável do exercício da atenção deliberada. Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Isto, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscando a nunca descobrir nada além do que já se sabe; e, se seguir inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente. (p. 125-126)

Importante ressaltar que a pesquisa não tem como objetivo o enquadre interpretativo, conferido à análise realizada no consultório, mas visa organizar articulações teóricas do que se passa extraconsultórios; portanto, em nenhum momento trabalho, com a hipótese de acessar o inconsciente dessas mulheres, porém não desconsidero a existência dele. Nessa perspectiva, Rosa e Domingues (2010) definem que,

pautada pela dimensão do enunciado e da enunciação do discurso, a pesquisa psicanalítica produz conhecimento interceptando a transmissão de dogmas e de idealizações, mediante o conhecimento de uma série de contextos e histórias, acrescido de articulações fora da história oficial. (p. 182)

Nessa mesma perspectiva, Renato Mezan (2002), em um capítulo de seu livro “Interfaces da psicanálise”, intitulado “Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões”, comenta que frequentemente escuta argumentos de que dissertações ou teses em psicanálise podem ser úteis para esclarecer ou vislumbrar e/ou “esclarecer questões teóricas” (p. 409), mas que “porém pouco acrescentariam do ponto de vista clínico” (p. 409), pois não dão conta do que se refere a questões da clínica psicanalítica. No entanto, o autor contrapõe que os trabalhos que orientou derivaram de “questões psicanalíticas no sentido mais convencional” (p. 409), de questões da clínica. Mezan (2002) argumenta que as teses são “textos psicanalíticos no sentido mais estrito” (p. 409), pois, pelo fato de serem “elaborados na Universidade, obedecendo às regras próprias desta instituição, não lhes retira o ter caráter psicanalítico” (p. 410). Constata que a redação da tese é uma “excelente oportunidade de pensar a clínica a partir de um recorte específico” (p. 410).

As teses denominadas psicanálise extramuros envolvem pesquisas em que o assunto “extrapola as quatro paredes do consultório e se inscreve na cena social e cultural” (MEZAN, 2002, p. 418). Mezan (2002) destaca que, mesmo fora do consultório, das quatro paredes que lhe oferecem segurança e *setting*, o psicanalista deve utilizar a “mesma escuta, o mesmo contato direto com o sofrimento psíquico, materializado em pessoas de carne e osso com seus sintomas, defesas, fantasias e transferências” (p. 419).

A diferença entre aquela (psicanálise extramuros) e a “psicanálise *strictu sensu* não reside no caráter supostamente puro do trabalho clínico” (MEZAN, 2002, p. 419). O autor destaca que grande parte “dos escritos de Freud fazem avançar a psicanálise tomando por tema fenômenos a que Laplanche chamou pelo termo muito feliz de *extramuros*” (p. 419, grifo do autor). Argumenta Mezan (2002):

a única diferença entre o que faz o analista sentando na poltrona e o analista sentado à sua mesa de trabalho, é que no primeiro caso sua atividade visa tanto à *elucidação* quanto à transformação do que ocorre entre ele e seu paciente, enquanto no segundo a dimensão prática está ausente [...], já que a situação não envolve uma dupla, mas um pesquisador e um objeto a ser construído a partir de dados empíricos. (p. 419-420, grifo do autor)

A pesquisa extramuros inclui vários tipos de trabalho, todos tendo em comum a psicanálise fora do *setting* do consultório, em que “a elucidação do problema escolhido não visa diretamente uma intervenção terapêutica” (MEZAN, 2002, p. 428). As estratégias para coletar as informações variam; podem ser “entrevistas, pesquisa em textos, descrição de um fato social ou cultural” (p. 428). Mas, “construir, com base em uma análise do material que ainda não é psicanalítica, mas formar, uma questão psicanalítica” (p. 428).

O autor comenta uma questão: “o que se pode aprender sobre a pesquisa acadêmica em Psicanálise?” (MEZAN, 2002, p. 428). Inicia a discussão da pergunta argumentando que um dos traços que julga mais irritantes “é o caráter vago e genérico das formulações de uns e de outros” (p. 428), no que se refere ao assunto. Define:

há os puristas, geralmente encastelados nas associações psicanalíticas, que temem ver conspurcada a sacrossanta psicanálise pela sua inserção na universidade: seja porque temem a “intelectualização” (versão IPA), seja porque, estando na universidade, a psicanálise seria inelutavelmente contaminada pelo “discurso universitário” (versão lacaniana). (MEZAN, 2002, p. 428-429)

Nesse mesmo raciocínio, no outro lado,

há os defensores do ‘método científico’, geralmente entrincheirados nos departamentos de Psicologia, que julgam impossível realizar com seriedade uma investigação de tipo qualitativa, porque esta se apóia em poucos ‘casos’ e deles extrai conclusões por vezes de grande alcance (MEZAN, 2002, p. 429).

Para contextualizar a natureza da pesquisa em psicanálise, o autor evidencia que, quando se fala em pesquisa, o que geralmente vem à mente é “o modelo das ciências exatas e biológicas, e esquece-se que existem áreas do conhecimento nas quais não se trabalha com experimentos, mas que são tão legítimas quanto as chamadas ‘ciências duras’” (MEZAN, 2002, p. 429).

Questiona: “quais seriam, então, os critérios para avaliar a qualidade de uma pesquisa em Psicanálise?” (MEZAN, 2002, p. 430). O autor afirma que “toda pesquisa psicanalítica é *qualitativa*, ou seja, trabalha em profundidade com casos específicos” (p. 430, grifo do autor). Mezan (2002) considera que

é o mergulho na sua singularidade que permite extrair dele tanto o que lhe pertence exclusivamente quanto o que compartilha com outros do mesmo tipo: por isso, o caso ganha um valor que se pode chamar de *exemplar*. Uma boa pesquisa em psicanálise, portanto, deve evidenciar esses dois planos, o da especificidade e o da generalidade. (p. 430)

O autor aponta como um problema a interpretação, pois ela causa controvérsias. É dito que a “interpretação psicanalítica não tem como ser verificada” (MEZAN, 2002, p. 430). Destaca que essa crítica tem dois lados: “uma se refere à interpretação no contexto terapêutico, a outra, à interpretação no sentido mais usual de compreender e elucidar o problema tratado na tese” (p. 430).

O autor esclarece que de pano de fundo da “crítica à ‘inverificabilidade’ da interpretação [...] está uma crítica mais geral à psicanálise enquanto procedimento de investigação clínica e de intervenção terapêutica” (MEZAN, 2002, p. 431), pois uma pesquisa em psicanálise tem como referencial a teoria psicanalítica, a qual se origina na clínica, em que “se evidenciam com mais clareza os processos inconscientes de que trata esta disciplina” (p. 431-432). É uma discussão que acompanha a psicanálise desde que Freud a apresentou como uma disciplina científica que pretendia dizer “alguma coisa *sobre o que é*, sobre um objeto chamado realidade psíquica, objeto que possui suas peculiaridades, mas sobre o qual é possível obter conhecimentos” (MEZAN, 2002, p. 432, grifo do autor). Portanto, o autor defende que, “na prática efetiva da psicanálise, permite ter alguma garantia de que as

interpretações do psicanalista são bem fundamentadas, e também é possível corrigi-las ou abandoná-las quando se revelam errôneas” (p. 432).

Com o objetivo de fundamentar seu argumento, Mezan (2002) cria um exemplo, supõe que um paciente se analisa simultaneamente com dois psicanalistas e que conta o mesmo sonho aos dois. Enfatiza que, provavelmente, as interpretações dos dois analistas sejam parecidas, mas também que haja elementos diferentes, até porque o paciente pode se lembrar em uma sessão de alguma coisa que não mencionou na outra, ou o contrário, um analista pode destacar um aspecto que o outro negligenciou (p. 432).

O autor salienta que os processos psíquicos são essencialmente os mesmos em todos os seres humanos e exemplifica com o fato de que, quando alguém lê a “*A interpretação dos sonhos* de Freud, pode ouvir um sonho e se perguntar onde está o desejo inconsciente, onde estão os deslocamentos e as condensações” (MEZAN, 2002, p. 432, grifos do autor). O mesmo ocorre com as “manifestações da transferência” (p. 432), pois, “na análise, os conflitos infantis reaparecem e são novamente revividos em relação à figura do analista, sejam quais forem os protagonistas de cada tratamento tomando isoladamente” (p. 432-433). Portanto, mesmo o processo terapêutico sendo da ordem do individual, nada impede ou impossibilita de concluir ou generalizar em vários graus (p. 433).

Outro fator significativo que o autor destaca é “a *regularidade* da vida psíquica de cada pessoa” (MEZAN, 2002, p. 433, grifo do autor); no entanto, cada pessoa tem características singulares, apesar da existência de características universais pertencentes a todos os seres humanos.

Entretanto, lembra que “todo ser humano tem de passar por certas crises na sua vida – nascimento, separação dos pais, escolha do parceiro” (MEZAN, 2002, p. 434), e eu acrescento a morte de um ente querido. Mezan (2002) justifica que “esses processos são universais”, o que vai variar de um lugar para outro, “ou entre culturas e épocas diferentes, são as modalidades pelas quais uma criança se torna adulto” (p. 434).

Considero os dois parágrafos finais deste capítulo importantíssimos, pois qualificam a pesquisa em psicanálise e todas as formas de realizá-la com as quais o autor já trabalhou. Mezan (2002) aponta que a maioria das teses em psicanálise “se ocupa de questões que podemos situar no plano intermediário entre a singularidade absoluta do

indivíduo e os aspectos que, por serem essenciais à natureza humana, encontram-se em todos os membros da espécie” (p. 434).

O autor evidencia como o essencial do seu argumento o fato de que “nada na Psicanálise é antagônico à possibilidade de que com ela se realizem pesquisas bem estruturadas e capazes de contribuir para o avanço dos conhecimentos sobre o ser humano” (MEZAN, 2002, p. 435).

## **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

As três entrevistas que compõem a pesquisa foram marcadas de acordo com a preferência e disponibilidade de cada uma das entrevistadas. Deixei claro para elas que o local da entrevista poderia ser da preferência de cada uma, mas também deixei disponível como um possível local o meu consultório. Este critério foi utilizado com o objetivo de facilitar o contato e o momento da entrevista, pois todas estavam com bebês e eles necessitavam de seus cuidados. Duas das participantes preferiram que a entrevista fosse realizada nas suas casas. Mas uma participante preferiu que a entrevista fosse realizada no meu consultório.

### **3.1 Análise da entrevista com D.**

A primeira entrevista realizada foi com a participante D., que preferiu fosse na sua casa. Apesar de ressaltar para ela, no primeiro contato que tivemos, a importância de ser um ambiente reservado e, se possível, sem interrupções durante a realização da entrevista, a casa da D. estava relativamente movimentada, pois estava presente a mãe da entrevistada e seus dois sobrinhos. A entrevista foi realizada na sala de estar, a mãe da entrevistada estava na cozinha, separada da sala por uma porta, que permaneceu fechada enquanto conversávamos; já os sobrinhos estavam no andar de cima, lugar onde permaneceram todo o tempo da entrevista. A entrevistada cuidou da sua filha enquanto a entrevista era realizada. A bebê estava um pouco resfriada, com tosse e congestionamento nasal, portanto necessitava da atenção da mãe. Assim, durante a entrevista, D. ficou a maior parte do tempo com a filha no colo, amamentou-a duas vezes, distraiu-a com brinquedos e ficava balançando-a no colo. Este foi o cenário em que a entrevista com a participante D. foi realizada.

A análise das entrevistas, como abordado no capítulo anterior, que descreve sobre o método, tem como fundamento concepções de constituição psíquica e de linguagem apoiadas na psicanálise. Entende-se que a psicanálise trabalha com a noção de sujeito cindido, em que o sujeito não é regido pela consciência apenas, mas também pelo inconsciente. Com isso, compreende-se que a fala do sujeito não diz respeito a uma verdade absoluta, concreta e consciente, pois se parte do pressuposto de que o inconsciente também se manifesta nesta fala. Em outras palavras, que, na fala desse sujeito cindido, o que ele diz não

corresponde à verdade absoluta, pois, em sua fala, ele fala também do que ele não sabe dele mesmo, ou seja, que é inconsciente. No entanto, saliento que o objetivo das entrevistas e desta análise não é acessar o inconsciente, pois não se trata de um tratamento psicanalítico. Contudo, o que pontuo é que não o desconsidero.

Além das concepções de constituição psíquica e de linguagem, utilizamos nas análises o conceito de transferência para a psicanálise. O conceito de transferência na obra freudiana foi se amplificando e complexizando no decorrer dos estudos de Freud, tornando um fenômeno em que o analista utiliza para trabalhar com o paciente as ressignificações da singularidade de suas histórias. Não vou retomar a trajetória histórica deste conceito, mas apontar o seu papel na clínica psicanalítica. Assim, de acordo com Freud, no seu artigo sobre a “Dinâmica da Transferência” (1996[1912]):

as peculiaridades da transferência para o médico, graças às quais ela excede, em quantidade e natureza, tudo que se possa justificar em fundamentos sensatos ou racionais, tornam-se inteligíveis se tivermos em mente que essa transferência foi precisamente estabelecida não apenas pelas idéias antecipadas conscientes, mas também por aquelas que foram retidas ou que são inconscientes. (p. 112)

De acordo com Macedo (2005), a transferência é um fenômeno que “está presente em todas as relações” (p. 136), ou seja, não é exclusividade da clínica psicanalítica. A diferença é que no tratamento analítico ela ocupa outro lugar, tem outra função, sendo ela o fator que determina um processo analítico. Portanto, o fenômeno transferencial aparece no tratamento analítico de várias formas, podendo também se manifestar como a “resistência mais poderosa ao tratamento” (FREUD, 1996[1912], p. 112). Os meios que a transferência se apresenta pode ser positiva ou negativa, sendo que a transferência positiva se manifesta através de sentimentos amistosos ou afetuosos, os quais são permitidos à consciência, e Freud (1996[1912]) caracteriza que estão

vinculadas à sexualidade e se desenvolveram a partir de desejos puramente sexuais, através da suavização de seu objetivo sexual, por mais puros e não sensuais que possam parecer à nossa autopercepção consciente. Originalmente,

conhecemos apenas objetos sexuais, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser objetos sexuais para nosso inconsciente. (p. 116 - 117)

Já a transferência negativa expressa ou manifesta-se por sentimentos hostis, não amistosos para com o analista; muitas vezes, ela se encontra lado a lado com a transferência afetuosa, erótica, e elas são dirigidas ao mesmo tempo para o analista, caracterizando assim um sentimento de ambivalência.

No artigo de 1914, “Recordar, Repetir e Elaborar”, Freud caracteriza a transferência como um modo de repetição na vida do indivíduo, ou seja, o indivíduo repete nas suas relações, não apenas com o analista, aquilo que não pode recordar. Portanto, segundo Freud (1996[1914]), “a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição, e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (p. 166). Portanto, o paciente revive na transferência com o analista suas relações originais, com as imagens parentais.

Contudo, como já mencionado, a transferência está presente nas relações cotidianas, além dos consultórios de psicanálise, e ela se manifesta através do não dito. No entanto, esse não dito da transferência muitas vezes é percebido por algum gesto, tom de voz, assim como, no caso da entrevistada D., quando ela transpareceu um aparente desconforto durante a entrevista. Pode-se inferir que este desconforto por mim percebido, seja por estar falando de situações sobre a maternidade ao mesmo tempo em que, na minha frente, estava exercendo essa função, ou seja, ela estava cuidando da sua filha. Faça esta observação, pois, no final da entrevista, ela comenta: “*essa questão de tá com ela, e você estar conversando, são coisas que vou me adaptando né, como vou tá com ela e conversando com outras pessoas*” (sic). Com isso, pode-se pensar que foi difícil para D. cuidar e prestar a atenção na filha ao mesmo tempo em que tinha que falar comigo sobre sua experiência com a maternidade. Possivelmente, podemos inferir ainda que a participante sentia-se desconfortável em falar sobre aspectos mais negativos dessa experiência, ou dos medos e dificuldades dessa nova função, ao mesmo tempo em que estava exercendo essa maternagem. Pode-se supor isso, pois algumas vezes, no decorrer da entrevista, quando relatava alguma dificuldade ou medo que tenha vivido, logo se retratava, salientando que “*foi mais tranquilo do que eu*

*pensava*” (sic), ou mesmo destacando, inúmeras vezes durante a entrevista, que tudo foi “*tranquilo*” (sic) na sua gravidez. De forma geral, essa fala de D. explicita esse episódio: “*eu tinha muito medo do parto, era uma coisa que, pra mim, era um medo enorme (bebê chora). E aí, foi super, foi muito mais tranquilo do que eu achei que foi, e que ia ser né*” (sic).

Uma possível leitura da fala de D. é que, em alguns momentos, ela apresenta uma ambivalência. O conceito de ambivalência para psicanálise entende-se como a “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos oposto, fundamentalmente o amor e o ódio” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 17), ou seja, há uma oposição de sentimentos referente ao mesmo objeto. Pode-se inferir que há uma ambivalência no discurso de D. sobre sua tranquilidade frente a maternidade, como já exposto, ressalta que foi tudo “*super tranquilo*”. Mas, durante a entrevista, revela momentos de dificuldade, de medo, de susto, que vão na contra-mão da tranquilidade. No entanto, cada vez que expressava essas experiências, como já apontado, logo destacava que no final elas foram mais tranquilas do que imaginava. Também se pode inferir que houve um sentimento ambivalente referente à própria maternidade, pois, no início da entrevista, D. revela que “*até a pouco tempo, não pensava, não sabia se realmente eu ia ter filhos ou não*”, ou seja, até então não tinha a vontade, ou desejo ou não era essa a sua prioridade. Revelou que antes de ser mãe tinha “*vários outros planos que eu tinha pra concretizar*”, mas também porque tinha: “*um pouco de dúvida, né... como é que ia ser, se ia dar conta*”. Contudo, agora se surpreende consigo mesma, em como, em algum momento, teve dúvidas quanto a essa escolha, e ressalta que não consegue imaginar sua vida sem sua filha: “*já não consigo me imaginar sem ela, parece que não existe mais assim, essa vida sem... parece que já faz muito tempo, foram só quatro meses mas parece que ela já ta muito tempo na minha vida, eu não imagino mais hoje a vida não sendo mãe*”.

Outro momento que se pode pensar que há um sentimento ambivalente é quando D. salienta que a maternidade “*está sendo uma experiência incrível, ótima*”, mas ao mesmo tempo destaca que gostaria de retomar sua rotina de vida e de trabalho, pois se encontra em licença maternidade: “*até às vezes eu chego a desejar que chegue logo essa...o final dessa licença*”. No recorte da entrevista transcrito abaixo, D. descreve como foi e está sendo sua experiência de maternidade:

D: (ela começa falando com a voz bem baixa) a minha gestação foi bem tranquila. Até há pouco tempo, não pensava, não sabia se realmente eu ia ter filhos ou não. Ai decidi, optamos por ter ela, a gestação foi bem mais tranquila do que eu achei que ia ser assim, é... procurei fazer atividade, hidro-ginástica, e foi super tranquilo assim, tudo, tanto fisicamente, passei super bem. Ai depois o parto, eu tinha muito medo do parto, era uma coisa que, pra mim, era um medo enorme (bebê chora). E ai, foi super, foi muito mais tranquilo do que eu achei que foi, e que ia ser né, e ai depois veio ela. E toda aquela questão nova pra mim de amamentação, de cuidados do dia-a-dia, né, e a primeira, as duas primeiras semanas o que foi difícil pra mim, foi a amamentação, depois começou a ser tranquilo,... hã, o que mais eu posso te dizer.. (bebê começa a choramingar) Vou dar um pouco de mamá para ela, óh... Pra mim, ser mãe está sendo uma experiência incrível, ótima, até pouco tempo atrás não sabia se eu ia vivenciar realmente essa experiência, e pra mim tem sido assim, tenho me dedicado esses quatro meses exclusivamente a ela, tem sido uma experiência assim, pra mim, incrível. Não sei como vai ser daqui pra frente quando começar a trabalhar. Às vezes eu quero dar um, fazer alguma coisa, fazer uma caminhada, ou algum outro tipo de atividade agora, nos quatro meses é uma fase que eu to sentindo um pouco isso, né.

No entanto, comenta que, atualmente, começa a pensar em como será sua vida quando acabar sua licença maternidade. Teme o afastamento que terá da filha, pois esta irá para creche enquanto ela trabalha, mas se dá conta que ao mesmo tempo deseja esse afastamento, pois revela sentir necessidade de fazer algo para si, não vinculada à maternidade, de retornar a sua rotina de vida e de trabalho. O trecho da entrevista abaixo reflete essa problemática:

D: mas é, e eu já fico pensando de quando acabar minha licença e eu retomar a minha rotina, sei que agora vai ser um pouco diferente com ela, mas que, quando eu retomar a minha rotina eu...é...vou conseguir né. Voltar a uma rotina de exercício, de atividade, de... uma rotina de alimentação, também (bebê choraminga), isso vai ser tudo bem diferente [...] E... até certo... até as vezes eu chego a desejar que chegue logo essa...o final dessa licença pra que eu comece nessa rotina. Que as vezes a gente ta aqui de licença e eu penso, nossa... que assim... eu tenho que começar logo essa rotina. Não quero que termine a licença, mas eu quero começar logo essa rotina, então...eu sinto falta...

P: um pouco ambivalente nesse sentido né...

D: ao mesmo tempo que eu temo esse afastamento nosso, eu também desejo que ela comece a creche, eu comece a trabalhar, e eu começo aquela minha rotina que eu tinha antes...

(pequeno silêncio)

Portanto, neste contexto da entrevista, D., por um lado, relembra sua indecisão quanto a ter filhos ou não, bem como diz ansiar

pela volta à sua rotina de vida e de trabalho. Por outro lado, D. afirma que agora, após a maternidade, ela não consegue imaginar sua vida sem a filha, e inclusive cogita a hipótese de ter outro filho, como pode ser evidenciado neste trecho da entrevista:

D: ai... eu acho que tá tudo ótimo assim, ta...hoje eu penso, como é que eu pude ter dúvidas, se eu queria ser mãe ou não, hoje eu acho maravilhoso, e eu me pergunto assim, quem não pens...tinha dúvidas hoje até penso em ter um segundo. (riso)

P: pensa em ter um....

D: penso, penso...ta sendo ótimo, já não consigo me imaginar sem ela, parece que não existe mais assim, essa vida sem...parece que já faz muito tempo, foram só quatro meses mas parece que ela já ta muito tempo na minha vida, eu não imagino mais hoje a vida não sendo mãe...parece que já faz nossa...tanto tempo...e meu marido falou isso também, nossa...mas parece que ela sempre tava com a gente, sempre... (bebê tosse)

Pode-se pensar que a maternidade, a qual, por muito tempo, foi posta como destino da mulher, tornou-se cada vez mais uma questão de escolha, no sentido de não ser mais uma obrigatoriedade feminina em função da sua condição biológica. Assim, pode-se entender que a maternidade passou a ser também uma opção e não exclusivamente um destino em função de sua anatomia, como é possível identificar na fala de D., pois ela escolheu o momento de engravidar, entendido como o momento que veio após sua realização profissional. No entanto, esse aspecto de escolha também foi questionado pela própria D., ou seja, a maternidade não foi algo vinculado a uma certeza, ao contrário, despertou-lhe dúvidas. Desta forma, o que interessa apontar aqui é o aspecto de que os ideais sociais e as representações construídas sobre as mulheres e a maternidade não mais estabelecem de forma irrevogável o destino da mulher como sendo a maternidade. Ou seja, na atualidade, na

sociedade ocidental moderna, da qual a entrevistada faz parte, as representações sobre a maternidade e sobre as mulheres ampliaram-se. Desta forma, abrem-se mais leques e possibilidades à constituição psíquica das mulheres e, entre elas, a sua escolha de ser mãe. Entretanto, também ressalto que essa questão de ampliação dos ideais sociais se articula com a apropriação que cada mulher realiza deles. Assim, pode-se identificar que se ampliaram os discursos e modelos identificatórios sobre estes temas, porém, é necessário considerar a singularidade, a partir da apropriação que cada mulher faz dos ideais postos pela sociedade a respeito da maternidade e do que é ser mulher na atualidade.

Desta forma, a maternidade foi historicamente posta como a função da natureza da mulher, como apotam os autores Del Priore (2009), Scavone (2001) e Birman (2001b) em seus trabalhos sobre a mulher, a feminilidade e maternidade. Isto vai ao encontro do que foi analisado no início desta pesquisa, quando falamos sobre essa contextualização das mudanças da mulher e de seus papéis na sociedade contemporânea. Como já referenciado, a autora Mary Del Priore, em seu livro “Ao Sul do Corpo” (2009), escreveu sobre os discursos normativos da época da colonização do Brasil, direcionados às mulheres, propagados pela Igreja e pela medicina. Aponta que a medicina da época compreendia e definia a mulher a partir de seu “destino biológico” (p. 27), ou seja, sua função reprodutiva. Já na perspectiva da Igreja, tudo que estivesse vinculado a sexualidade era proibido, portanto o coito deveria estar a serviço, exclusivamente, da reprodução, e não da obtenção do prazer carnal, pois era pecado. Assim, de acordo com Del Priore (2009):

cabia então à medicina dar caução à Igreja, a fim de disciplinar as mulheres para o ato da procriação. Apenas vazio de prazeres físicos o corpo feminino se mostraria dentro da normalidade pretendida pela medicina, e assim, oco, se revelaria eficiente, útil e fecundo. Apenas como mãe, a mulher revelaria um corpo e uma alma saudáveis, sendo sua missão atender ao projeto fisiológico-moral dos médicos e à perspectiva sacramental da Igreja. (p. 27).

Desta forma, a Igreja passou a doutrinar todas as relações das pessoas, e, em seus sermões, o que transmitia, fundamentalmente eram regras morais, marcando a diferença de atribuições entre os sexos. No

caso das mulheres, a Igreja passou a delimitar suas atribuições na sociedade, como também a maneira como deveriam se comportar, subjugando-as no cenário social. De acordo com Del Priore, esses discursos da Igreja “foram de fundamental importância para domesticar as populações femininas” (p. 24).

Como identificado, de acordo com a autora, a medicina e a Igreja aliaram-se na tarefa de colocar a mulher nos trilhos da maternidade, subordinando-as ao seu destino biológico. De alguma forma, esses discursos normativos ainda repercutem na atualidade, pois eles não foram abandonados, o que se teve foi uma ampliação deles. Ou seja, ao longo do tempo, foram se constituindo outros ideais, mas isso não significa que esses discursos normativos referentes às mulheres desapareceram, ao contrário, eles se complexizaram. Contudo, inicialmente para a participante D. esse desejo estava, por algum tempo, adormecido, pois tinha outras prioridades antes da maternidade, ou talvez essa nem era uma prioridade. Mas D. afirma que o desejo de ser mãe foi se intensificando, e um fator que contribuiu para a decisão de ter filhos foi a idade biológica, nas palavras de D.: *“nos 30, 31, 32 anos aí comecei a pensar, tava ali na idade limite, idade biológica, aí a gente começou da pensar. Tinha concretizado todos os outros planos, assim, que a gente tinha feito, aí começou a ter um desejo mesmo...de ser mãe”*. Portanto, de acordo com a fala de D. pode-se supor que a sua escolha pela maternidade encontra-se agregada aos ideais sociais que oscilam entre o mandato de ser mãe concomitante ao mandato, que amplia essa demanda, e oferece novas escolhas às mulheres. Assim, considerando-se o que afirma a psicanálise sobre a fala e sua conexão com o desejo, o inconsciente e a constituição psíquica, o que as pessoas anunciam encontra-se atravessado pelo inconsciente e, na maioria das vezes, diz respeito à configuração do seu desejo, porém, não necessariamente do desejo expresso pelo eu consciente e pela fala explícita. Dessa forma, o que D. expressa como desejo de maternidade pode ser entendido a partir de diferentes perspectivas, porém, o que se ressalta é que essa fala se articula a uma ação concreta, no caso a ação de engravidar e ter um filho, concomitante a ações que postergaram essa opção até o limite da idade biológica.

Como todos os outros aspectos, sobre as questões referentes ao corpo e suas transformações na gestação, cada mulher tem uma percepção e significado singular. A relevância dessas transformações corporais para cada mulher depende de como cada uma já se relacionava com seu próprio corpo. E este olhar para o singular é por onde entra e se

sustenta a teoria psicanalítica, trabalhando o único, o um por um, a partir da história e constituição psíquica de cada um.

Portanto, os ideais que cada indivíduo constitui se articulam a partir da história e formação do Eu de cada um. Assim, o ideal-de-Eu surge a partir da introjeção das críticas, normas, valores, provenientes das figuras parentais, e também, em seguida da internalização das normas, valores, críticas vindas da sociedade. Por críticas paternas, entendem-se as normas, proibições, interdições impostas pelos pais, assim como suas expectativas e ideais dirigidos ao filho, em que ele introjeta e buscará corresponder. O mesmo ocorre com as críticas e ideais vindos da sociedade, ou seja, “a influência dos educadores, dos professores, bem como de uma miríade incontável e indefinível de todas as outras pessoas do meio (os outros, a opinião pública)” (FREUD, 2004[1914], p. 114), sendo que eu acrescento os amigos e a mídia em geral. O ideal-de-Eu evidencia aquilo que o Eu não é, sua incompletude e imperfeição, mas aquilo que o Eu almeja ser, ou melhor, recuperar, pois um dia ele foi. De acordo com Freud (2004[1914]), “ele procurará recuperá-lo [o Eu que é ideal] então na nova forma de um ideal-de-Eu. Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era o seu próprio ideal” (p. 112).

De maneira sucinta, Freud (2004[1914]) descreve:

o desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal (p.117).

O autor aponta que o conceito de ideal-de-Eu tornou-se relevante para o entendimento “da psicologia das massas” (FREUD, 2004[1914], p. 118), em que, na sua constituição, uma parte é singular, mas outra parte “social, ideal comum de uma família, de uma classe e de uma nação” (FREUD, 2004[1914], p. 118), ou seja, os ideais sociais.

A maternidade acarreta mudanças concretas na vida das mulheres, como, por exemplo, o exercício dessa nova função, que é a função materna, a qual envolve, de uma maneira geral, responsabilidades. Assim como também engloba as transformações corporais, que ocorrem durante e após a gestação, como exemplo, a

mudança dos seios em função da produção de leite e da amamentação. É fato que todas as mulheres durante a gravidez experimentam transformações corporais, é algo comum a todas essas mudanças no corpo, é um fator que está posto. O que difere e singulariza cada mulher – e cada pessoa em geral, pois todos somos indivíduos singulares –, é a maneira como cada uma, de acordo com sua história, sua constituição psíquica, suas fantasias, vivenciam essas mudanças.

O corpo da mulher na gravidez se transforma completamente, a cada semana de gestação há uma transformação, tanto internamente quanto externamente, mas também há efeitos psíquicos decorrentes dessa experiência. Como apontado acima, a singularização desta experiência está completamente atrelado à forma como cada uma simboliza psiquicamente as suas vivências. Com isso, não há a possibilidade de passar pela gestação sem marcas, não há como anular essa vivência, pois ela deixa marcas corporais e psíquicas. A participante D. expressa, algumas vezes durante a entrevista, seu desejo de recuperar seu corpo antigo, e podemos inferir que seja uma tentativa de anular a passagem pela gestação, anular suas marcas. Nas palavras de D.: *“meu corpo ta bastante diferente de antes, e eu tenho essa preocupação de voltar ao meu corpo de antes”*. Peço para que fale mais sobre como é para ela essa vontade de voltar ao seu corpo antigo e, com isso, ela se dá conta de que é um desejo impossível, que não há como isso se realizar, nas palavras da participante: *“voltar...eu acho que não vou voltar, mas...o mínimo que eu me sinta bem”*. No entanto, na fala de D., ela não está completamente convencida de que não poderá voltar ao seu corpo antigo; na sua fala, ela expressa que “acha” que não será possível. A palavra “acha” deixa uma brecha, um tom de esperança, de que tal desejo seja possível. Outra episódio que D. revela como experienciou a mudança corporal foi no sétimo mês de gestação, em que levou um “susto” com a forma de seu corpo, pois até então estava se *“adaptando aos poucos”* às mudanças. Nas palavras de D.: *“o sétimo mês foi quando eu levei um susto, porque acho que a barriga cresceu de repente”*. Ou seja, quando a barriga realmente cresceu, tornou-se evidente, ela se assustou com essa mudança de seu corpo. A partir disso, podemos inferir que, para a D., a evidência, a concretude da maternidade a assustou.

D: ...até o sétimo mês foi super tranquilo, porque que o corpo foi se transformando, foi dando pra se

adaptar tranquilo porque ele foi aos poucos né. E eu curti muito, então fui me adaptando aos poucos. O sétimo mês foi quando eu levei um susto, porque acho que a barriga cresceu de repente né, agente fica um pouquinho mais inchada. Foi nesse mês que assim eu senti, é..., uma coisa, é assim..., um susto assim, mas depois tranquilo.

P: como assim um susto...

D: é..., porque... é..., meu, minha barriga vinha crescendo aos pouquinhos né, e aí eu fui me adaptando, até os quatro meses quase não tinha barriga, mas eu tava curtindo quando começou a crescer, crescer.... Aí no sétimo mês parece que...tudo...eu engordei, seis quilos em um mês, e eu tinha até ali engordado seis quilos. Até o sétimo mês eu engordei seis quilos, em um mês, no sétimo mês eu engordei seis quilos, os mesmos seis quilos que eu tinha engordado em seis meses. Então foi muito de repente, nossa... fiquei um pouco preocupada mas depois daí eu não engordei mais daí. Mas foi uma coisa natural, não que eu fizesse alguma coisa, não fiz dieta, nada.

O que fica evidente é que o susto ocorreu no sétimo mês de gravidez, período da gestação em que tudo se torna mais evidente, tanto as transformações do corpo quanto a própria maternidade, pois a barriga já tem um tamanho significativo, os seios já produzem leite, e o parto se aproxima. Tentei explorar com a D. o que significava o susto para ela, pois o entendimento do senso comum de susto consiste em algo que ocorre e que surpreende o sujeito, algo da ordem do inesperado. Entretanto, D. associa o susto ao ganho de peso que teve no sétimo mês, nas palavras da participante: *“até o sétimo mês eu engordei seis quilos,*

*em um mês, no sétimo mês eu engordei seis quilos, os mesmos seis quilos que eu tinha engordado em seis meses, então foi muito de repente*". Pode-se inferir que o susto que D. menciona foi a constatação da sua mudança corporal; pois, até então, estava conseguindo lidar com essas transformações, inclusive destaca que, até o quarto mês de gestação, sua barriga quase não tinha crescido. Então, podemos inferir que o susto no sétimo mês de gestação foi devido à sua nova forma, ou seja, as mudanças em seu corpo.

Essa preocupação com o seu corpo, com a sua forma, D. identifica como algo com que sempre se ocupou, mesmo antes da gravidez, sempre cuidou da sua alimentação, fazia exercícios regularmente. Ela destaca: *"não, sempre fui assim, não foi porque causa da gravidez"*. Portanto, as mudanças corporais, a nova forma de seu corpo, preocupam D., o qual ela explicita quando fala: *"eu tenho essa preocupação de voltar ao meu corpo de antes por mim"* e *"recupera...o corpo como era antes"*. Essas mudanças corporais decorrentes da maternidade, D. identifica como a mudança corporal mais efetiva que teve desde o início do relacionamento com seu marido. Fala: *"eu não tive uma mudança desde então...a gente tá há treze anos juntos, e... e da maternidade foi uma mudança maior né, na questão corporal"*. Cito um trecho em que D. fala sobre essas preocupações referentes ao corpo:

D: no primeiro mês eu não queria, tava, não queria nem saber assim, do que, como tava. Ela pra mim era, só ela e eu, não, tava nem um pouco preocupada... é só você (fala para a filha)... nem no primeiro mês, nem no segundo, pra mim assim, tudo que eu tava vivendo ali, é...deixei um pouco essa questão de lado. No segundo mês, não, no terceiro e agora no quarto, começo me preocupar um pouco mais. Porque a gente tava tava naquela fase de pós-parto, desinchando né, agora você vê que já desinchou o que era para desinchar, que agora não é mais só inchaço. Que algumas gordurinhas extras ficaram mesmo né, eu agora to começando ter um pouco mais de

preocupação de... querer voltar para academia, mas ao mesmo tempo eu não posso fazer dieta porque eu não sei até onde eu posso fazer com relação a amamentação. Não posso cortar nada da minha dieta, então minha preocupação é essa de voltar a fazer um esporte, pra ver se recupera...o corpo como era antes. Agora começo a ter essa preocupação que antes eu não tinha.

Esses aspectos apresentados referentes ao corpo e suas transformações vão ao encontro do que as autoras Silva e Rey (2011) apresentam em suas pesquisas. Elas analisam que o ideal de beleza exerce uma função na constituição da feminilidade pela mulher, pois o efeito da singularização da constituição psíquica influencia em como o sujeito, neste contexto a mulher, relaciona-se com os ideais. As autoras articulam a qualidade da relação primeira, mãe-filha, ao modo como a mulher lidará com os ideais. Afirmam que fazer uso da beleza e de seus ideais pode ser uma forma de acesso à feminilidade e à elaboração da castração. No entanto, elas apontam que ficar reféns dos ideais de beleza pode demonstrar a recusa da castração, constituindo, aparentemente, um conflito inconsciente. Com base nessa perspectiva, as autoras entendem que a busca pelo corpo ideal, consequentemente, envolve a busca pelo olhar do outro, constituído como um substituto inconsciente do olhar materno (SILVA & REY, 2011, p. 555).

No trecho de entrevista acima, também fica evidente o envolvimento de D. com a maternidade, pois fala que inicialmente apenas sua filha importava, apenas o que ela está experienciando ali com sua bebê era prioridade. Menciona que foi a partir do terceiro e quarto mês que começou a se “*preocupar mais*”; com esse “*mais*”, podemos inferir que a preocupação com o corpo, com as mudanças do seu corpo, já estava presente antes do terceiro mês após o parto. Isto de alguma forma se confirma, pois ela fala “*no segundo, não, no terceiro...*”. Esse engano, de que não foi a partir do segundo mês após o parto que ela passou a se preocupar com a sua forma física, para a psicanálise não se sustenta, pois essa disciplina não trabalha com os enganos, e sim com o que escapa, com o que é dito sem a intenção de dizer. O ato falho para a psicanálise consiste em um lapso, um esquecimento, um desvio do curso

normal do que era para ser dito. Freud, em seu livro intitulado “Psicopatologia da vida cotidiana”, de 1901, utiliza o ato falho com o intuito de comprovar a existência do inconsciente, em que um esquecimento, erro ou engano, teria um sentido e um propósito de ter ocorrido. Ou seja, que esquecimentos, enganos, não são cometidos “sem querer”; há uma intenção inconsciente presente neles.

Essa vontade e preocupação de recuperar a forma corporal de antes da gestação, exposta por D., reflete questões propagadas na sociedade contemporânea, de acordo com Brazão, Novaes e Vilhena (2010). As autoras apontam que os padrões estéticos vigentes estão “cada vez mais rígidos e, por vezes, irreais e perversos” (p. 43), pois há uma demanda por corpos esculturais, magros e definidos. Portanto, neste cenário, as marcas corporais deixadas pela gestação tomam uma perspectiva de incômodo e são vivenciadas como “as grandes vilãs da forma física e da perda dos encantos femininos. Sendo assim, muitas vezes acredita-se que esforços não devem ser poupados a fim de ‘minimizar os estragos’ decorrentes da gravidez” (p. 43-44). Desta forma, há uma urgência na recuperação do corpo perdido pelos estragos da gravidez. Esse anseio por retomar a rotina, presente na fala de D., pode-se inferir que está a serviço dessas questões, desses incômodos proporcionados pelas marcas da gestação. No entanto, apesar de D. confirmar no decorrer da entrevista que busca de algum jeito estar dentro do padrão estético: *“essa cultura, esse padrão do corpo, eu... é uma coisa que eu realmente (ela cuida da filha)... acho que tem sim uma certa pressão para você estar naquele padrão, mas eu gosto também de me manter então né,... eu hoje eu acho que eu to bem, meu corpo ta bastante diferente de antes, e eu tenho essa preocupação de voltar ao meu corpo de antes por mim, mas eu também acho que tem, um pouco assim de...de querer estar dentro do padrão”*. Mas contrapõe argumentando que não se sente pressionada a corresponder ao padrão proposto pelas mídias, que almeja voltar para uma forma, um padrão que é seu próprio, que se sinta confortável com ele, nas palavras de D.: *“algo que eu ache confortável, meio termo aí, não...não esse padrão (mídia), que eu acho que eu não tenho que me encaixar nesse padrão...até porque o padrão geralmente é corpos de pessoas que não...não vivenciaram a maternidade ainda, ou que vivenciaram mas que...que trabalham com isso, com a imagem, que trabalham com a imagem, eu não tenho...eu não trabalho com a imagem e não tenho que ta né, dentro desse padrão, mas algo que eu me sinta confortável, no meu conforto, mas que não é esse”*. É importante comentar que D.

procura escapar dos ditames sociais sobre a idealização da maternidade e do corpo perfeito, bem como consegue se posicionar sobre esses ditames.

Pode-se perceber que ela se posiciona criticamente frente à esses ditames, ou melhor, aos ideais propagados; sendo que se pode inferir que esse ideais sociais não correspondem diretamente ou massivamente aos seus próprios ideais, ou seja, aos seus ideais-de-Eu. Ela fala da sua barriga ao comentar sobre sua insatisfação com essa parte do corpo, porém ela também afirma que não trocaria a maternidade com suas transformações corporais, pois entende que suas insatisfações podem vir da sua cabeça e que são questões que ela vai ter que “trabalhar” para adquirir uma forma física com a qual se sinta “confortável”.

D: quando eu começo a pensar, eu penso que assim... quando eu tiver que usar o biquini, porque hoje, como estou agora não estou confortável... eu penso que até lá, vou voltar pra minha rotina, voltar pra minha rotina de esportes, vou ta um pouco mais confortável pra pôr um biquini e ir pra praia... é onde a gente se expõe mais mesmo... (risos) então a gente tem que ta...não é que eu queira ter aquele padrão, magérrimo ou tudo durinho no lugar, mas no mínimo de... no mínimo que eu me sinta bem pra ir... principalmente a questão da barriga, muito flácida né... acho que é o que mais pega, barriga e como antes eu tava fazendo musculação é o... os glúteos que tava (fala mais baixo)... mais definidinho. Mas não é aquela coisa assim, que eu tenho que ta sarada, musculosa, até porque eu não gosto muito disso, mas só a barriga mesmo que ficou, tem a questão da barriga um pouco flácida né, que não era antes, e só da uma melhorada e eu

já vou me sentir confortável pra pôr um biquini... mas neste momento não, se tiver perto, se tivesse tido ela mais perto do verão eu ia tá... talvez eu... talvez até ia deixar de algumas vezes ir pra praia... eu fico pensando, é coisa da minha cabeça... que é uma coisa que eu gosto tanto, não sei se eu iria também com ela pequenininha, também por conta disso...

Entretanto, D. afirma que a “pressão social” pelo corpo bonito e jovem aparece de forma mais imediata a partir do grupo social que a cerca, no caso amigos e colegas. Ela parece se incomodar mais com essa cobrança do que com a cobrança realizada pelos meios de comunicação, pela televisão, revistas, dentre outras.

D: assim, não... assim, tem o que você falou do modelo da mídia e do... e do...mas só que eu digo assim, do grupo que a gente convive mesmo, grupo social, e aquela questão da crítica que sempre tem, é tem isso também assim....

P: mas você falou também de um certo... uma certa crítica, uma crítica mais direta né, desse grupo, por exemplo na praia ou alguma coisa assim né, dos amigos, daí as amigas...como que fica isso pra ti... é algo relevante

D: uhmm...ai como é que eu vou explicar... se eu tiver dentro do que eu não acho confortável, como eu falei, eu acho que não tem, como eu... a questão mesmo do marido, como falei, que por mais que ele elogia, você não recebe bem por que você sabe que você não tá...então se eu não to confortável também acho que as

peessoas também notam isso...mais ou menos isso...naquilo que eu não to gostando em mim, do que eu não to achando bonito, dai eu acho que isso também passa pelos outros. Eu não gosto disso, na forma que eu não me sinto confortável e é... não sei... não te sente bonita e as pessoas percebem... não sei bem como eu posso descrever isso.

Essa questão da estética está vinculada ao olhar do outro, ao efeito que sua imagem produz no outro. O efeito procurado no olhar do outro corresponde a aspectos narcísicos constitutivos do indivíduo, pois o Eu se constitui na relação com o outro. Desta forma, o narcisismo do indivíduo, seu funcionamento psíquico, a imagem construída de si, é produto dessa relação com o outro, é o próprio efeito que o olhar e o investimento do outro provocou no indivíduo. Portanto, o efeito que o indivíduo produz no outro, assim como o efeito produzido do olhar do outro sobre si, é constituinte do Eu (FREUD, 1914, 1923).

Desta forma, como já trabalhado, a constituição do Eu ocorre a partir da relação com o outro. Desta forma, para a instauração do narcisismo primário, consiste no lugar que o bebê, esse Eu em constituição, ocupa na vida dos pais e na maneira como estes inventem libidinalmente nele. Freud (2004[1914]) destaca que se tem conhecimento do narcisismo primário a partir da observação da “atitude de pais afetuosos para com seus filhos” (p. 110), e salienta que esse afeto transmitido “se trata de uma revivência e de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado” (FREUD, 2204[1914], p. 110). Ou seja, na relação com o filho, os pais revivem seu próprio Eu-ideal que teve de abandonar há muito tempo. De acordo com Hornstein (1989), “o narcisismo da criança não é mais que o resultado do narcisismo parental. A criança é para os pais uma reatualização desse Eu-ideal que está parcialmente enquistado neles” (p. 173). De acordo com Freud (2004[1914]), na relação afetiva vivenciada entre os pais e a criança, ocorre por parte dos pais um investimento narcísico em que a criança é o objeto desse investimento libidinal, e atribuem “à criança todas as perfeições” (p. 110) e desconsideram suas possíveis imperfeições. Assim, o autor revela que os pais tendem a “dispensar a criança da obrigação de reconhecer e respeitar todas as aquisições

culturais que outrora os pais foram obrigados a acatar em detrimento de seu próprio narcisismo” (FREUD, 2004[1914], p. 110). Nesta mesma direção, Hornstein (1989) aponta que “a criança vem encarnar, na cena do real, algo da ordem do Eu-ideal dos pais. Isto não é a patologia da maternidade ou da paternidade” (p. 173), mas é a dinâmica normal e necessária, pois “a criança passa a ser para a mãe o centro de seu mundo desejante” (p. 173). E isso se faz necessário para a constituição do narcisismo primário da criança, no qual ela tem a ilusão de ser o ideal da mãe.

No entanto, sabe-se que a criança toma seu próprio Eu como objeto de amor, e atribui um status de ideal. Mas há de ser abandonado esse status de perfeição, completude, de ideal, e esse abandono é proporcionado pela crise edípica. Ou seja, a entrada de um terceiro nessa relação dual entre mãe e filho, em que a criança tem a ilusão de ser o ideal. Assim, Hornstein (1989) descreve que:

primeiro, a relação dual com a mãe, identifica-se com todo o idealizado; vem um intruso que abre um campo do qual a criança sente-se excluída e, para conseguir recompor-se narcisicamente, tem que identificar-se com o idealizado, que não é igual ao eu; tem que encontrar, nesse campo aberto, aquilo que lhe marca o que ela não tem, mas que precisa chegar a ter. (p. 175)

Portanto, esse Eu onipotente da criança é abandonado, buscará restabelecer seu narcisismo pela via da identificação “com esse ideal que não faz parte dela” (HORNSTEIN, 1989, p. 175), mas que passará almejar um dia possuir, instaurando assim o ideal-de-Eu, no qual marca que “o Eu não é o ideal, mas pode chegar a sê-lo” (p. 176). Desta forma, pode-se apontar que a constituição dos ideais se dá de maneira singular, a partir da constituição do Eu de cada um articulado com aspectos provenientes do ambiente que este se desenvolve, portanto do social.

Outra mudança significativa que a maternidade possibilita na vida da mulher é ela deixar seu lugar de apenas filha para tornar-se e ocupar o lugar de mãe. Este processo de tornar-se mãe se dá de forma simbólica, na própria relação mãe-filho que se estabelecerá, e principalmente em função da história e constituição de cada mulher.

Para a participante D., tornar-se mãe é algo até então novo, pois é sua primeira filha. Com isso, afloram questões de como conciliar o lado mulher e o lado mãe. Nas palavras na entrevistada: “*separar você*

*mãe e você mulher né, até então não tinha eu mãe, primeiro filho né, agora tem que começar a lidar com isso*". Salienta que agora, como sua filha está com quatro meses, está sentindo necessidade de ter um tempo para si, mas ainda não conseguiu se dar esse tempo, pois se sente "presa" à filha: *"eu me sinto ainda um pouco, um pouco assim presa nesse momento assim, porque só ela nesses quatro meses [...] comecei a sentir falta de um tempo disponível pra mim, pra dedicar a mim, que uma dedicação pra ela exclusiva nesses quatro primeiros meses"*.

Neste trecho de entrevista acima, D. salienta que até os quatro meses da filha (e de sua licença maternidade), sua dedicação é exclusiva à ela. Freud (2004[1914]) afirma que a via da maternidade é uma maneira para mulheres narcísicas terem um "amor objetal pleno" (p. 109). Para o autor: "a criança que gerarão apresentar-se-á diante delas como se fosse uma parte de seu próprio corpo, na forma de outro objeto; e, assim, partindo de seu próprio narcisismo, elas podem dedicar-lhes todo o seu amor objetal" (FREUD, 2004[1914], p. 109). Portanto, podemos pensar que essa dedicação exclusiva que a D. ressalta, e que até então nada mais importava além da relação com sua filha, vai ao encontro do que Freud escreve nessa citação. Ou seja, que essa relação primeira, essa dedicação exclusiva, é a expressão do amor objetal da mãe. Contudo, identifica que, ultimamente, está sentindo falta de um espaço para si, de dedicar um pouco de tempo para si mesma, e podemos inferir que há um desejo de retomar a sua individualidade.

Essa questão de retomar seus interesses individuais, de querer retomar sua rotina é algo que D. identifica como necessário: *"e nesse momento tem que ser porque... exige, mas acho que também a gente não tem que se dedicar a vida inteira... os que se dedicam a vida inteira aí... que depois que teve filho, sua vida é o seu filho... eu não concordo muito com isso, e eu não quero ser assim... tem eu e tem minha filha"* (sic). Nesta fala, pode-se pensar que D. identifica esse investimento e dedicação exclusiva a filha como pontos necessários; no entanto, a palavra que ela utiliza é "exige", de exigência, que revela uma obrigatoriedade. Ou seja, essa dedicação exclusiva não é apenas uma necessidade, mas uma obrigatoriedade, e pode-se pensar que é uma obrigatoriedade formal, amparada pela lei que dá o direito à mãe da licença maternidade. Assim, essa "dedicação exclusiva" se revela uma exigência, e uma exigência da sociedade. Esse discurso que envolve uma exigência, uma obrigatoriedade de que a mãe deve se dedicar exclusivamente, unicamente ao seu filho, é algo enraizado na cultura. Isto porque foi algo imposto desde os tempos de colonização do Brasil,

como bem contextualizado pela autora Mary Del Priore, no livro “Ao Sul do Corpo” (2009), como já abordado na pesquisa.

A autora reconstrói, mediante análise documental e histórica, o papel da mulher e da maternidade na sociedade da época do Brasil Colônia, entre os séculos XVII – XVIII. Ela contextualiza como os discursos normativos daquela época foram domesticando a mulher em todos os setores da sua vida. Esses discursos normativos eram propagados principalmente pela Igreja, instituição que acompanhou os desbravadores portugueses, para colonizar o Brasil e catequisar seu povo. Neste contexto de colonização, foi imposto à mulher o seu papel na sociedade, em que ela: “deveria fazer o trabalho de base de todo o edifício familiar: caber-lhe-ia educar cristãmente a prole, ensinar-lhes as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar de seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar ao marido” (DEL PRIORE, 2009, p. 35). Ou seja, foi imposta à mulher uma exigência em ser casada, ser mãe, viver e cuidar do ambiente doméstico, além de ser responsável pela saúde e educação dos filhos. Os tempos mudaram, a mulher foi adquirindo seu espaço fora do ambiente doméstico, mas ainda há vestígios quanto às suas obrigatoriedades, como a maternidade e a responsabilidade pelo cuidado de seu filho, pois, como já foi apontado, esses padrões não sumiram, não foram extintos, mas eles sofreram alterações e se ampliaram.

Voltando a problematizar sobre a questão corporal, podemos inferir que a relação de D. com o seu corpo está enlaçada a aspectos de seu narcisismo, pois pode-se pensar que ela busca recuperar seu corpo anterior a gravidez, para manter o efeito que sua imagem produz para si mesma, ou seja, como ela se vê narcisicamente: “*recuperar...o corpo como era antes*”, “*eu tenho essa preocupação de voltar ao meu corpo de antes por mim*”. Mas também identifica que o objetivo é manter também o olhar do outro e o efeito que este olhar produz nela. No caso, é para manter o olhar do marido; portanto, o efeito que o olhar dele produz nela, assim como o efeito que a sua imagem (o corpo) produz nele. Ou seja, é por esses aspectos narcísicos que ela almeja recuperar seu corpo, pois salienta que “*até pra ele (marido) também, que eu quero me sentir melhor*”.

Freud (2004[1914]), ao escrever sobre a escolha objetal, que podemos pensar como a escolha amorosa, ressalta que há uma diferença entre a escolha objetal do homem e da mulher. Ressalta que o motivo para essa diferença é que o narcisismo original da mulher é intensificado. Nas palavras do psicanalista: “a comparação entre o

homem e a mulher mostra então que existem diferenças fundamentais, embora naturalmente não universais, em sua relação com o tipo de escolha de objeto” (FREUD, 2004[1914], p. 108). E argumenta que, se ela vier a ser uma mulher bonita e atraente, torna-se ainda mais autossuficiente, o que, de acordo com o autor, “compensará pela atrofia de sua liberdade de escolha objetual, imposta pela sociedade” (Idem, p. 108). Freud (2004) aponta que “em rigor, é só a si mesmas que essas mulheres amam com intensidade comparável à do homem que as ama. Elas não têm necessidade de amar, mas de ser amadas, e estão dispostas a aceitar o homem que preencher essa condição” (Idem, p. 108). Ou seja, a mulher não tem necessidade de amar o outro, mas, em contrapartida, necessita ser amada pelo outro.

Não estou afirmando que este é o caso, mas podemos inferir que essa busca de D. por seu corpo de antes, voltar à sua forma, é também para manter o olhar e o desejo do marido para si, como apontado acima e, com isso, sentir-se amada. No entanto, não esquecendo que essa busca para voltar para a sua forma corporal de antes da gestação, também está a serviço de estar dentro do padrão estético e de se sentir confortável com o seu corpo, como já exposto acima.

Este aspecto narcísico, do olhar do outro e essa questão da estética corporal, D. também articula sua relevância a momentos de lazer: “*Penso muito de quando chegar o verão, na praia, porque eu gosto muito de praia, é uma coisa que a gente gosta muito, o marido surfa. Então tem ele, os amigos, e a gente vai, e tem as mulheres dos amigos e tudo né, aquela coisa do botar o biquini, eu penso muito, de quando chegar o verão e ter que pôr um biquini, eu tenho que tá preparada até lá...pra isso*” (sic). Nesta fala da D. pode-se identificar essa preocupação com o olhar do outro, mas também a questão do padrão estético. No entanto, ela também demonstra uma preocupação de expor seu corpo ao olhar feminino (as mulheres dos amigos), que geralmente está impregnado e atravessado por esse padrão estético vigente, que consiste no magro, malhado, perfeito, o qual foi abordado previamente neste trabalho.

Algo que fica claro, e evidente, é a força da cultura e de seus ideais na construção da subjetividade das pessoas inseridas nela. Ou seja, como pontua Luis Hornstein (2011), “somos filhos de pai e mãe, mas também de uma cultura” (p.191). De acordo com o autor, diante da origem de acontecimentos históricos, a maneira como os homens (a raça humana) utilizam esses acontecimentos, tais como as mudanças

tecnológicas, as transformações no âmbito familiar e da cultura, influenciam na produção de seus valores. Ou seja, todas as transformações da cultura podem ser pensadas como um caminho de mão dupla, pois há a maneira como o indivíduo lida com essas transformações, mas também como essas transformações da cultura são efeitos dos homens inseridos nelas. Para Hornstein (2011), “o indivíduo não é sem o social” (p. 192), ou seja, sem o social não existe o indivíduo. Isso é um paradoxo, pois indivíduo corresponde aquilo que é o único, singular. No entanto, para que o indivíduo exista, é imprescindível a existência do social, que corresponde ao coletivo, ao múltiplo. Entretanto, o outro lado também existe; o social não existe sem o indivíduo, ou seja, para haver uma coletividade, uma sociedade, um social, é necessário haver o indivíduo. Portanto, são esses indivíduos, que juntos fazem existir o social, e os ideais pertencentes à sociedade.

Analisando o tema da estética e do feminino no contemporâneo, Vilhena, Medeiros e Vilhena Novaes (2005), no artigo “A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade”, afirmam que a cultura atual está capturada e submetida pelo conteúdo transmitido pela mídia, televisiva e impressa, principalmente pelas imagens que são divulgadas. Destacam que o jornalismo atual é feito primordialmente através de imagens e linguagem simples, de fácil absorção para quem está assistindo. Afirmam que “o espectador é poupado do trabalho de pensar, de processar as informações recebidas; o mundo em *flashes* é facilmente deglutível, minimizando-se, assim, a possibilidade de apropriação crítica e seletiva do conteúdo veiculado” (p. 115). Assim, os padrões estéticos definidos para a mulher e amplamente expostos pela mídia, que consistem em ser magra e definida, são perseguidos e almejados pelas mulheres na atualidade.

Contextualizado o conceito de estética e como esse conceito esteve sempre associado à mulher, afirmam que esse enlace pode ser encontrado nos primórdios da civilização. Também é salientado que a mulher, além de associada à beleza, foi posta como provedora do mal, do pecado e da destruição. Afirmam, ainda, que na atualidade “as imagens refletem corpos super trabalhados, sexuais, respondendo sempre ao desejo do outro” (VILHENA, MEDEIROS, & VILHENA NOVAES, 2005, p. 110), ou corpos esteticamente modificados ou medicalizados. Sobre o corpo, as autoras argumentam que,

como lugar de inscrições de significados, o corpo precisa ser lido e interpretado, pois encarna a lei

social. Reiterando o que foi mencionado acima, o corpo é então compreendido como uma exteriorização do interior psíquico do sujeito, fazendo, dessa maneira, a fronteira entre individual e social. (VILHENA, MEDEIROS, & VILHENA NOVAES, 2005, p. 138)

Enfim, concluem que o sujeito recorre à estética para fazer frente ao vazio, pois é na construção e na busca de uma forma que o sujeito se manifesta. Na pesquisa, é ressaltado que a estética exerce uma dupla função: “apaziguar a angústia quando recobre o vazio e produzir prazer quando circunscreve o desejo” (VILHENA, MEDEIROS, & VILHENA NOVAES, 2005, p. 110). Conclui-se, ainda, que ocorre um somatório nesse processo, pois há uma predominância da relação da mulher tanto com sua estética corporal quanto com o olhar do Outro. Portanto, a questão do olhar, no que se refere ao ser vista, é fundamental para que o sujeito feminino possa se relacionar com o outro, pois está a serviço não apenas de seduzi-lo e obter seu amor, mas primordialmente de “conservar o amor do superego e preservar os ideais do Eu” (p. 111).

Assim, na perspectiva apontada, foram construídos ideais normativos para as mulheres, assim como para os homens também, mas, como este trabalho é voltado para questões referente às mulheres, é na referência aos ideais construídos e destinados a elas que me detenho. A autora Mary Del Priore (2009), como já mencionada anteriormente, analisa a história, na época da colonização do Brasil, de como foram instalados os discursos normativos referentes às mulheres e seus destinos. Assim, a autora aponta a Igreja como uma das instituições responsáveis por esses discursos, pois ela desembarcou nesta nova terra com o objetivo de doutrinar a população.

Portanto, neste contexto, a Igreja ia impondo sua ideia de moral e estrutura social, passando a doutrinar a vida das pessoas, principalmente a vida das mulheres. Desta forma, adestrava as mulheres a seguir os seus preceitos. Ou seja, a Igreja foi determinando como as mulheres deveriam se portar no ambiente social e no ambiente doméstico, orientando-as como deveriam se comportar como esposas e mães. De acordo com Del Priore (2009):

a interiorização do matrimônio entre essas mulheres não se fez sem acompanhar-se de um procedimento específico. Era preciso portar-se como casada. Tais procedimentos refletiam

também sentimentos que deviam ser inoculados, e foi assim que, no interior do casamento cristão, o papel que antes era puramente fisiológico e psicológico começava a ser esmerilhado. ‘Ser mãe’ passou a significar ‘ser casada’, ‘ser boa esposa’, ‘humilde, obediente e devota’. (p. 110)

Desta maneira, a mulher passou a ser uma peça importante na transmissão dos valores e da moral cristã, pois esta tinha como atribuição doutrinar sua prole dentro dos costumes cristãos. Neste aspecto, a Igreja moldou a mulher para funcionar de acordo com seus interesses e valores, regulando, com isso, seu corpo, sua sexualidade e sua posição submissa no casamento. Portanto, interferindo em todos os aspectos da sua vida e regulamentando sua forma de pensar e sua capacidade crítica. Neste contexto, a maternidade foi sendo atribuída como o único objetivo e destino da mulher, ou seja, o sexo feminino servia apenas para a procriação.

O psicanalista contemporâneo Joel Birman, em seu livro “Gramáticas do erotismo” (2001b), explora questões referente a mulher, o feminino e a maternidade. O autor pontua que, se inicialmente, o processo civilizatório foi identificado como resultado da “graça das mulheres, pelas sendas da maternidade” (p. 20), posteriormente, por questões referentes aos seus desejos e erotismo, elas eram “reconhecidas como anticivilizatórias” (p. 20). O escritor aproveita para salientar a intensa oposição entre maternidade e desejo no que diz respeito ao feminino. E argumenta que, pela via da maternidade, a mulher é identificada como contribuinte do processo civilizatório; mas, pela via do desejo, ela é considerada opositora e impedimento para tal processo (p. 20). O autor afirma que há desencontros no discurso freudiano sobre o feminino, e que esses desencontros contribuem para a realização de uma “leitura inferiorizante do ser da mulher” (p. 22) na obra freudiana; pois, nesta leitura do discurso de Freud, há uma hierarquia entre homem e mulher, em que o homem era visto como superior e a mulher inferior, e esta leitura estaria fundamentada na ordem natural da vida (p. 22). Articulada pelo discurso freudiano, em termos libidinais, essa hierarquização dos sexos era embasada na concepção de diferença sexual (p. 22). Com essa leitura hierarquizada dos sexos, a maternidade foi posta como destino para a feminilidade (p. 24).

Birman (2001b) salienta que Freud descreveu outros possíveis destinos para o feminino, “tais como a inibição sexual, a histeria e a virilização” (p. 25); no entanto, fica evidente que para Freud “a

maternidade seria a forma por excelência de realização do ser da mulher” (p. 25). O autor destaca que, para o discurso freudiano, apenas por meio da maternidade a mulher se tornaria efetivamente mulher, ao menos, se for pensada a partir da economia libidinal. Desta forma, além da maternidade, os demais destinos propostos por Freud para o feminino estariam todos vinculados ao patológico (BIRMAN, 2001b, p. 25), ou seja, qualquer outra possibilidade, que não fosse a maternidade, estava atrelada a patologia. No entanto, o autor argumenta neste livro que esta é uma leitura possível sobre a feminilidade em Freud. Ele afirma que o discurso freudiano vai além da hierarquização sexual, além da organização da sexualidade centrada no falo, entendendo que esse ir além não significa desconsiderar a obra freudiana, muito pelo contrário, significa ampliar o entendimento e não limitá-lo. Portanto, o que o psicanalista afirma é que a feminilidade para Freud representa o que é da ordem da finitude, da incompletude, do imperfeito, o oposto da dinâmica fálica.

Assim, de acordo com Birman (2001b), “a feminilidade seria assim, no registro psíquico, a marca radical de que somos todos, pela finitude e incompletude, humanos” (p. 233). O autor propõe que em Freud, nas últimas obras sobre a feminilidade, consolida-se a concepção de que a feminilidade estaria na origem do psiquismo, “anterior à ordenação da subjetividade fundada no falo” (p. 223). As obras freudianas sobre a feminilidade, de forma geral, a ordenação psíquica estaria fundada na dinâmica fálica, na questão de ter ou não ter o falo, sendo que a dinâmica psíquica feminina constituir-se-ia a partir da inveja do falo, em que a mulher ver-se-ia castrada e buscaria a completude e perfeição fálica incansavelmente, sendo a maternidade um caminho para isso. Ainda, outra forma de tamponar a falta, ou seja, a castração, seria recorrendo aos artifícios da beleza e sedução. Assim, de acordo com Birman (2001b), no contraponto da inveja, a mulher

inscreveria o falo na totalidade do seu corpo, que pela sedução e pela beleza escravizariam os homens ao seu fascínio. A falácia feminina estaria juntamente na pretensão das mulheres de quererem fazer crer que teriam o falo incrustado no seu corpo. (p. 21)

Ou seja, por meio da beleza e sedução de seu corpo, a mulher enganar-se-ia, acreditando que teria, ou melhor, que seria o falo e, dessa

forma, poderia através do aspecto da beleza capturar o olhar do outro e obter o seu desejo.

Considerando essa perspectiva teórica, podemos entender que a beleza pode estar sendo utilizada pelas mulheres como possibilidade de ajudar a recuperar o corpo anterior, no caso, anterior à gravidez. Porém, também podemos entender que o objetivo em manter a beleza através do corpo pode acompanhar a demanda acerca do falo, no sentido de que a mulher capturada por essa demanda pode almejar manter a representação de que possui “o falo incrustado no seu corpo” (BIRMAN, 2001b, p. 21). Esse sentido é o que podemos inferir quando D. recebe o elogio do marido mas não acredita nas palavras dele, pois não se sente bem com o seu corpo e, ainda, também pode estar lidando com a demanda do desejo de que o seu corpo possa suprir o lugar do falo e da completude.

Dessa forma, fica explícita a relevância dos ideais sociais na constituição psíquica de D., bem como a relevância dos seus ideais psíquicos e o modo como esses ideais são constituídos a partir da articulação entre as representações sociais e a singularização psíquica. Os ideais-de-Eu que o indivíduo possui sobre si próprio são constituídos a partir da internalização dos ideais individuais atrelados aos ideais propagados pelo social, pela cultura (Freud, 2004). Ou seja, os ideais que D. constituiu de si, do seu corpo, dizem respeito ao seu narcisismo, a como ela se vê, mas também correspondem ao que ela introjetou dos ideais propagados pela cultura. O que está posto diz respeito à dinâmica da própria constituição do Eu e, com isso, como esses ideais são formados, pois para o Eu se constituir necessita do outro (função materna), sendo na relação com o outro que o Eu se constitui. Só que este outro é um indivíduo inserido na cultura e não pode ser desconsiderado, pois os ideais da cultura permeiam essa relação.

Freud, em seu artigo denominado “O Eu e o Id” (2007[1923]), já apresentado nesta pesquisa, descreve que o próprio corpo e sua superfície (a pele) são a origem e o receptor dos estímulos externo e interno, ou seja, é através do corpo que sentimos dor, fome, prazer, cheiros, afetos, etc. Portanto, é por meio do próprio corpo e na relação com o outro que o Eu vai se constituindo. Do corpo, originam-se os estímulos, a tensão, a pulsão; e é na relação com o outro (a mãe), que exercerá uma ação específica, que consiste em conter a pulsão, satisfazendo-a.

Ao apresentar e descrever a segunda tópica da formulação do aparelho psíquico, que consiste no Id, Eu, e Supra-Eu, em que conceitua

o Eu de maneira dinâmica no psiquismo, Freud (2007[1923]) diz que o Eu não é todo consciente, mas há uma parte do Eu que é inconsciente, portanto diz respeito ao recaiado. Assim, o psicanalista salienta que “o Ics. não mais coincide com o recaiado, e embora siga sendo correto dizer que todo recaiado é Ics., nem todo Ics. é recaiado” (p. 32).

Como o Eu, a partir dessa segunda tópic, faz parte do Id, o autor pontua a importância do Eu se diferenciar do Id, salienta que o Eu é resultado desse processo. Assim, o Eu, representante do mundo externo, busca influenciar as intenções do Id, com o objetivo de instaurar o princípio de realidade, e abdicar do princípio do prazer.

O corpo se apresenta como objeto, tanto para o próprio sujeito quanto para o outro, desde o início da vida até a fase adulta. Pois, quando nasce, a criança não se oferece como objeto, mas é preciso que os pais o tratem e considere um objeto a ser investido de libido. É na vida adulta, levando em consideração essa sociedade narcísica, que o corpo (principalmente o feminino) tem *status* de objeto de desejo e também é oferecido como tal. Inicialmente, é imprescindível que a criança – e seu corpo – seja tomada como objeto, pois é através do investimento narcísico dos pais que ela se constituirá, como já trabalhado na pesquisa. No entanto, na atualidade, em que a estética vigente tornou-se um ideal a ser alcançado, o corpo torna-se objeto, e é oferecido e vendido como objeto.

No entanto, a partir de como esse corpo vai se constituindo, sendo investido narcisicamente e marcado pelo pulsional, também, e ao mesmo tempo, constitui-se o Eu do indivíduo e seus ideais. Assim, o modo como D. lidou com a mudança do seu corpo corresponde à maneira como este corpo foi constituído, assim como os ideais atrelados a ele.

### **3.2 Análise da entrevista de L.**

A segunda entrevistada foi L., mãe de dois filhos, o mais velho de 4 anos e o mais novo de 5 meses. A entrevista com L. foi realizada no meu consultório, pois, no primeiro contato, quando fui me apresentar, falar sobre a pesquisa e ler o TCLE, salientei que o local da entrevista poderia ser onde ficasse melhor para ela. Portanto, que poderia ser na sua casa, ou em algum outro lugar de sua preferência, mas também ofereci o meu consultório como um possível local. Ela, na hora, falou que poderia ser no meu consultório, e assim foi. L. foi

sozinha para a entrevista; o marido deixou-a no local e comentou que os filhos ficaram em casa com a sogra.

O que pude perceber transferencialmente em L. é sua necessidade de falar, de contar sobre suas questões, seus medos, suas atribuições, seus planos e suas dificuldades. Contudo, algumas vezes durante a entrevista, parecia que ela buscava em mim respostas para suas aflições. Houve um momento da entrevista no qual falava sobre sua necessidade de ter um tempo para si, mas que, ao mesmo tempo, sentia-se culpada em querer esse tempo, e me questiona: *“eu preciso desse tempo pra mim e não é errado...não é errado, né?”*. Parecia que necessitava de uma permissão ou consentimento de alguém para se permitir esse tempo e usufruir dele. Essa questão de ter um tempo próprio para se dedicar a si mesma mostra uma necessidade de se diferenciar dos filhos e da função materna, e retomar sua individualidade, no sentido de suas demandas pessoais.

Como já abordado neste trabalho, a experiência com a maternidade está fundada e atrelada à singularidade de cada mulher. Então a experiência da maternidade para L. constitui-se a partir de sua singularidade, da maneira como ela circula pela vida, como enxerga e lida com as situações da vida e de seus ideais. Sendo mãe de dois filhos, identifica sua vivência de maternidade como *“complicada”*, uma palavra que utilizou bastante durante a entrevista para se referir a várias situações. Quando peço para que fale sobre sua experiência da maternidade, sobre as mudanças vivenciadas, ela responde que: *“bastante mudança assim... agora pra mim é um pouco estressante também, sei lá... a mulher tem que tá bonita, tem que fazer as coisas de casa, eu não tenho faxineira, empregada, nada disso, então é tudo comigo em casa, e eu tenho mais um filho de 4 anos e um de cinco meses. Então tem sido difícil pra mim”*. A partir dessa fala, pode-se inferir que as mudanças decorrentes da maternidade que L. experimenta refletem questões que influenciam no seu dia a dia, tais como suas atribuições como mãe, mulher e dona de casa, e como conciliar tudo. No entanto, identifica que sua dificuldade está completamente atrelada à sua autoexigência, pois manifestou várias vezes que: *“eu tenho que fazer tudo perfeitamente em casa”*, *“é eu sou muito perfeccionista”*. Podemos identificar essas questões no trecho da entrevista abaixo:

[...] assim, teve bastante mudança assim... agora (fala meio desconfortável), pra mim é um pouco

estressante também, sei lá... a mulher tem que tá bonita, tem que fazer as coisas de casa, eu não tenho faxineira, empregada, nada disso, então é tudo comigo em casa, e eu tenho mais um filho de 4 anos e um de cinco meses. Então tem sido difícil pra mim...

[...] É uma das mudanças...foi uma das mudanças né...e a questão né, tem que ta com o filho o tempo todo, ter tempo pra mim, também é complicado né, eu não tenho tempo nem pra cortar o cabelo, sabe! Mas tem a questão de eu me dar esse tempo, chamar as pessoas pra ajudar né, chamar “mãe quer ficar com eles pra poder fazer”... eu não me dou esse tempo assim...

E: por que que tu acha que tu não te da...

L: eu me cobro muito assim, sou perfeccionista, é bem complicado, eu sou bem complicadinha viu (risos).. é eu sou muito perfeccionista, só que eu fico muito assim... eu me cobro muito... porque eu não consigo né, fazer tudo, eu tento me desdobrar mas eu não consigo fazer tudo e acabo ficando muito chateada... é bem... eu sou muito complicada...

Este discurso de L. sobre sua dificuldade em se dar e se permitir um tempo para si, assim com essa autoexigência de perfeição, estão associados aos ideais constituídos por ela sobre a mãe, a esposa, a mulher. Ou seja, esses ideais que L. constituiu de mãe, mulher e esposa, repercutem na sua vida, e na forma pela qual ela busca constantemente correspondê-los. Podemos inferir, de acordo com a fala de L., que seu ideal de mãe consiste em ser presente, se dedicar exclusivamente aos filhos e, obrigatoriamente, dar conta de tudo sozinha. Este ideal de mãe, que faz com que ela se sinta culpada em querer um tempo para si, foi historicamente construído pelo social. A autora Mary Del Priore (2009),

citada anteriormente, contextualiza o cenário em que foram instaurados esses ideais sociais no Brasil Colônia. Ideais esses trazidos da Europa Ocidental e propagados pelos colonizadores e pela Igreja. Portanto, o que foi instaurado na sociedade na época da colonização, e imposto como ideal, foi que a mulher, designada à vida particular e ao ambiente doméstico, tinha como sua atribuição arcar com a estruturação familiar. Ou seja, a mulher “deveria fazer o trabalho de base do todo edifício familiar: caber-lhe-ia educar cristãmente a prole, ensinar-lhes as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar de seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar ao marido” (DEL PRIORE, 2009, p. 35). Com isso, a mulher, por ser responsável pela edificação do processo civilizatório difundido pela Igreja, que seguia os pressupostos cristãos, era vista como a mãe ideal, ou melhor, como a “santa-mãezinha” (idem, p. 40). Os tempos mudaram, mas os efeitos desses discursos e ideais sobre mulheres e mães, como a de “santa-mãezinha” (idem, p. 40), perduram no imaginário social, assim como no discurso da Igreja, o qual permanece ativo e regulando a vida de muitas pessoas, mas sem ter um peso tão significativo no funcionamento da sociedade como tinha no século passado.

Algo que para L. parece relevante é a questão do trabalho, de a mulher ter um trabalho, uma ocupação fora do ambiente doméstico. Em sua fala, pode-se perceber um desejo em ter um trabalho, apesar de que no momento ela não está trabalhando por uma escolha sua. Mas, por ter sido uma escolha não trabalhar fora neste momento, ela se sente na obrigatoriedade de dar conta de todos afazeres domésticos e dos cuidados dos filhos. No entanto, pode-se inferir que há uma ambivalência quanto a essa escolha, pois, ao mesmo tempo em que afirma que “*queria passar esse tempo com meu filho, da infância dele e tal*”, na contrapartida, ela afirma que “*chega o momento que tu fica muito tempo em casa, que tu quer mudar, quer sair pra trabalhar*”, e revela que “*parece que eu não tô tão feliz, porque eu queria ter esse tempo pra mim assim*”.

Por escolher ficar em casa, ela se sente na obrigação de dar conta dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos sem nenhum auxílio. Contudo, ela mesma percebe que não consegue fazer tudo sozinha, ainda mais dentro do nível de perfeição que almeja, ficando com isso “estressada” (sic), pois esses ideais que ela se propõe são da ordem do impossível. Algo que L. revela é que, quando o primeiro filho nasceu, ela estava cursando um mestrado, e tinha que passar o dia na universidade. De acordo com L., essa autoexigência de

perfeição impediu-a de concluir a pós-graduação. Mas argumenta que não foi apenas isso, que também estava difícil não participar efetivamente do dia a dia e crescimento do seu filho mais velho. No entanto, depois de escolher ficar em casa, abdicar do mestrado, no final do ano passado, estava “estressada”, foi a uma psicóloga, mas não continuou, revela que foi em uma única consulta. No trecho de entrevista a seguir, L. expõe estas questões:

L: fui na psicóloga por que eu tava ficando estressada em casa, com meu filho P., e essa coisa de não trabalhar, ai eu acho que eu tenho que fazer tudo perfeitamente em casa, e eu me cobro muito porque... assim, na nossa sociedade as mulheres tem os filhos e daqui a pouco... e elas já trabalhavam, e ai tu... tu depois também fica ali uns meses com a tua licença maternidade com o filho, depois tu volta a trabalhar né, põe a criança na creche. Eu escolhi... é assim, no meu início eu, o P. quando nasceu eu fazia mestrado, e ai em um ano eu não terminei o mestrado... assim, quando o P. nasceu eu tava, já tinha o que... tinha um ano de mestrado, e ai é dois anos de mestrado, e eu tava na metade desse mestrado, eu estudo... era em física, sou formada em física, e a minha pesquisa tava sendo ruim assim, tava dando tudo errado, tava sendo muito frustrante, e ai eu não consegui terminar, foi terrível assim, aí meu professor se aposentou e foi uma loucura assim, tava ocupada com outras coisas também, tinha outras duas alunas fazendo o mestrado, mas elas conseguiram terminar, eu não consegui terminar. Eu escrevi a dissertação e tudo e... não apresentei. Tudo por causa dessa minha loucura com a perfeição, e não consigo ser... é... fazer tudo certinho. A minha dissertação eu não consigo terminar! Isso me frustra bastante assim, porque... ta e ai, as pessoas sabiam que eu fazia mestrado, mas eu não apresentei, eu

me preocupo com, assim, não deveria, mas eu me preocupo com o que as pessoas vão falar, sabe... E aí, então o P. nasceu, quando eu tinha um ano de mestrado, aí nesse mais um ano de mestrado ele ficava com a minha sogra, até o fim do meu mestrado, tempo de cumpri os dois anos, e eu sentia muita falta dele, e a minha sogra ainda me ligava durante o dia, e eu passava o dia ali na universidade, dentro do laboratório e nas disciplinas também né. E ela me ligava, 'ah, o P. ta fazendo isso, o P. ta fazendo aquilo', e sabe, e eu não podia ta junto, então chego, terminou o mestrado, eu fiquei com o meu filho em casa sabe, queria passar esse tempo com meu filho, da infância dele e tal. Só que dai chega o momento que tu fica muito tempo em casa, que tu quer mudar, quer sair pra trabalhar, porque dai você não tem tempo pra... pra sei lá, ir no shopping fazer compras, comprar uma calça, e mesmo que você... assim, eu não sou de sair muito pra comprar, chega me faltar porque eu não saio pra comprar, porque eu não sou daquelas que gosta muito de comprar sabe, mas chega um momento que tu tem que comprar e aí eu não tinha tempo pra fazer isso assim...sabe, cortar o cabelo, comprar alguma coisa pra mim, e não tinha tempo pra comprar coisa pra ele também sabe, e assim... tempo pra mim assim, então eu senti falta e... agora eu sinto falta, agora tenho dois, mas ter dois filhos foi opção assim, o primeiro eu não planejei né, mas o F. eu planejei... eu cheguei a passar por um aborto, no ano passado em fevereiro mas em três meses depois a gente tentou de novo e conseguiu, mas enfim. Mas mesmo assim, parece que eu não to tão feliz, porque eu queria ter esse tempo pra mim assim...

Neste discurso de cobrança e perfeccionismo que L. tem sobre si mesma, algo com que ela se ocupa e se preocupa é “*o que as pessoas vão pensar*”. Portanto, L. pensa que essa cobrança não é apenas sua consigo mesma, mas que há uma cobrança da sociedade, das pessoas que a cercam, e que estas a julgam. Em suma, o que a sociedade e o que as pessoas que a cercam pensam, ou o que L. acha que as pessoas pensam sobre ela, influencia a sua vida. Essa questão mostrou-se relevante durante a entrevista. Em vários momentos, ela salientava que se preocupava com o que os outros pensarariam sobre ela. Parece que L. tem uma necessidade de corresponder às expectativas que os outros direcionam para ela, como ideais que ela precisa alcançar. Pode-se pensar isso devido à importância que L. atribui ao pensamento do outro sobre ela, e seu Ideal-de-Eu tenta corresponder a esses ideais. No entanto, também essas questões como: ter que dar conta de tudo sozinha; ser uma super-mãe; esposa e mulher que tem que “*estar sempre bonita*”, são ideais que L. construiu para si mesma e aos quais tenta corresponder. Isto vai ao encontro do que Freud (2004[1914]) apontou a respeito da constituição do ideal-de-Eu, que se dá pela identificação das referências críticas paternas, originalmente, mas que se estende às referências críticas oriundas da sociedade. E o ideal-de-Eu não deixa de ser uma instância psíquica diferenciada do Eu, que uma de suas funções é a consciência moral, que consiste em regular e criticar o Eu, “medindo-o por esse ideal” (FREUD, 2004[1914], p. 113).

No artigo posterior, de 1923, Freud descreve que:

à moral, ao longo do desenvolvimento, o papel de pai foi rendido por professores e autoridades, de modo que as regras e proibições proferidas por estes irão manter seu poder no ideal-de-Eu e exercer a censura moral na forma de uma consciência moral. Veremos, então, que a tensão que se formará entre as exigências da consciência moral e o desempenho do Eu acabará por ser vivenciada como sentimento de culpa. Finalmente, os sentimentos sociais que se calcam em nossas identificações com outros semelhantes também se baseiam no ideal-de-Eu compartilhado em comum. (FREUD, 2007[1923], p.47)

Algo que ela identifica como uma cobrança que vem de fora, do social, é a questão da obrigatoriedade da amamentação. Essa questão é algo que L. sente como uma cobrança social, isto porque ela não pode

amamentar em função de ter o bico do seio invertido. Essas questões se explicitam na transcrição de trechos da entrevista abaixo:

L: Eu não consegui amamentar, é... eu tenho o mamilo invertido, e é muito difícil, e minha produção de leite não foi muito alta assim, foi pouco... eu fiquei sabendo que tem mulheres que tem o mamilo invertido e que conseguem amamentar, que tem, que conseguiram amamentar por causa da quantidade de leite né... leite jorrando é impossível a criança não conseguir [mamar]. E como eu não tinha muito leite, o F. não conseguia [mamar], ele sugava um pouquinho, depois de vários dias tentando, ele sugava três vezes e saía. Como que eu posso falar... não conseguia continuar sugando e aí ele chorava, nossa uma choradeira assim, e aquilo me deixava muito frustrada assim né, bebê chorando com fome, e eu tentando fazer aquilo ali sabe. Na primeira gestação né, com o P. eu não consegui também, mas o P. tentava mais, o F. já não tentava tanto, e é... eu agora eu assim eu pensava, será que eu to pensando só em mim, essa coisa, eu sei que o leite materno é bom pro bebê, né, mas... e o vínculo também, mas será que eu não tava pensando só em mim, que eu queria, porque essa coisa assim do outros também, porque eu... a sociedade cobra muito agora da mãe dar o leite materno, né, a amamentação né, e quando uma mulher não conseguiu, fica essa coisa né, poxa, você não tentou o suficiente, você não.... fica essa cobrança sabe..

E: tu sente isso..

L: eu sinto, é nos primeiros dias a gente foi num aniversário, no primeiro mês, aí tinha umas amigas minhas eu contei que eu tinha esse problema né, eu até já tinha conversado durante a gestação com elas e... falei vou tentar

e tal, tava fazendo massagem, usando bucha e tal né, toda aquela coisa, e chega lá elas perguntam sabe, e aí você conseguiu, mas não é pra cobrar entendeu, é pra saber... só que né, eu me senti mal, por parece que fica aquela coisa, mas como que você não conseguiu, eu sou perfeccionista chata né, então sabe... parece que as pessoas estão cobrando de mim sabe, mas pode não ser isso né... assim, deixa eu...

E: mas tu te sente, o que tu sente é...

L: é cobrança assim sabe é... complicado, como que tu não conseguiu, embora seja eu que vou lá e compra, que a lata de leite é muita cara, a gente compra a lata de um quilo é quarenta reais, quarenta e um, tinha um que era quarenta e seis, é caro mas sabe, é você que paga não são as outras pessoas né... eu tenho dessas coisas assim, de ficar pensando o que as outras pessoas vão pensar... é besteira né?...mas

Portanto, fica evidente, neste trecho da entrevista, que L. entende que há uma pressão social quanto à obrigatoriedade da mãe em amamentar. E ela sente que essa pressão vem das amigas, das pessoas próximas, pois, de acordo com o pensamento de L., as pessoas não acreditam em sua impossibilidade e, sim, que ela não se empenhou o suficiente para amamentar os seus filhos. Contudo, apesar de saber o motivo de não conseguir amamentar, L. se emociona ao falar o quanto desejava amamentar e o quanto se sente frustrada em não ter podido: *“porque nossa! Eu queria muito poder amamentar... não posso chorar, sou muito chorona (ela se emociona, mas contém o choro, apenas seus olhos se enchem de lágrima) [...] depois de cinco meses eu já deveria ter é... parado de pensar nisso”*. Essa questão de não conseguir, ou melhor, de não poder amamentar, é algo que L. vivenciou desde a primeira gravidez. Portanto, essa questão, pode-se inferir, é algo que L. ainda não resolveu consigo mesma. Há essa possibilidade, pois, como ela mesma ressaltou, já se passaram cinco meses, é seu segundo filho, e ela ainda sofre por não tê-los amamentado. Possivelmente, essa seja uma ferida narcísica significativa em L., pois continua sofrendo com esse impedimento e, de certa forma, escuta os questionamentos das pessoas

como cobranças ou insinuações de que ela não se esforçou o suficiente, não persistiu na tarefa de amamentar. De certa forma, esse aspecto da amamentação pode estar vinculado a um ideal que L. constituiu para si, ou seja, que amamentar o filho, pode-se pensar, estava posto como algo do seu Ideal-de-Eu. Portanto, o impedimento de realizar e de corresponder a esse ideal é penoso para L, pois, como já apontado na pesquisa, os ideais de Eu são constitutivos do indivíduo. Desta forma, pode-se entender que L. toma esses questionamentos como cobranças, e sente-se culpada frente a eles, pois a construção desse ideal está intimamente ligada à constituição do Eu e de seu ideal-de-Eu. Assim, pode-se inferir que amamentar seria para L. parte do seu ideal-de-Eu; e que sua impossibilidade em corresponder-lo causaria uma tensão entre a consciência moral e o seu próprio Eu, pois, ao julgar o Eu, a consciência moral compararia com o ideal-de-Eu, e acarretaria ao Eu um sentimento de culpa por não corresponder ao ideal. Ou seja, nas palavras do autor: “a tensão que formará entre as exigências da consciência moral e o desempenho do Eu acabará por ser vivenciada como sentimento de culpa” (FREUD, 2007[1923], p. 47).

A autora Del Priore (2012) identifica o “aleitamento materno” (p. 208) como outro aspecto da maternidade que se tornou um depositário de sentidos e expectativas, mas também passou a ser uma obrigação para as mães. A produção do leite pela mulher e a amamentação passou a ser o atestado, a comprovação da “capacidade da mulher em ser mãe” (DEL PRIORE, 2012, p. 208), além de ser a confirmação de que esta passou pela gravidez e parto. A autora aponta que o ato de amamentar era entendido como tributo de força e de capacidade de alimentar sua prole. Del Priore (2012) destaca que:

o seio gordo e cheio junto ao rosto do menino traduz o espelhamento simbólico do gesto de aleitar na imaginária deste período. A necessidade satisfeita, somada ao prazer dividido e à contemplação profunda entre mãe e filho, configura o quadro do aleitamento tal como devia ser vivido ou idealizado nas comunidades do passado. (p. 208)

O aleitamento possibilitava à mulher exercer um papel ativo, e sair da passividade imposta pela sociedade até então. De acordo com a autora, o ato de amamentar possibilitava moldar “a criança à sua imagem e semelhança” (p. 208), como também propiciava o

estabelecimento afetivo entre mãe e filho. De acordo com a autora, o aleitamento materno passou a ser uma obrigatoriedade para a mulher:

a importância da lactação, na concepção que então se construía sobre a maternidade, fora percebida tanto por doutores quanto pela Igreja como um dever moral desde o século XVI. [...] No século seguinte, moveu-se um ataque cerrado às mães de leite por sua relação mercenária com o gesto duplo de alimentar-amar a criança. A amamentação passou a ser um meio de vida para mulheres pobres na Europa Ocidental, enquanto as mulheres de elite se revezavam em torno de fórmulas para conservar a beleza de seus seios. No XVIII, médicos e confessores veem no aleitamento um ‘dever de Estado’. (p. 208-209)

Por falta de conhecimento, a produção de leite na mulher era entendida como mais um mistério feminino, além de passar a ser um dever da mãe perante a sociedade e a Igreja. A autora posiciona-se a respeito de como o aleitamento foi importante para as mulheres demarcarem seu papel na sociedade, impondo-se frente aos discursos normativos sobre seus corpos. Nas palavras da autora:

Penso ainda que o aleitamento deve ter sido de fundamental importância para a revanche das mulheres num período no qual proliferavam infinitas e sinuosas regras para a normatização de seus corpos. Lugar de prazer físico, de bem-estar psíquico e sensual que parece não ter existido no comum das relações conjugais, o aleitamento testemunhava que o corpo feminino era um corpo incrivelmente ativo. Cada parte sexuada manifestava o poder feminino de proteção, subsistência e estabilidade, e reafirmava o potencial de feminilidade materna. O aleitamento era também o signo da rejeição ou da aceitação da criança, fazendo da genitora responsável pela saúde dos seus filhos. (DEL PRIORE, 2012, p. 216)

O discurso sobre a amamentação vislumbrou a possibilidade para a mulher de poder sair de uma posição passiva, e com isso exercer

ativamente a alimentação de sua prole. Porém, ao mesmo tempo, ele também instaurou uma obrigatoriedade ao aleitamento materno, o qual validaria e qualificaria a mãe. Esse discurso repercutiu até os dias de hoje, pois existem campanhas nas mídias (televisão, rádio, revista, jornal, internet, etc) incentivando a importância do leite materno para o desenvolvimento saudável do bebê.

Essa questão de se culpar, tanto a respeito da impossibilidade de amamentar quanto frente à sua vontade de querer um tempo para si e também trabalhar fora, está atrelada aos ideais que L. constituiu para si, como abordado anteriormente. Portanto, essa dinâmica da culpa está fundada na maneira como a instância do Supra-Eu opera no Eu. O Supra-Eu consiste na instância psíquica que se opõe aos imperativos do Id, pois o Supra-Eu tem a função da consciência moral, assim como está embarcado na formação dos ideais psíquicos do sujeito. Laplanche e Pontalis (2001) lembram que “classicamente, o superego é definido como o herdeiro do complexo de Édipo” (p. 497-498), pois ele se constitui “por interiorização das exigências e das interdições parentais” (p. 498), já que o complexo de Édipo consiste na instauração da lei, em que é imposto o interdito em relação às figuras parentais. De acordo com Freud (2007[1923]):

Ambos os pais, mas principalmente o pai, eram vistos como obstáculos à realização dos desejos edípicos, de modo que, para se fortalecer e poder promover o recalque, foi necessário o Eu infantil tomar emprestado esse obstáculo externo e erigi-lo dentro de si. Em certa medida, empresta para tanto a força do pai, o que se mostrará um ato de implicações excepcionalmente importante. O Supra-Eu reterá o caráter do pai, e quanto mais intenso tiver sido o complexo de Édipo e quanto mais acelerado tenha se realizado seu recalque (sob influência de alguma autoridade, de dogmas religiosos, de aulas na escola, de leitura), tanto mais o Supra-Eu dominará o Eu com extrema severidade, assumindo a forma de consciência moral, ou talvez de sentimentos de culpa inconscientes (p. 45).

O que o autor aponta é que o Supra-Eu se constitui a partir da indentificação das proibições e críticas paternas, em que se manifesta em decorrência do complexo de Édipo. E aponta que, quanto mais

severa for a interdição paterna, a consciência moral, função do Supra-Eu, também se apresentará com severidade.

Com referência às mudanças sofridas no corpo, L. salienta que: “*tem coisas muito íntimas*”, e novamente afirma que, para ela, foi “*bem complicado*” vivenciar essas mudanças. O que L. identifica como mudanças que dizem respeito à sua intimidade é o fato de que, em decorrência do parto normal, nas duas gestações, ela teve lacerações do músculo do períneo. Destaca que “*essa mudança já aconteceu no primeiro parto*”, no entanto, foi no parto do segundo filho que a laceração foi mais intensa e que “*agora deu uma piorada*”. Identifica essa mudança como a “*mais brusca*” decorrente das gestações, e que “*lidar com isso tem sido um pouco difícil*”, especialmente porque interfere na relação sexual com o seu marido. Situação pela qual se questiona como o marido realmente lida com essa mudança. Apesar de o marido afirmar que “*leva numa boa*” essa questão, ela duvida se é isso mesmo, ou se ele apenas quer confortá-la dizendo isso. Contudo, salienta que é preciso ter confiança na relação e no marido, que ele esteja sendo sincero, mas se questiona “*será que ele tá sendo sincero?... acho que eu nunca vou ter como saber*”.

Pode-se inferir que, para L., essa mudança no seu corpo, na sua região íntima, foi e está sendo difícil, tanto que verbaliza isso, mas também percebo que ela é restritiva e se sente desconfortável em falar sobre o assunto e como se sente diante disso. Mas de que lacerações L. está falando? Será que são as adquiridas no parto? Ou elas vão além das marcas deixadas no períneo? Pode-se inferir que sim, que as lacerações vivenciadas por L. deixaram marcas profundas em vários aspectos da sua vida. Tais como sua cobrança sobre si mesma de perfeição; sua dificuldade em se “*dar um tempo*”; seu desconforto em procurar conciliar o lugar de mãe e a mulher, a vida de dona de casa com a profissional; a tentativa frustrada de dar conta de tudo sozinha e de “*ser uma super-mãe*”. E fala: “*eu tenho marcas [...]eu não vou ser a mesma... é impossível ser a mesma por causa dos filhos*”. Será que há marcas mais profundas que a da transformação, no caso, de se tornar mãe, de identificar que não é mais a mesma pessoa. Pode-se pensar que essa transformação psíquica e emocional para L. é, de certa forma, uma ruptura entre o antes e o depois de ser mãe.

No entanto, L. manifesta sua indignação desse excesso de atribuições das mulheres, salientando que “*tudo é com a mãe [...] é a mãe que dá banho, é a mãe que vai limpar, é a mãe que faz tudo*”, e argumenta que “*acho que a sociedade hoje é muito...sabe é tudo com as*

*mulheres...eu acho que a gente procurou isso também, né, mas é... pra mim é bem difícil essa coisa de...é...tem que tá bonita, tu que faz tudo, tu tem que trabalhar também sabe, é uma loucura...é...sei lá... eu não tô muito feliz com essa coisa de a mulher faz tudo sabe...mas essa coisa de ser independente é bom né?* As autoras Brazão, Novaes e Vilhena (2010) apontam que “o grande tirano da atualidade talvez tenha o nome de Sucesso” (p. 54). E para ser bem-sucedido e corresponder a esse ideal, há que se ter êxito em todas as áreas da vida. As autoras destacam que “a realização tem que ocorrer na vida profissional, financeira, amorosa, sexual, física e familiar” (p. 54). Podem-se constatar essas questões no trecho da entrevista a seguir:

L: Ah, porque eu tenho marcas... é... nossa... assim... eu não vou ser a mesma... é impossível ser a mesma por causa dos filhos né... eles, assim, tomam muito tempo também, nossa... Mas acho engraçado que assim, eu que fico em casa com meus filhos né, as vezes eu quero, quero sair né sabe, sei lá num...parece que eu nunca to contente né... porque quando eu trabalhava fora, eu queria estar com meus filhos, com meu filho né, o P., mas agora eu to com os dois, eu fico com eles, eu levo eles pra brincar no S, sabe, vamos na brinquedoteca, legal...mas eu também queria poder ser mais independente sabe, assim, os filhos prendem muito a gente né, não seria bem isso...eles precisam da gente, não dá pra ta...ta tão livre entendeu...Mas eu...não deixaria de ter meus filhos sabe...nossa... é uma amor assim que... parece que não cabe no coração, é incrível assim. E as vezes eu me sinto muito...como é a palavra...assim, eu quero... eu sou muito egoísta porque, sabe, com aquele amor, com todo esse amor, eu ainda quero ser mais independente, quero ser livre entendeu

Uma mudança relevante que L. identificou é que, durante a gestação, o seu marido perde o desejo sexual por ela, algo que ela relatou com certa irritabilidade diante do fato. De acordo com L.:

“parece que durante a gestação ele não tem, assim, ele perde...ah, como eu posso dizer... uhm assim, o interesse sexual... até é uma causa de eu não querer ter mais filho, é bem complicado, porque o meu...eu fico... assim, como posso dizer, com o alto nível de hormônios eu fico com mais vontade de sexo...mais desejo. [...] E aí, e meu esposo ao contrário, claro, o esposo... tá com um barriga, tá diferente né, então ele não tem desejo assim, é complicado [...] eu acho que é algo muito anormal”. L. relatou esse fato transparecendo uma irritabilidade, como mencionei, mas também com certo desconforto, vergonha, pois é algo significativo para ela. Pode-se inferir que ela se questione: por que ela não desperta o desejo do marido estando grávida? A única explicação que encontra, e que busca acreditar, é que ele tem algo de “anormal”, ou seja, que ele tenha alguma coisa de errado. Essa irritabilidade e vergonha que L. demonstra ao falar sobre esse assunto estão associadas a questões narcísicas de L., ao efeito que ela produz no outro, no caso, no marido. A entrevistada acredita que o marido tem algum problema, pois compara esse comportamento do marido com o comportamento de outros homens, maridos de amigas suas, e fala que nenhum deles tem esse tipo de atitude. Ao contrário, revela que ela conhece casais que “aproveitam o período da gravidez”, pois não precisam se preocupar com contraceptivos. No entanto, ela salienta que isso acontece, esse desinteresse por parte dele, apenas no período da gestação, que após “volta ao normal”.

Um fato importante de comentar “esse após a gestação” é a questão de que voltar ao corpo de antes da gravidez não é um problema para L., pois comenta que sempre foi magra, pois é do seu biotipo. Portanto, destaca que nunca teve de fazer esforço para retomar a sua forma; revela ainda que nunca teve dificuldade em perder peso. Nas duas gestações, L. não teve problemas em voltar à sua forma física anterior à gravidez.

Contudo, reflete que mesmo sendo magra, sendo este o seu biotipo, sofre uma pressão dos próprios familiares para fazer exercícios físicos. Essa questão do corpo, do cuidado com o corpo, da importância de fazer um exercício físico, são questões que se impõe para L., isto porque sua família inteira a convida para praticar exercícios. A justificativa que L. utiliza para recusar esses convites é sua falta de tempo. Sobre esse aspecto, L. se define como “sedentária”, no entanto, também fala que deveria fazer algum exercício, pois é importante para a saúde. A entrevistada comenta que a pressão é ainda mais intensa por parte do seu irmão, pois este tem uma academia, a qual a família inteira

frequenta, inclusive a sua mãe. Contudo, alega não ter tempo, fator sobre o qual L. fala bastante, a falta de tempo. Inclusive revela que o marido começou dar “uns toques” para ela fazer exercícios, no trecho de entrevista abaixo retrata esse cenário:

L: Até meu esposo já tá me dando uns toques assim, que ele tá fazendo uns exercícios pela internet assim, eu não sei se tu conhece o P90, eu também não conheço, só por nome, assim, eu só vejo o pessoal lá fazendo exercício e o R. junto, é vídeo assim, pega uns vídeos na internet desses P90 e faz ali na frente do computador o exercício, ele falou pra fazer exercício junto com ele, eu... só que assim, eu volto na questão do tempo, parece que eu não tenho tempo sabe, então é complicado porque é tudo com a mãe né... é a mãe que dá banho, é a mãe que vai limpar, é a mãe que faz tudo, assim... o R. não troca fralda, do primeiro ele trocava, agora ele não troca, então não dá banho, não deu nenhum banho ainda... e é tudo comigo assim, eu que faço o almoço lá, o R. não cozinha nada...

Sobre a questão do tempo, para L. um fator importante, ela comenta que parece que o tempo lhe escapa, que ela “não tem tempo”. Mas, será que existe tempo suficiente diante das obrigadoriedades que L. se impõe, como dar conta de tudo e todos sozinha? Do fato de que L. afirma que tem expectativa de conseguir ser uma “super-mãe” pode-se inferir como sendo um ideal-de-eu que busca corresponder. Mas por ser algo da ordem do impossível, tanto a questão de fazer tudo com perfeição quanto de ser uma super-mãe acaba lhe frustrando e sentindo-se culpada por não conseguir alcançá-los.

Apesar de estar em contextos diferentes, há dois aspectos em comum que L. e D. enfatizaram nas suas entrevistas. Uma é a questão do tempo, e a outra é a ambivalência entre querer estar com o filho e, ao mesmo tempo, querer estar longe, da dedicação exclusiva da mulher para com o filho, deixando-se para depois. L. fala muito sobre o tempo, a falta do tempo, na dificuldade em se dar esse tempo e, quando tem, não consegue aproveitar, sente-se culpada. L. destaca que “*parece que*

*eu não me dou o tempo, sabe, e mesmo sabendo que eu preciso desse tempo pra mim, né, eu...eu não...eu me sinto mal quando eu me dou esse tempo...eu demoro muito pra me dar esse tempo...pra mim sabe*". A semelhança entre D. e L. é que as duas identificam que necessitam de um tempo exclusivo para si, mas cada uma lida de maneira singular com essa questão. Pode-se inferir que L. se convence de que o tempo passa e que *"o F. não vai ter cinco meses para sempre"*, ou seja, de que os filhos irão crescer e que não precisarão mais dela, e como consequência terá mais tempo para si.

O outro ponto de encontro entre as duas entrevistadas é a necessidade de dedicação exclusiva com o filho nesses meses iniciais, mas que ao mesmo tempo se sentem presas nesta situação. L. salienta que *"os filhos prendem muito a gente né, não seria bem isso...eles precisam da gente, não dá pra tá...tá tão livre"*, e que ao mesmo tempo que desejam estar com seus filhos, desejam igualmente o oposto, estar ocupada de questões não vinculadas à maternidade. L. expressa com muita clareza esse aspecto: *"parece que eu nunca tô contente né... porque quando eu trabalhava fora, eu queria estar com meus filhos, com meu filho né, o Pedro, mas agora eu tô com os dois, eu fico com eles, eu levo eles pra brincar no X., sabe, vamos na brinquedoteca, legal...mas eu também queria poder ser mais independente... quero ser livre"*. Assim, L argumenta que *"dáí chega o momento que tu fica muito tempo em casa, que tu quer mudar, quer sair pra trabalhar, porque daí você não tem tempo pra... pra sei lá, ir no shopping fazer compras"*. O que se pode compreender diante desta fala, e da semelhança com o que D. relatou, é que a mulher tem outras demandas além da maternidade; elas almejam a independência, exercer sua profissão ou ter algum trabalho fora de casa, manter-se bonita e atraente, além do que, como L., almeja, ser uma super-mãe.

Esses aspectos apontam à amplitude da expectativa que essas mulheres se impõem, bem como também apontam a expectativa de que os ideais sociais impõem às mulheres. É possível argumentar que os ideais sociais mudaram e que se ampliaram no sentido de oferecer novos e mais variados modelos identificatórios às mulheres. Contudo, também se pode inferir que esses novos ideais sociais direcionados às mulheres, como: trabalhar fora; cuidar do corpo; almejar uma vida para além do casamento; dentre outros, foram somados e articulados aos antigos ideais como: maternidade como destino; amamentação obrigatória; vida restrita à casa e à família; dentre outros. Nesse contexto, por um lado, as mulheres sobrecarregaram-se procurando atender aos novos e aos

antigos ideais sociais, culpabilizando-se quando não conseguem atingi-los. Contudo, por outro lado, as mulheres passaram a se questionar sobre esses ideais e até buscam fugir dos padrões e normas estabelecidas por esses ideais.

### 3.3 Análise da entrevista com V.

A terceira entrevista foi com V. Entre o primeiro contato, que foi a apresentação da pesquisa e leitura do TCLE, e a realização da entrevista, ocorreu um intervalo de dois meses. A data da entrevista foi marcada e desmarcada umas três vezes por V., sempre alegando ter tido algum imprevisto inadiável. Inclusive, na última vez que ligou desmarcando, questionou-me se eu ainda gostaria de fazer a entrevista com ela, pois já havia passado algum tempo. Respondi a ela que sim, mas apenas se ela ainda estivesse disposta em realizar a entrevista. V. respondeu que sim e com isso marcamos a data definitiva. É possível entender que essas desmarcações e reagendamentos estejam a serviço da resistência de V. em ter esse encontro, em fazer essa entrevista. Isto porque ela sabia que teria que falar sobre sua experiência referente à maternidade e, no seu caso, relembrar momentos de sua vida, como ela mesma destacou: “*a vida era difícil demais pra gente*”. A entrevista foi realizada na casa de V, no turno da tarde, como preferiu. Quando cheguei, ela estava me aguardando, bem arrumada e com uma xícara de chá na mão. O ambiente estava calmo, não tinha mais ninguém em casa, exceto o bebê que permaneceu dormindo no quarto durante toda a entrevista.

V. é uma mulher de 37 anos, bonita, aparentemente vaidosa, pois estava bem vestida e maquiada ao me receber. A idade não foi um fator a ser levado em consideração nas outras entrevistas, mas, no caso de V., mostrou-se relevante. Isto porque a própria entrevistada, ao contar sobre suas gestações, muitas vezes se referia a elas associando com sua idade da época. Portanto, V. passou por quatro gestações, a primeira aos 15 anos, a segunda aos 23 anos, a terceira aos 30 e a quarta e última aos 37 anos. A história de vida de V. é intensa, com muitas mudanças, tanto de cidade como de perspectiva de vida. Quando pedi para ela falar sobre sua experiência vinculada à maternidade, disse que: “*tá sendo assim muito bom, muito diferente, tá sendo é ... é, renovador*”. De forma específica, quando fala da sua última gestação, V. se expressa da seguinte forma:

V – Minha gravidez foi muito tranquila, foi... foi uma gravidez acompanhada pelo pai da criança, foi... fiz tudo que eu tinha que fazer, me cuidei, cuidei da saúde, os preparativos, foi uma criança desejada, muito querida... e... e foi tudo assim... Um pouco de ansiedade no momento do parto, nos dias que antecederam o parto... mas foi em geral tranquilo... sem nenhum... atropelo assim eu diria. Foi tudo dentro da normalidade...

Entretanto, é possível entender que essa tranquilidade sobre a qual fala não corresponde unicamente a calma e serenidade, mas essa tranquilidade experimentada por V. diz respeito à diferença do cenário atual que vivencia em comparação ao das outras gestações. A entrevistada salientou o que experienciou de diferente nesta gestação com relação às outras: *“pela diferença da, da qualidade de vida, do companheirismo do pai da criança, isso é uma coisa muito importante assim que... talvez não tivesse sido assim nas outras vezes, então tem coisas que sinceramente parece que eu não vivi... que eu não lembro”*. Portanto, pela fala de V., apesar de ser sua quarta gestação, revela que há questões que está experimentando pela primeira vez. No trecho da entrevista abaixo, V. explicita essas questões:

E – E tu tinhas comentado que não é o teu primeiro filho, né?

V – Não, é o meu quarto filho... Mas eu te diria que é como se fosse o primeiro. É... (silêncio)

E – Porque ...

V: Porque... não sei se pela idade, diferença de idade já grande deles, principalmente dos dois primeiros, é... E não somente tanto pela idade, mas pela, pela diferença da, da qualidade de vida, do companheirismo do pai da criança, isso é uma coisa muito importante assim que... talvez não tivesse sido assim nas outras vezes, então tem coisas que sinceramente

parece que eu não vivi... que eu não lembro... Então agora é como se eu tivesse uma nova oportunidade assim... de tá vivenciando isso. Na verdade eu tô tendo tempo pra tá curtindo o neném, pra tá com ele assim...

Cada um dos quatro filhos de V. é com um pai diferente, e apenas os dois últimos moram com ela, que é uma menina de 7 anos e o bebê de seis meses, filho do atual marido. Então essa tranquilidade, pode-se inferir, está a serviço da estabilidade, da segurança, e de passar pela gestação “*sem nenhum... atropelo assim eu diria*”. V. complementa salientando que “*tem muitas coisas que embora eu fosse mãe já de uma quarta criança, talvez pelo atropelo da vida antigamente não tivesse... vivido a tempo assim de, de... é deixar na memória né, u,u... a experiência, foi muito corrido. Agora parece que estou conseguindo vivenciar melhor assim*”. Pode-se entender que essa tranquilidade, esse “*sem nenhum atropelo*”, são novidades para V, algo que ela não tinha experimentado nas outras três gestações. Ou seja, essa questão da novidade, da diferença entre as outras gestações, é algo marcante na fala de V., pois ela está sempre, de alguma forma, comparando sua experiência atual da maternidade, o cenário que tem hoje em dia, com as outras três gestações anteriores e seus cenários. Como ela mesma identifica neste trecho da entrevista, quando afirma que:

E: essas novidades que tu, que tu falas né, de que apesar de ter sido o quarto tu tá podendo experimentar novas experiências com ele...

V: sim! É porque... é primeira vez pro pai do menino né, é... a primeira vez que eu tenho um emprego, que eu tô de licença, que... tenho uma casa, que não tem ninguém morando junto, interferindo... é que agente pode planejar coisas, que agente pode ter sonhos né...É a primeira vez que eu tô tendo isso... e... por isso que eu digo que é diferente sabe... é... os meus

filhos mais velhos eu tive assim, de forma muito atribulada, e muito atrapalhada... com quinze anos tu não tem ideia do que tá acontecendo, tu não sabe nem direito o que é a vida... não tinha... tinha só o primeiro grau naquela época, o que eu sabia da vida? Eu não sabia nada! Com vinte e três anos também não! Eu achava que vinte e três é muito mais que quinze mas... os meus sonhos eram muito menores naquela época, eu não imaginava que eu ia conseguir entrar numa faculdade um dia, naquela época... eu imaginava que eu ia ser dona de casa a vida inteira, e que meu marido ia me sustentar e a gente ia ter aquela vida , a vida inteira... morando em casa de mãe... aquilo ali... e as coisas mudaram...

Neste trecho da entrevista, V. contextualiza o seu cenário de vida, as mudanças que ocorreram. Ao mesmo tempo em que fala com muita serenidade e franqueza, transparece um certo sofrimento. Como já mencionado, sua primeira gestação foi aos quinze anos, e como ela mesma destaca, não sabia nada da vida. Identifica que, naquela época, não tinha responsabilidades, pois “*tinha o aparato da mãe ou da sogra*”, portanto que “*as coisas pra mim era um brinquedo*”. Contudo, depois que nasceu a primeira filha, logo se separou do pai da criança, e teve que começar a trabalhar para sustentá-la.

Na sua segunda gravidez, aos 23 anos, relembra que foi o parto mais difícil, teve “*que fazer uma cesariana de emergência*”, mas também foi a época que começou a estudar, entrou na faculdade. No entanto, quando se separou, a guarda do filho ficou com o pai dele por determinação do judicial:

V: [...] Na época que o pai do V. (filho) ficou com ele... eu fazia graduação ainda, eu tava estudando, e fazia estágio, era bolsista durante o dia e estudava a noite, e... o juiz falou que eu

não teria condições de cuidá-lo, que eu não tinha tempo e nem dinheiro pra cuidar, e deu a guarda pro pai dele, porque o pai dele tinha emprego, tinha creche, e eu morava com a minha mãe, que o pai dele tinha uma casa... então eu perdi a guarda dele por condição financeira mesmo, e tentei reaver, nunca consegui... então... eu já parei de me culpar também por isso sabe...

Sobre a terceira gestação, da filha de 7 anos que mora com ela, V. conta que nunca morou com o pai da menina, e foi quando teve que se mudar para Florianópolis, assumir no emprego novo. Diante de tanta mudança, quando sua filha tinha quase um ano, procurou psiquiatra e teve diagnóstico de depressão. O médico salientou que foi em função da junção de fatores que estavam ocorrendo na sua vida, como mudança de cidade, emprego novo, etc... Contudo, V. faz uma análise que engloba mais coisas que acarretaram sua doença:

V: Então se tu somar todas essas coisas que eu te falo, de ter sido mãe adolescente... perder a guarda de um filho... depois aí tá com um filho pequeno e trocar de cidade... é... emprego novo, tu vai ver que motivos assim não faltaram para que eu ficasse doente, graças a deus passou sabe, hoje em dia me sinto bem mais forte... Consegui fazer tudo o que eu queria na minha vida... me formei, fiz meu mestrado, tô concluindo meu doutorado, eu não posso reclamar... tô tendo mais dois filhos, sabe porque... uma eu fui mãe muito nova, não fiz as coisas da forma adequada... o menino, não tive oportunidade de criar... então é como se eu tivesse de novo tendo uma chance assim, de ter uma família da forma que eu acho que deveria ser, uma forma mais estruturada, em termos financeiro, em termos emocional, de poder dar suporte, poder dar carinho, poder se dar... e não simplesmente ser levado pela vida, de qualquer jeito, com interferências assim...

então, pra mim, não só ter mais um filho, é ter uma nova chance do que se aproxima, do que eu sonhei assim... uma vida de família... é.... é bem assim..

Neste trecho acima, V. dimensiona e reflete e relembra momentos da sua vida que foram difíceis, que inclusive a fez adoecer. Mas, também, pode-se vislumbrar uma perspectiva de futuro, de realização, de superação; pois, ao falar de suas mudanças, de suas dificuldades, ela também enfatiza suas vitórias, suas conquistas, sua nova perspectiva de vida, ou seja, dessa sua “*nova chance*” de ter o que almejou, “*uma vida de família*”. Desta forma, fica claro na fala de V. que a sua situação atual de vida, ou seja, casada, com emprego, com sua casa, em outras palavras, essa estabilidade, é algo que ela buscou para a sua vida, sendo algo, inclusive, com o qual sonhava.

Quando relembra os seus quinze anos, a sua primeira gravidez, fica evidente a sua falta de estrutura, já que o seu cenário daquela época era limitado e incerto:

V: [...] eu tive essa minha primeira filha, com quinze, faltava um mês para fazer dezesseis anos, adolescente né... Realmente, eu não tinha consciência de nada, eu não me preocupava, não me preocupava sinceramente, não existia isso...

E: como que tu te viu mãe lá...

V: era como se... como se quase tudo fosse um brinquedo assim... como eu sempre tinha o aparato ou da mãe ou da sogra na época, sempre tinha alguém assim, então eu não me preocupava com nada, eu não provinha o meu sustento, eu... não tinha ideia assim... então as coisas pra mim era um brinquedo...né...E depois que ela nasceu é que a gente passou trabalho e tudo... e foi uma época que a gente resolveu não ficar mais junto e fui cuidar da minha vida e... fui morar

com a minha mãe, fui trabalhar daí pra sustentá-la porque daí o pai não quis saber... foi bem difícil...

[...]

V: é, era diferente porque, era como se antigamente tivesse uma busca diária, por exemplo, ‘aí o que vai se comer amanhã?’... só pra te dar um exemplo: amanhã nós vamos almoçar na casa de quem? Era mais ou menos assim...e pouco conseguia, digamos, desfrutar de algumas de coisas por causa dessa preocupação assim. Eu me lembro de a T. pequena, a mais velha né, e o pai dela sumiu, simplesmente sumia e eu ficava sem nada assim, e pensar: amanhã vou ter que ir na casa da mãe, porque senão nós não vamos ter o que comer sabe... e amanhã vou na casa da minha irmã, e assim eu ia vagando... e... e as coisas foram indo assim sabe, e eu me ocupava muito de sonhar, ‘ah, um dia vou ter a minha casa, um dia vou ter meu emprego, um dia vou ter tal coisa’.... É nisso que eu te digo que a gente é furtado do tempo, quando a gente passa muito trabalho assim, tu te prende muito nas fantasias ou nas ilusões assim, fica vagando, fica idealizando, querendo sair daquele lugar, fugindo de certa forma...

Portanto, aos quinze anos, num cenário limitado, V. revela que o que ela se ocupava era em sonhar, vislumbrar um futuro. Mas, constata que, enquanto ficava sonhando, no mundo da fantasia, o tempo passava, ou melhor, que o tempo era “furtado” dela. Pode-se inferir que o que ela quer dizer com isso é que não conseguia aproveitar seu tempo com sua filha, pois tinha que se preocupar com questões concretas da vida, como o que ia comer. Pode-se pensar que, ao sonhar acordada e

vislumbrar um futuro, V. estava buscando e fortalecendo seus ideais, o que almejava para a sua vida.

No que diz respeito ao corpo, à beleza, à estética, V. tem um discurso atrelado ao “*cuidado em relação à saúde*”, em que a alimentação e a academia estariam a serviço desse cuidado. Contudo, algo presente, tanto na sua história quanto no seu discurso sobre o quesito beleza, é uma obrigatoriedade em estar bonita. Desde a sua primeira gravidez, aos quinze anos, que sua mãe e irmã lhe falaram: “*não é porque tá grávida que tem que andar atirada, de qualquer jeito*”. V. comenta que isso lhe marcou e que buscou sempre estar arrumada, não se descuidar:

[...] é, na primeira gravidez é...eu não...nem sabia, nem me preocupava com nada, como eu te falei, mas...é... lembro da minha mãe e da minha irmã mais velha terem dito pra mim que eu tava muito atirada, muito desleixada, que eu não tava preocupada...ai digo ‘ah mas eu tô grávida’ sabe, daí disseram, ‘mas não é porque tu tá grávida que tu tem que andar atirada, de qualquer jeito’. E eu nunca mais esqueci daquilo, e...tanto que nas outras gravidez eu procurava ser a grávida mais bonita, procurava me arrumar, sempre me manter bem assim, tanto que eu recebia vários elogios nas gravidez todas assim. De tá bem, de tá... com uma boa aparência assim, tava me sentindo bem... Na primeira não tinha a menor noção do que eu tava fazendo, e... na primeira e na segunda, depois que eu ganhei o neném, acho que eu tinha uma preocupação, maior assim, cuidar da criança e talvez cuidar da casa, cuidar das coisas assim, e não tanto comigo... É... na terceira, como eu não tinha marido né, que o pai da M nunca

morou comigo, é... a minha preocupação era... era comigo... era comigo... porque eu tinha que trabalhar, eu tinha que estudar, eu tinha que fazer as minhas coisas, então eu tinha que ta bem, então eu tinha isso mais estruturado, eu tinha isso... Mas não era pra agradar ninguém, nem pra aparecer atraente, que nem tu diz... É... agora a coisa se juntou mais assim, porque agora eu tenho uma família, eu tenho um... eu tenho o meu marido que vem pra casa todos os dias, eu tenho as crianças... eu tenho um ambiente de trabalho, então... tudo isso eu tenho que tá... a preocupação com a aparência também por causa disso tudo, que ai é um pouco diferente. Por isso que eu te digo da experiência, que eu vejo assim... falando dos... de outros assim, parentes e tal, amigos. É que as vezes as mulheres, elas se largam de mão, tu chega, a mulher tá de pijama, ou não teve tempo nem de pentear o cabelo direito, se preocupa muito com as outras coisa e se deixa, se larga de mão, então é... mais por isso que eu falo de... de se ter esse cuidado né...

Portanto, V. aponta a questão da beleza como algo presente na sua vida, mesmo enquanto estava grávida, pois procurava estar atraente, no sentido de atrair o olhar do outro. Salienta que buscou, nas suas gestações, estar sempre bem arrumada, bonita e que em função disso recebia elogios. Portanto, pode-se inferir que o que está por trás do cuidado com a beleza é manter e despertar o olhar do outro; como apontado nas outras entrevistas, a busca pela beleza tem esse contexto do narcisismo. É possível inferir que agora, por estar casada e morando com o marido, ou seja, eles convivem diariamente, essa questão da

beleza, do cuidado com a aparência tenha surtido algum efeito em V., pois ela afirma que:

Eu acho que fica. Eu acho que a gente fica, porque a gente, em algum momento ali que tu ganha o filho e as atenções são todas voltadas para o filho. Tem algum momento assim em que se olha no espelho e tu sente necessidade de gostar do que tu tá vendo. De se sentir bem. Eu não deixei de cuidar assim uma maquiagem básica, cabelo, essas coisas, roupas e tal, mas tu quer se sentir bem, principalmente para o teu marido assim. Tu quer tá bonita, tu quer que ele olhe e diga: ah! Tá bonita e tal né. Então eu lembro disso assim, de ter tido esse cuidado assim, essa preocupação. Eu acho que todas têm, mas só posso falar por mim.

No entanto, apesar de V. salientar que acha importante manter-se com uma boa aparência por causa do trabalho, para o marido, de a mulher não se “largar”, expressa que a questão da estética corporal, de fazer exercícios, está a serviço da saúde. No entanto, pode-se inferir que a estética corporal não seja apenas uma questão de saúde, mas que ela esteja também a serviço de manter o olhar do marido, assim como a necessidade de “se sentir bem”. Ou seja, essa questão da beleza, do olhar, está atrelada a questões narcísicas, de como se vê e como é visto pelo outro; o que sua imagem desperta no outro, o seu efeito. O psicanalista argentino Luiz Hornstein, em seu livro “Introdução à Psicanálise” (1989), destaca que Freud, ao analisar o caso Schreber aponta “como característica fundamental do narcisismo o fato de que o sujeito ‘para ganhar um objeto de amor, toma-se primeiro a si mesmo, ao seu próprio corpo, antes de passar deste à eleição de objeto em uma pessoa alheio’” (p. 161). Ou seja, que essas questões de beleza, da captura do olhar do outro e, portanto, seu interesse, corresponde a aspectos narcísicos, em que o primeiro objeto de amor ou narcísico é o próprio corpo, é si próprio.

Pode-se perceber que a preocupação com o corpo, com a beleza, foi mudando ao longo da sua vida e de suas vivências, pois, na sua primeira gestação, com quinze anos, não se preocupava com o seu corpo, em como ia ficar; nas palavras de V:

... mas nessa época eu não me preocupava com o corpo com nada, porque eu achava que o meu corpo tava ótimo, tava bem... tava...porque eu era muito magra, com quinze anos eu pesava 47 quilos, e ganhei ela, engordei seis, sete quilos. Então eu só ganhei ela e me lembro que eu olhei no espelho, no dia que tinha ganho, minha barriga tava pra dentro, não ficou barriga, ficou pra dentro... eu voltei pra casa com mais cintura do que eu tinha antes, de tão magra que eu tava, então eu nem me preocupava com isso... fiquei com umas estrias só no culote e tal, não fique com marca nenhuma no corpo... então isso não me preocupava.

Já na segunda gravidez, aos vinte e três anos, lembra que tinha ganho neste intervalo de tempo um pouco de corpo, de curvas, pois era muito magra e não gostava do seu peso nem de sua forma. Portanto, a preocupação de V. era em não perder suas curvas e emagrecer. Ela explicita isso no trecho abaixo:

... por volta dos 20 anos eu ganhei um pouco mais de corpo, porque eu era muito magra e eu odiava ser seca daquele jeito... aí eu ganhei um pouco mais de corpo. E daí com 23 anos que eu fui ter o V., aí eu não queria voltar a ser magra, então eu tinha medo de engravidar e emagrecer, então daí que comia um monte pra ficar bem gordinha porque eu achava que bonito era ser gordinha... (risos) eu tinha essa cabeça... aí do... quando eu engravidei do V. eu pesava 50 quilos, eu era super magra de novo, aí eu fui a 68, aí quando eu ganhei ele eu voltei

pra 58 quilos, e assim foi...daí fiquei um tempo 53, 55 quilos, esse era o meu peso.

Aos trinta anos, na sua terceira gestação, também o que V. destaca sobre seu corpo é a questão do peso:

Quando engravidei da M., pesava 53 quilos, aí quando eu ganhei ela eu tava com 60, aí com seis meses já estava com 55 quilos de novo, então eu sempre me mantive magra, e agora...depois com o tempo eu fui ganhando peso muito por causa da academia também, fui ganhando massa muscular, meu peso hoje em dia é 62 quilos, então tu imagina como eu era magra...

Quando se remete à última gravidez, declara que, neste intervalo de tempo, passou a frequentar a academia e ganhou massa muscular; que engordou 7 quilos durante a gestação, mas já emagreceu e está com o peso de antes da gravidez. Comenta que gosta muito mais do seu corpo atual e está satisfeita com ele, do que do seu corpo de quando tinha quinze anos. Estas questões evidenciam-se no trecho de entrevista abaixo:

Aí quando engravidei dele, pesava mesma coisa que eu tô pesando agora, engordei...fui até 69, aí agora eu voltei pra 62, foi mais ou menos isso, eu fui agregando uns quilos conforme fui ficando mais velha mas, a verdade é que eu nunca gostei de ser seca como quando eu era novinha...não gostava do corpo que eu tinha, eu achava que tinha que ter alguma coisa assim. Então, hoje em dia, eu acho que eu sou mais satisfeita com o corpo do que quando eu era mais nova...eu acho. Eu gosto mais de mim agora do que antes assim...e jamais, eu sei, que vou voltar para os 47 quilos de quando eu tinha quinze anos, um absurdo né...porque daí eu ia virar anoréxica... então eu...eu tô bem assim, eu acho, mas a

modificação foi essa, fui ganhando peso, mas em compensação fui me sentindo melhor, fui achando que tava mais bonita e...e Ganhei essa marca de cesariana que eu não gostava, ficava com a barriga dividida, que eu arrumei depois que ganhei a M, e... e foi isso assim. Eu acho que eu não posso reclamar tendo em vista que eu tenho quatro filhos, pelo menos as pessoas me falam isso, que não parece... que eu tô bem... e tudo e, não somente pelo que eles falam, mas eu me sinto bem. E tô querendo agora voltar para academia, que eu parei esse tempo que eu tô cuidando dele, e levando pra escolinha e tudo, eu parei um pouco, mas em seguida eu volto.

Assim, V. vai associando suas mudanças corporais ao ganho e perda de peso no decorrer de suas quatro gestações. Mas também ressalta que com o tempo foi alterando sua forma, e que atualmente, mesmo pesando mais, está mais satisfeita com o seu corpo, gosta de sua forma atual. No entanto, nesta fala, comenta que fez a intervenção cirúrgica em função de uma cesariana que deixou uma marca que não gostava. Mas, em outros momentos, declara que junto com essa intervenção plástica, a lipo, colocou também o implante de silicone nos seios. Portanto, pode-se inferir que não foi apenas em função de uma marca que queria atenuar, mas também estava a serviço de mudar seus seios. Contudo, salienta que sente arrependimento, que se fosse atualmente não faria esta intervenção: *“Eu me arrependi de ter feito. Eu não gostei do resultado. Eu achei que foi um dinheiro botado fora”*. V. afirma que, além de sua insatisfação com a marca da cesariana, um dos motivos que a levaram fazer estas intervenções foram as influências das amigas. Mais uma vez, podemos inferir, e eu diria constatar, o quanto o social, o externo, o que o outro diz tem um peso e influência nos comportamentos e o modos de pensar das pessoas; pois, como já abordado, o Ideal-de-Eu corresponde aos ideais introjetados que o indivíduo busca corresponder. V revela que *“foi na onda”* das amigas, que todas incentivaram essa questão do silicone: *“Mas essa questão assim das amigas e do ambiente externo é porque todo mundo te dá muito apoio para que se faça isso. Ah! Fulana fez, ciclana fez, ah! É lindo faz. E a receita de bolo não funciona para todo mundo”*. Contudo,

também associa a uma busca de um ideal e de tentar tamponar uma falta e acreditava que o silicone e a lipo iriam resolver. Neste trecho da entrevista, V. fala sobre essas questões:

V - ...Talvez da busca da perfeição né, daquele ideal né, de beleza, ou talvez até por achar que era naquilo ali, naquela falta é que tavam os teus problemas, e depois com o tempo se descobre que não, então por causa de tudo isso... As coisas elas têm que ser resolvidas internamente né, primeiro. E foi isso que acabou acontecendo depois. Mas aí eu já tinha feito isso. (risos) Mas a verdade é que eu me senti muito estranha assim... Eu... eu até hoje eu ainda olho para mim e acho que eu tenho muito peito para minha estrutura assim, e eu botei o menor silicone que existia. E eu acho que. E eu não gostei do resultado, muito estranho mas eu não gostei.

E – E o motivo de colocar o silicone e fazer a lipo foi depois da gestação? Foi um tempo depois?

V - Foi, foi um ano e meio depois, lá da outra, da de sete anos. É... não, não tinha algo, se for dizer, eu não tinha um corpo feio, não era nada disso. Era uma necessidade assim, tipo assim, aí minha amiga botou silicone, tudo mundo bota silicone, eu também tenho que botar por que eu acho que vou ficar me sentindo bem melhor e na verdade não foi isso. Já no começo eu já não gostei do resultado. Achei que foi uma grana botada fora.

E – Mas estava vinculada, essa necessidade do silicone e da lipo, muito mais ao externo, as amigas, ou ao teu corpo...

V – Eu acho que eu não tava satisfeita comigo em várias coisas. É, eu não tava feliz, eu não tava, eu já tava no início de depressão e na época eu não associei a isso, eu associo agora. E, a insatisfação era muito grande com varias

coisas, mas essa era a única que eu poderia mudar. Com um toque, então foi o que eu fiz, mas na verdade eu me olho agora e eu continuo não gostando tanto, não gostava antes. O aspecto físico. Mas hoje em dia já não me importo com isso. Naquela época eu me importava. Eu achava que com aquilo ali eu ia me sentir tão bem que o resto todo se superado. Mas não né!

Assim, desde o surgimento da psicanálise, Freud já pensava o corpo como algo além do biológico, e cada vez mais ele foi aprofundando e fundamentando esse pensamento, como a perspectiva de um corpo pulsional. Assim, no artigo de 1905, “Três Ensaios sobre a Sexualidade”, começa a pensar e articular o corpo psicanalítico, diferenciando o corpo médico, biológico, anatômico. Nesta mesma perspectiva, o psicanalista se distancia de uma concepção dividida e diferenciada entre o psíquico e o biológico (somático), mas, ao contrário, aproximando-os e interligando-os. Essa aproximação foi possível a partir do conceito de pulsão, que define como:

o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. (FREUD, 1996[1905], p. 159)

Ou seja, a pulsão é o que interliga o somático com o psíquico. O autor aponta que a natureza da pulsão sexual se dá por uma exigência do psiquismo, sendo ela por si só sem qualidade. Assim, o que se expressa do corpo está expressando o que é do pulsional, pois um está atrelado ao outro. O pulsional circunscreve o corpo, articulando o psíquico com o somático. Assim, de acordo com a psicanálise, os discursos sobre o corpo somático falam também do que é não dito do corpo, ou seja, do pulsional, do psíquico.

Nesse contexto, as autoras Brazão, Vilhena Novais & Vilhena (2010) apontam que o corpo do “pós puerpério passou a ser o corpo ‘gordo’ que precisa ser corrigido e negado em sua história e em suas marcas” (p. 45). As autoras afirmam que, além de exercícios e dietas,

hoje em dia, o recurso da cirurgia plástica está sendo utilizado com frequência e essa área da medicina especializou-se oferecendo uma cirurgia plástica pós-parto (p. 51).

Concluem que há uma lógica social do consumo amparada no mito da liberdade e da igualdade, fundada a partir da Revolução Francesa – que pregava liberdade, fraternidade e igualdade. No entanto, esses preceitos não se sustentaram, pois houve “uma apropriação desses ideais pela lógica do consumo, passando então os mesmos a funcionar como um equalizador das diferenças, caracterizando assim a sociedade contemporânea” (BRAZÃO, VILHENA NOVAES, & VILHENA, 2010, p. 53). Constatam que a cultura atual é regida pelo imediatismo; no entanto, é inviável atingi-lo e o resultado é a frustração. Dessa forma, finalizam dizendo que, “de veículo ou meio da satisfação pulsional, o corpo passa a ser também veículo ou meio de expressão do mal-estar contemporâneo” (p. 56).

Podemos entender das fala de V., acima, como uma interpretação correlata ao momento em que viveu. Mas, também, pode-se inferir que o seu discurso reflete a ideia de que tudo está à venda, ou ainda, de que se algo lhe falta basta comprar, basta tamponar a falta. O corpo perfeito também pode estar a serviço desta questão, de tamponar a falta, e não apenas a serviço de vida saudável. O silicone vende a possibilidade de um seio firme, empinado, de tamanho X, Y ou Z, o que seduz muitas mulheres que estão na mesma busca que estava V., e a única coisa que está ao alcance e que “poderia mudar”, como no caso, é o seio siliconado. No entanto, na fala de V., ela revela que, mesmo depois das mudanças, da lipo, do silicone, da retirada da cicatriz que tanto lhe incomodava, ela permaneceu insatisfeita, e até se arrependeu. Ou seja, todas aquelas intervenções não foram o suficiente, pois o motivo da sua insatisfação, podemos inferir, e ela mesma revelou, não estava atrelado ao corpo biológico, não era algo que ela poderia comprar.

As pesquisadoras Vilhena Novaes & Vilhena (2006) alegam que o corpo tornou-se moeda de troca, capital, pois passou a ser objeto nessa sociedade do consumo. O desejo atual é pela imagem de um belo corpo, não importando se esse foi conquistado nas academias ou na mesa de cirurgia. Assim, as autoras destacam que “[...] quer seja através de roupas, adereços e cosméticos ou por meio de uma cirurgia plástica – de forma efêmera ou permanente, o corpo é sempre transformado em um signo cultural – o corpo como capital” (VILHENA NOVAES & VILHENA, 2006, p. 2). Argumentam que há uma crescente insatisfação

das mulheres com seus corpos devido ao modelo estético estabelecido. A questão da beleza, de ser bela, passou a ser responsabilidade da mulher e se tornou um dever moral. Há uma ditadura da beleza, da magreza e da saúde posta como algo da ordem da escolha, transformando o corpo “em uma prisão ou em um inimigo a ser constantemente dominado” (p. 5). Constatam que a satisfação sem limites “parece ser a marca da cultura narcísica contemporânea” (p. 6).

Portanto, como fruto dessa sociedade contemporânea que adota esses valores, as mulheres, em sua maioria, buscam no olhar do outro uma medida comparativa. Com isso, o propósito “deste superinvestimento é tornar-se uma imagem a ser apresentada para o outro” (VILHENA NOVAES & VILHENA, 2006, p. 6). Contudo, o reflexo que elas recebem de volta corresponde a inúmeras imagens, além da sua, embaralhando o ideal buscado e a resposta esperada.

Neste contexto, Freud, em seu artigo “Mal-estar na civilização”, do ano de 1929, escreve a respeito das renúncias pulsionais das quais se tem que fazer para poder viver em sociedade, e da busca das pessoas pela felicidade e o objetivo de se “manter afastado do sofrimento” (p. 89). Assim, trabalha no texto, quando a “felicidade na vida é predominantemente buscada na fruição da beleza” (FREUD, 1996[1929], p. 90), sendo ela decorrente de qualquer lugar, do corpo humano, da natureza, da arte, etc. No entanto, buscar a felicidade usufruindo da beleza, de acordo com o psicanalista, não protege o indivíduo contra o sofrimento, apesar de que “a fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuamente intoxicante” (FREUD, 1996[1929], p. 90). De acordo com Freud (1996[1929]), apesar de a humanidade e a cultura não depender da beleza para viver, não podemos “dispensá-la” (p. 90). No entanto, o autor salienta que a psicanálise não tem muito a dizer a respeito da beleza, quanto à sua origem, sua dinâmica, mas aponta que “o que parece certo é sua derivação do campo do sentimento sexual. O amor da beleza parece um exemplo perfeito de um impulso inibido em sua finalidade. ‘Beleza’ e ‘atração’ são, originalmente, atributos do objeto sexual” (FREUD, 1996[1929], p. 90). Portanto, a beleza seria um impulso sexual inibido de sua satisfação, e viver buscando ou fazendo uso da beleza não garante felicidade, e não deixa o sujeito imune de sofrimento. Desta forma, V. exemplifica isso, pois o seu investimento na beleza, sua cirurgia plástica não trouxe felicidade, tampouco bem-estar. Mas Brazão, Novaes e Vilhena (2010) indicam uma função interessante e, ao mesmo tempo preocupante, a respeito do lugar da beleza nos dias atuais:

“beleza é capital e moeda de troca. A equação é simples: quanto melhor for sua aparência, melhores serão as suas condições de competir no mercado” (p.45).

A entrevistada revela que, juntamente com o implante de silicone nos seios, o médico sugeriu que fosse retirado um excesso de pele, ou seja, uma redução da mama. Na redução, de acordo com V., cortam-se pedaços de pele da mama, de uma camada mais profunda do seio. Em decorrência disso, nessa sua última gestação, quase não produziu leite, e o bebê teve que tomar mamadeira desde que nasceu. Contudo, ao questionar sobre como foi a amamentação dos outros filhos, V. destaca que nunca conseguiu produzir muito leite, e quem ela amamentou mais tempo foi a primeira filha, mas foram apenas dois meses. O segundo mamou um mês, e a terceira somente dez dias, todos por falta de produção de leite. Questiono como ela se sentiu frente à impossibilidade atual de amamentar, e ela responde que, pessoalmente, não vê como algo imprescindível, pois considera que o mais importante é o afeto, conforme o trecho abaixo:

T – e como foi essa questão da redução do seio, e de não poder amamentar...

V - ... quando tu faz redução tu corta músculo e camada de pele mais profunda, e acabou interferindo. Eu sentia muita dor no seio direito para amamentar e ele não produzia leite em quantidade suficiente, então ele teve que começar a tomar mamadeira já desde que nasceu. Por causa disto. A médica pediatra mesmo viu que a quantidade que tava produzindo era muito pouca. E ela disse que acontecia muito, de quem faz redução, de poder ou não amamentar, dependia de mulher para mulher.

E – E das outras gestações tu...

V – É assim ó, eu na verdade nunca fui uma, nunca fui boa pra produzir leite. Eu só consegui amamentar, a mais velha dois meses, o segundo um mês, e a mais nova dez dias por que eu tive infecção, tive que tomar antibiótico e o leite foi, secou. Eu ainda consegui manter até os dois meses alternando com a mamadeira.

Mas muito pouco assim, não me considero, uma mãe assim, amamentadora, que nem eu vejo que tem mães que conseguem dar só o peito, não, nunca consegui.

E – E isso pra ti, como que é? Como que tu lida com isso, por que também há uma, um incentivo né, que fala dos benefícios, etc né, de que a mãe tem que amamentar.

V – É eu vejo bastante isso, é até assim algumas cobranças assim, quando tu depara com outras mães. Ah tu não amamenta, assim como se tu fosse um bicho. É inclusive meu marido reclamou uma vez, ele disse: ah, tu nem amamenta e eu nem reclamo disso, não sei o quê, mas... eu sinceramente, eu não acho que isso seja fundamental. Eu acho que fundamental é dar amor, dar carinho.

Pode-se inferir que para V. essa questão da amamentação não tem um *status* de obrigatoriedade; que para ela isso não faz tanto efeito. Até porque, desde a primeira filha, ela não amamentou por muito tempo, pois não teve uma produção de leite suficiente para continuar, e assim ocorreu nas outras duas gestações; apenas na última que sua falta de leite era decorrente da intervenção cirúrgica. Mas isso, pode-se inferir, não fez com que ela se sentisse menos mãe ou frustrada, até porque ela não menciona qualquer frustração desse tipo. Ao contrário, parece muito tranquila ao falar sobre não amamentar, pois aparenta convicção quando fala que o importante, “*o fundamental é dar amor, dar carinho*”. Contudo, ela pontua que o marido demonstrou certa insatisfação frente a ela não amamentar, já que o discurso dele está atrelado a esta obrigatoriedade da amamentação imposta socialmente, ou seja, um ideal social vinculado à maternidade. Esta obrigatoriedade também se revela quando V. comenta que não amamenta seu filho e as pessoas “*julgam como se tu fosse um bicho*”, ou seja, como se não fosse efetivamente mãe por causa disso. Como já apontado, podemos localizar que ocorre a apropriação singular dos ideais sobre a amamentação, o que diversifica as práticas das mulheres-mães; porém, também localizamos que esse discurso sobre a amamentação é algo que está enraizado na cultura, nos ideais sociais.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tratou da singularidade de três mulheres sobre a experiência da maternidade, e como cada uma delas lida (ou lidou) com as transformações de seus corpos decorrente dessa experiência, diante de ideais sociais estéticos vigentes na atualidade. Isto porque, como já mostrado, na atualidade, há um discurso e um ideal sobre a estética corporal, sobre o corpo e sua forma, que recai principalmente sobre as mulheres. Os ideais da cultura sobre a estética, atualmente, consistem em valorizar o corpo magro e definido, sendo que essas características estão atreladas à noção de cuidado pessoal, saúde e bem-estar.

Nas entrevistas que realizei com as três participantes, em algum momento, todas atrelaram suas necessidades de cuidar do corpo ao dever de fazer exercícios, considerando-os como uma questão de saúde. Não estou indo contra a importância de um exercício físico para a saúde do corpo e a necessidade de manter o corpo ativo; no entanto, há uma diferença entre manter o corpo ativo e a busca por um corpo definido, malhado, perfeito. Esses ideais propagados pela cultura através das mídias (televisão, jornais, revistas, internet, dentre outros), agregam-se aos ideais que cada mulher elabora para si mesma. Portanto, “todas estas práticas, sem exceção, surgem reeditadas, a cada verão, como facetas do ethos do bem-estar e do cuidar de si, em que o sujeito contemporâneo deve estar engajado para não ser visto como desleixado ou preguiçoso” (BRAZÃO, NOVAES E VILHENA, 2010, p. 45). De acordo com as autoras, há uma “moralização da beleza” (BRAZÃO, NOVAES E VILHENA, 2010, p. 45), em que o desleixo com a aparência é atribuído como um defeito de caráter. De acordo com Pimentel (2008), atualmente, “o que conta é a aparência. As imagens dos corpos que desfilam assumem a forma padronizada vigente e o lugar de objetos de desejo” (p. 43), sendo que a autora argumenta que essa busca pelo corpo perfeito está a serviço da “franca recusa da castração” (PIMENTEL, 2008, p. 43).

Portanto, por meio das entrevistas, pode-se ter acesso a discursos singulares sobre a experiência da maternidade, suas transformações físicas e psíquicas. Pode-se identificar, por um lado, um discurso presente em todas, vinculando a necessidade de se exercitar a uma questão de saúde e bem-estar. Mas, por outro lado, também existe um discurso no qual os exercícios estavam a serviço da busca por um corpo dentro dos padrões estéticos vigentes na sociedade, ou seja,

estavam a serviço de perder gorduras de determinada parte do corpo (barriga), de atender a uma demanda do marido, de se sentir mais bonita, dentre outros.

Nos discursos das entrevistadas, cada uma a sua maneira fala sobre o cuidado consigo mesma como uma questão de saúde, ou seja, que o discurso de se exercitar está a serviço da necessidade de se manter saudável. Inclusive, uma das entrevistadas, que se define como sedentária, realça que acha que deve fazer algum exercício porque é uma questão de saúde. Porém, seus discursos também expressam a demanda por corresponder ao padrão estético vigente, ou seja, que esse cuidado de si está atrelado à busca pelo corpo considerado esteticamente ideal. Ainda, os discursos das entrevistadas expressam a associação que elas realizam entre o corpo esteticamente bonito e outras demandas como a busca pela aprovação dos companheiros, amigos e amigas; a necessidade de corresponder ao modelo de mãe estabelecido socialmente; a busca pela satisfação na relação conjugal e na sexualidade, dentre outras. Assim, a questão é sobre o que esses discursos podem estar expressando. Revela que os ideais sociais não estão desvinculados à vida do indivíduo, ao contrário, pois esses ideais sociais fazem parte da constituição dos próprios ideais das pessoas.

O que singulariza e diferencia uma pessoa da outra é a maneira como são subjetivados esses ideais e o modo como repercutem em suas vidas. Na sociedade contemporânea, existe um bombardeio constante de ideais propagados pela cultura e enraizados na subjetividade das pessoas, aos quais elas tentam corresponder. Dentre esses ideais, existem aqueles acerca da mãe e da mulher historicamente instituídos e que foram, aos poucos, sofrendo mudanças, como já apontado. Entretanto, como também anteriormente apontado, os novos ideais sobre a mãe e a mulher convivem com os velhos ideais, em que, muitas vezes, as mulheres buscam corresponder a todos eles. Ainda, esses ideais sociais podem e são apropriados de formas diferentes, singulares, por cada pessoa.

Portanto, cada uma das três participantes, em seus contextos e história de vida, constituíram seus ideais sobre si mesmas atrelados aos ideais propagados pelo social. Assim, o que diferencia e singulariza cada indivíduo é a forma como cada um internaliza esses ideais, mas também a maneira como eles são transmitidos para cada uma. O alcance desses ideais sociais na vida das pessoas depende de como cada uma delas se apropria deles e os articula à sua subjetividade. A transmissão das referências, normas, valores, críticas, começam desde o nascimento,

sendo fundamentalmente na relação primeira da mãe e da criança, pois a mãe faz parte e está inserida na sociedade, ao mesmo tempo em que possui suas próprias referências, normas, seus valores, suas críticas, os quais transmitirá e constituirá o seu bebê. De acordo com Hornstein (1989):

para a psicanálise, a subjetividade remete aos primeiros laços afetivos com o mundo, ao lugar que a criança veio ocupar na estrutura familiar, a como foi desejada, às imagens que foi construindo como próprias. Desde o primeiro sorvo de leite, a criança está incorporando um complexo mundo simbólico do qual seu Eu atual é consequência. (p. 32)

Assim, uma das participantes, a L., que possui um biotipo magro, e que tem facilidade para emagrecer, manifesta que sofre uma pressão por não fazer nenhum tipo de exercício físico, pois todos da sua família fazem e enfatizam que ela deve fazer também. Ao comentar sobre isso, L. justifica que sabe que essa questão envolve a saúde. Portanto, mesmo estando dentro dos ideais estéticos vigentes, pois é magra, sofre uma pressão por não corresponder a outro ideal social propagado, o de cuidado de si, de bem-estar, de fazer exercícios físicos. Ou seja, sempre há ideais sociais a serem correspondidos. L., no seu discurso, também identifica os vários ideais aos quais busca corresponder, principalmente o ideal de mãe, o qual ela entende como dizendo respeito ao fato de ter que dar conta de tudo e todos, pois a mãe tem que cuidar dos seus filhos sem o auxílio de ninguém. Esses ideais foram historicamente constituídos e enraizados na cultura, repercutindo até a atualidade.

Já a participante D., na sua fala, demonstrou estar mais preocupada com o seu corpo, e admitiu que busca estar dentro do padrão estético, mas não completamente. Ela tem uma crítica frente ao padrão propagado pelas mídias, e argumenta que não sente necessidade em corresponder a esses padrões, pois eles são de pessoas que trabalham com sua imagem, que não é o caso dela. Mas sente que há uma pressão social mais direta, de pessoas próximas; porém, ao mesmo tempo, identifica que a maior pressão vem de si mesma, de seu próprio ideal sobre si mesma. Contudo, D. salienta que esses ideais estão atrelados a uma questão de saúde do corpo, de bem-estar, de se sentir confortável consigo mesma.

Esse discurso, no qual a estética se justifica pela busca de um corpo saudável, está presente em V., pois, mesmo possuindo um biotipo magro, a questão do exercício físico, de acordo com a participante, tem o objetivo de se manter saudável, sem dores físicas. No entanto, os exercícios também estavam a serviço de V. adquirir um corpo com mais massa muscular, pois não lhe agradava ser muito magra. Mas para V. a questão de se exercitar vai além, pois alega que este a auxilia manter-se saudável psiquicamente, ou seja, acalma as dores psíquicas. Contudo, simultaneamente, no discurso de V., pode-se identificar que a noção de beleza é algo presente nela, de estar bonita durante a gestação, de se manter atraente fisicamente para o marido, no ambiente de trabalho, em casa se manter arrumada. São questões que V. salientou buscar fazer.

O que pude perceber nas entrevistas é que, conscientemente, ou até racionalmente, por meio de seus discursos, elas buscam não corresponder aos ideais estéticos vigentes. Só que, através de seus próprios discursos, revelam que, de uma maneira ou outra, correspondem a esses ideais. Desta forma, o que é possível entender é que não há como fugir desses ideais presentes na cultura, pois eles de alguma forma fazem parte do indivíduo constituindo-o. Inclusive Freud (1929), no seu trabalho “O mal-estar na civilização”, escreve sobre a busca pela felicidade, a necessidade que as pessoas têm de serem felizes; também fala sobre o adoecimento delas associado à própria neurose. O autor argumenta que: “descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais” (p. 94). Desta forma, o que Freud constatou é que os ideais da cultura exercem uma influência e contribuem para o adoecimento das pessoas, para o surgimento da neurose. Assim, pode-se supor que os ideais propagados pela cultura tem o poder de influenciar e até de contribuir para o surgimento da neurose nas pessoas, como consequência delas não corresponderem a esses ideais. No entanto, não são os únicos responsáveis pelo surgimento da neurose, como também não são fatores decisivos para o adoecimento do sujeito. Contudo, o que o autor problematiza com essa frase é que o indivíduo adoee a partir da constituição psíquica de cada um, pois ela envolve a impossibilidade de renunciar a determinadas pulsões em detrimento da sociedade, até a incapacidade para abdicar de seu narcisismo primário.

Mostra-se interessante salientar e lembrar que há uma exacerbação do narcisismo na cultura contemporânea, a qual favorece o superinvestimento nos ideais contemporâneos no corpo. Como apontado

na dissertação, a cultura atual é predominantemente uma cultura narcísica, na qual o investimento e interesse é voltado para o próprio Eu, e podemos inferir que é voltado para o Eu-corporal, pois o corpo tomou um status de objeto, e mais, de objeto de consumo, algo a ser consumido, adquirido, sem medir esforços. Em um dos artigos trabalhados, o corpo é moeda, é dinheiro, e isso é facilmente observável na cultura atual, pois basta olhar as capas de revistas, como também basta acessar as redes sociais da internet. Portanto, a sociedade atual, essa sociedade predominantemente narcísica, que superinveste nos ideais de corpo e maternidade, dentre outros, deixa suas marcas na constituição psíquica das pessoas, assim como na construção de seus ideais.



## REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.

BRAZÃO, Marina Agarez; NOVAES, Joana de Vilhena; VILHENA, Junia de. “Quem quer ficar na barriga da mamãe? Sobre a gestação em tempos de culto ao corpo”. **Revista Eletrônica Polêmica**, 9(4), 43-57. 2010. Recuperado em 02 de janeiro de 2013, de <http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/view/66/133>

CINTRA, Ana Lúcia. **Corpo a corpo: representações identitárias, singularidades e abrigo institucionais para crianças**. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2010. Recuperado em 27 de maio de 2012, de <http://www.tede.ufsc.br/teses/PPSI0393-D.pdf>.

COSTA, Jurandir Freire. “Narcisismo em tempos sombrios”. In: MEZAN, Renato. **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988. (pp. 151-174).

DEL PRIORE, Mary. “**Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**”. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (2ª edição)

FREUD, Sigmund. “Estudos sobre a histeria”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1895).

\_\_\_\_\_. “Estudios sobre la histeria”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. II. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1895).

\_\_\_\_\_. “Psicopatologia da vida cotidiana”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1901).

\_\_\_\_\_. “Psicopatología de la vida cotidiana”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. VI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1901).

\_\_\_\_\_. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. Tres ensayos de teoría sexual. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1905).

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. “Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. “A dinâmica da transferência”. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. “Sobre la dinámica de la transferencia”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. “Recordar, repetir e elaborar”. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. “Recordar, repetir y reelaborar”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1912).

\_\_\_\_\_. “Psicologia de grupo e análise do ego”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1921).

\_\_\_\_\_. “Psicología de las masas y análisis del yo”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1921).

\_\_\_\_\_. “O mal-estar na civilização”. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

\_\_\_\_\_. “El malestar en la cultura”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

\_\_\_\_\_. “Novas conferências introdutórias de psicanálise”. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1933).

\_\_\_\_\_. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”. In: **Sigmund Freud obras completas**. vol. XXII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986. (Trabalho original publicado em 1933).

\_\_\_\_\_. “À guisa de introdução ao narcisismo”. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Coordenação geral da tradução por Luis Alberto Hanns. vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Trabalho original publicado em 1914).

\_\_\_\_\_. “Luto e Melancolia”. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Coordenação geral da tradução por Luis Alberto Hanns. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1917).

\_\_\_\_\_. “Além do princípio do prazer”. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Coordenação geral da tradução por Luis Alberto Hanns. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1920).

\_\_\_\_\_. “O Eu e o Id”. **Obras psicológicas de Sigmund Freud**. Coordenação geral da tradução por Luis Alberto Hanns. vol. 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007. (Trabalho original publicado em 1923).

IWASSO, S. “Cirurgia plástica após parto avança entre as brasileiras. Especialistas desaconselham pressa em fazer correção estética, popular

nos EUA e Inglaterra”. **O Estado de S. Paulo**. 2008. Recuperado em 27 de maio de 2012, de <http://txt.estado.com.br/editorias/2008/01/07/ger-1.93.7.20080107.1.1.xml>.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (4ª edição).

LASCH, Christopher. **La cultura del narcisismo**. Barcelona: Editorial Andrés Bello, 1999.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo (2006). “O corpo em psicanálise”. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 22(2), 241-249. 2006. Recuperado em 29 de dezembro de 2012, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722006000200014&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-37722006000200014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200014&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-37722006000200014).

MACEDO, Mônica Medeiros Kother. **Neurose: leituras psicanalíticas**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PIMENTEL, Déborah. “Beleza pura”. **Estudos Psicanalíticos**, 31. 2008. Recuperado em 03 de janeiro de 2013, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372008000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100006&lng=pt&nrm=iso)

ROSA, Miriam Debieux. “A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica”. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, 4(2). Recuperado em 17 de junho de 2012, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso).

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. “O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação”. **Psicologia & Sociedade**, 22(1), 180-188. 2010. Recuperado em 17 de junho de 2012, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822010000100021&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000100021&lng=pt&tlng=pt).

SCAVONE, Lucila. “Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero”. **Interface**, 5(8). 2001. Recuperado em 17 de junho de 2012, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832001000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000100004&lng=pt&nrm=iso).

SCOTT, Joan. “O enigma da igualdade”. **Revista Estudos Feministas**, 13(1). 2005. Recuperado em 04 de janeiro de 2013, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100002&lng=en&nrm=iso).

SILVA, Heloisa Cardoso da; REY, Siloé. “A beleza e a feminilidade: um olhar psicanalítico”. **Psicologia Ciência e Profissão**, 31(3). Recuperado em 28 de maio de 2012, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300009&lng=en&nrm=iso).

VALENÇA, Maria da Conceição Araújo. **Feminilidade em Freud e na contemporaneidade: repercussões e impasses**. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2003. Recuperado em 19 de junho de 2012, de [http://www.unicap.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2006-12-20T145831Z-51/Publico/Maria%20Araujo.pdf](http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-20T145831Z-51/Publico/Maria%20Araujo.pdf).

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio; NOVAES, Joana de Vilhena. “A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade”. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, 5(1).

Recuperado em 30 de dezembro de 2012, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006&lng=pt&nrm=iso).

NOVAES, Joana de Vilhena; VILHENA, Junia. “Meu corpo, minha prisão... em busca do corpo ideal”. In: **Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental**. 2006. Recuperado em 30 de dezembro de 2012, de [www.psicopatologiafundamental.org](http://www.psicopatologiafundamental.org).



**ANEXO**





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**  
Área de Concentração:  
Práticas Sociais e Constituição do Sujeito

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre como a mulher-mãe vivencia as transformações corporais decorrentes da maternidade frente aos ideais de beleza contemporâneos, a ser realizada pela pesquisadora principal Maria Alice Weber Ferreira, sob orientação da Profa. Dra. Mériti de Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

O estudo tem por objetivo geral “analisar a apropriação singular que a mulher-mãe realiza dos ideais sociais acerca do corpo e os recursos subjetivos de que lança mão para transitar pela feminilidade e sexualidade”. De forma específica, pretende-se: a) analisar os ideais de beleza e de corpo contemporâneos na sua relação com a demanda socialmente imposta à mulher-mãe b) analisar os discursos da mulher-mãe referentes a esses ideais sociais c) identificar as modalidades singulares elaboradas para lidar com a sua feminilidade, a sua sexualidade e o seu corpo.

A pesquisa será realizada por meio de entrevistas, com mulheres que já passaram pela experiência da gestação e que o parto tenha ocorrido no mínimo há quatro meses. A entrevista será agendada no horário e local de preferência das participantes, respeitando-se as especificidades da rotina de cada uma, mas levando em consideração que o local seja reservado e com o mínimo possível de interrupções, mas tendo em vista que serão mães de bebês e estes poderão necessitar de seus cuidados. As entrevistas serão gravadas em áudio, sendo que nomes ou quaisquer dados que possam identificar as participantes não serão utilizados. A pesquisa poderá suscitar algum desconforto à

entrevistada a partir da vivência subjetiva frente às questões propostas e, neste caso, o entrevistador irá procurar minimizá-lo, visto que sua formação em Psicologia inclui preparo para o manejo de tais situações. Ainda é esperado que o estudo traga benefícios para as participantes, pois terão um espaço para falar de suas experiências decorrentes da maternidade, podendo elaborar essas experiências em parceria com a pesquisadora.

Fui esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicada, poderei contatar a pesquisadora principal pessoalmente ou por meio do telefone (48) 99XX-XXXX. Também foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Os dados fornecidos serão confidenciais, os nomes dos participantes não serão identificados em nenhum momento, e o acesso aos dados coletados será realizado pela pesquisadora principal – Maria Alice Weber Ferreira – e/ou pela pesquisadora responsável – Profa. Dra. Mériti de Souza. As informações serão utilizadas para elaboração da dissertação de mestrado e na publicação em livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos. Conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, o pesquisador principal da pesquisa ofertou-me uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa referente ao projeto intitulado *Mulheres, corpos, maternidades: singularizações e ideais sociais*, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para a realização da pesquisa.

Cidade, \_\_\_\_\_, (data) \_\_\_\_\_

Participante \_\_\_\_\_

Maria Alice Weber Ferreira

Dra. Mériti de Souza

**Endereço: Campus Universitário – Trindade – Florianópolis – SC – CEP 88040-500**